

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS  
HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E  
VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE LITERATURA BRASILEIRA**

**CRÔNICAS DE RAUL POMPÉIA: UM  
OLHAR SOBRE O JORNALISMO  
LITERÁRIO DO SÉCULO XIX**

**Márcia Aparecida Barbosa Vianna**

**São Paulo**

**2008**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA**

**CRÔNICAS DE RAUL POMPÉIA: UM OLHAR  
SOBRE O JORNALISMO LITERÁRIO DO  
SÉCULO XIX**

**Márcia Aparecida Barbosa Vianna**

**Tese apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação  
em Literatura Brasileira, do  
Departamento de Letras  
Clássicas e Vernáculos da  
Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas  
da Universidade de São  
Paulo, para obtenção do  
título de Doutor em Letras.**

**Orientador: Prof. Dr. Flávio Wolf Aguiar**

**São Paulo**

**2008**

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus pais, Suzano e Zizi, que em um ato de amor e coragem, me deram oportunidade de chegar até aqui.*

*(Saudades)*

## AGRADECIMENTOS

*À professora Nelyse, por sua dedicação incondicional.*

*Ao professor Flávio, por seu profissionalismo e providencial orientação.*

*Àqueles que iniciaram comigo esta caminhada, mas hoje dormem, profundamente: José Luiz, Meire, Mãe e Paulo.*

*Àqueles a quem amo, por todos os momentos de tristezas e alegrias, lutas e glórias: Val, Suzano, Guilherme e Juliana.*

*E àquele que me fortaleceu em todos os momentos, me guiando e conduzindo cada passo dessa conquista: Deus.*

## SUMÁRIO

**Índice**

**Índice de Figuras**

**Resumo / Abstract**

<b>Introdução .....</b>	<b>01</b>
<b>Capítulo I .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo II .....</b>	<b>46</b>
<b>Capítulo III .....</b>	<b>93</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>141</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>145</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>152</b>

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>13</b>
<b>1 TECENDO UM OLHAR SOBRE O SÉCULO XIX.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Um período marcante na história brasileira: o contexto de Raul Pompéia.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 A imprensa efervescente de seu tempo.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2.1 O despertar do leitor pompeiano.....</b>	<b>25</b>
<b>1.2.2 Um novo tempero jornalístico: a crônica.....</b>	<b>30</b>
<b>1.2.2.1 Tipologia: Histórica? Literária? Jornalística?.....</b>	<b>37</b>
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>46</b>
<b>2 O ENCONTRO COM O TEXTO: O CORPUS.....</b>	<b>46</b>
<b>2.1 As crônicas de Pompéia apresentadas por Afrânio Coutinho.....</b>	<b>48</b>
<b>2.1.1 Apresentação da obra: as particularidades do texto verificadas através da catalogação das crônicas.....</b>	<b>59</b>
<b>2.1.2 Índice Onomástico.....</b>	<b>71</b>
<b>2.1.3 Aspectos visuais e gráficos característicos das publicações contemporâneas a Raul Pompéia.....</b>	<b>81</b>

<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>92</b>
<b>3 UM OLHAR SOBRE RAUL POMPÉIA.....</b>	<b>92</b>
<b>3.1 Uma personalidade ímpar.....</b>	<b>100</b>
<b>3.1.1 As particularidades de um estilo inovador....</b>	<b>115</b>
<b>A) A Poética: <i>Glória Latente</i>.....</b>	<b>117</b>
<b>B) A Crítica: “<i>Imprensa e Suicídios</i>”.....</b>	<b>125</b>
<b>C) O Impressionismo: “<i>O Carnaval do Recife</i>”.....</b>	<b>130</b>
<b>D) A Política: “<i>Céu e Inferno</i>”.....</b>	<b>134</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>141</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>145</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>152</b>
<b>Crônica 01.....</b>	<b>152</b>
<b>Crônica 02.....</b>	<b>153</b>
<b>Crônica 03.....</b>	<b>154</b>
<b>Crônica 04.....</b>	<b>155</b>
<b>Crônica 06.....</b>	<b>155</b>
<b>Crônica 07.....</b>	<b>156</b>
<b>Crônica 08.....</b>	<b>157</b>
<b>Crônica 09 (a) .....</b>	<b>158</b>
<b>Crônica 09 (b).....</b>	<b>159</b>
<b>Crônica 09 (c).....</b>	<b>162</b>
<b>Crônica 10 (a).....</b>	<b>165</b>
<b>Crônica 10 (b).....</b>	<b>166</b>
<b>Crônica 10 (c).....</b>	<b>168</b>



<b>Crônica 10 (d)</b> .....	170
<b>Crônica 11</b> .....	171
<b>CRÔNICA 12 (a)</b> .....	175
<b>CRÔNICA 13 (b)</b> .....	178
<b>CRÔNICA 14</b> .....	180
<b>CRONICA 15</b> .....	181
<b>CRÔNICA 16</b> .....	182
<b>CRÔNICA 17</b> .....	184
<b>CRÔNICA 18</b> .....	186
<b>CRÔNICA 19</b> .....	186
<b>CRÔNICA 20</b> .....	187
<b>CRÔNICA 22 – <i>Glória Latente</i></b> .....	190
<b>CRÔNICA 23 - <i>Imprensa e Suicídios</i></b> .....	194
<b>CRÔNICA 24.- <i>O Carnaval no Recife</i></b> .....	198
<b>CRÔNICA 25 - <i>Céu e Inferno</i></b> .....	200
<b>TEXTOS DE OLAVO BILAC</b> .....	204
<b>TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS</b> .....	208
<b>TEXTO DE MÁRIO DE ANDRADE</b> .....	211

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Ilustração 1</b> - Jornal " <i>O Estado de São Paulo</i> ", 18 de outubro de 1890, ano XVI, nº. 4.696.....	88
<b>Ilustração 2</b> – Jornal " <i>O Estado de São Paulo</i> ", 25 de março de 1891, ano XVII, nº. 4.822.....	89
<b>Ilustração 3</b> - Jornal " <i>O Estado de São Paulo</i> ", 30 de agosto de 1892, ano XVIII, nº. ilegível.....	90
<b>Ilustração 4</b> - Jornal " <i>O Estado de São Paulo</i> ", 31 de janeiro de 1893, ano XIX, nº. 6.841.....	91

## RESUMO

Este trabalho acadêmico propõe um olhar sobre as crônicas do autor Raul Pompéia, jornalista político, conhecido por seu romance “O Ateneu”, clássico da Literatura Brasileira, entretanto pouco reconhecido por suas publicações na imprensa periódica nacional do século XIX, principalmente nos folhetins, durante os anos de 1880-1894, época em que contribuiu intensamente com a publicação de seus escritos, como observador dos fatos e dos acontecimentos do cotidiano do povo brasileiro. Faremos uma análise da poética vigente em suas crônicas, cuja riqueza da linguagem reflete o autor literário, jornalista e conseqüentemente historiador, uma vez que o ato da escrita fez parte da vida do cronista, e tornou-se um espelho da sociedade brasileira do final do século XIX, nas páginas da *“Revista Ilustrada”*, do *“Diário de Minas”*, do jornal *“O Farol”*, do *“O Estado de São Paulo”*, do *“Jornal do Comércio”*, da *“Gazeta de Notícias”* e da *“Gazeta da Tarde”*.

## ABSTRACT

This paper proposes an academic look at the chronicles of *Raul Pompéia*, a political journalist, famous for his novel “*O Ateneu*”, classic of Brazilian literature, but little known by its national periodical publications in the press of the 19<sup>th</sup> century, especially in serials, during the years of 1880-1894, when he contributed constantly to the political thought of his time with the publication of his writings, as an observer of facts and events of everyday life of the Brazilian people. We will perform an analysis of the poetic force in his its chronicles, which reflect the richness

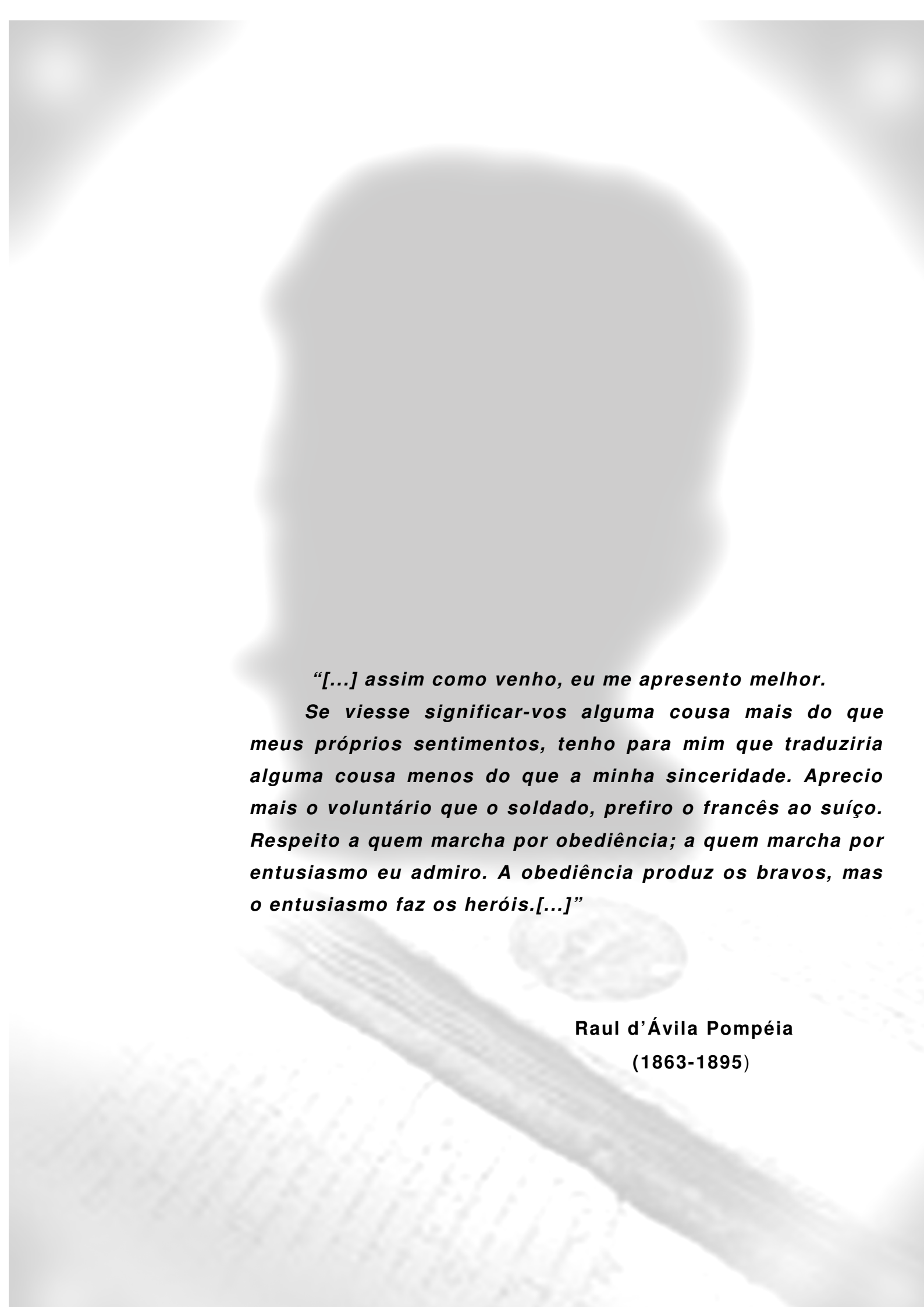
of the literary language of this author. He was a journalist but became also a historian consequently, since his writings became a mirror of Brazilian society at the end of the 19<sup>th</sup> century, in the pages of “*Revista Fluminense*”, “*O Estado de São Paulo*”, “*Jornal do Comércio*”, “*A Província do Espírito Santo*”, “*Gazeta de Notícias*” and “*Gazeta da Tarde*”.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Crônicas - imprensa brasileira do século XIX – cotidiano - poética - discursos jornalísticos / literários

## **KEY WORDS**

Chronicles; the Brazilian press of 19<sup>th</sup> century; daily life; poetic; journalistic and literary discourses



*“[...] assim como venho, eu me apresento melhor.  
Se viesse significar-vos alguma coisa mais do que meus próprios sentimentos, tenho para mim que traduziria alguma coisa menos do que a minha sinceridade. Aprecio mais o voluntário que o soldado, prefiro o francês ao suíço. Respeito a quem marcha por obediência; a quem marcha por entusiasmo eu admiro. A obediência produz os bravos, mas o entusiasmo faz os heróis.[...]”*

**Raul d'Ávila Pompéia  
(1863-1895)**

## INTRODUÇÃO

“... ele, que em matéria  
de armas só manjava  
bem a pena..”<sup>1</sup>

(Brito Broca)

Nossa intenção, neste trabalho acadêmico, é efetuarmos um *olhar* sobre o domínio literário surgido com o consumismo burguês do século XIX, via folhetins, caracterizado por suas publicações, entre elas a crônica, incorporada aos hábitos da imprensa brasileira, através de Raul Pompéia.

Esse *olhar* se aterá a pontos específicos: prestaremos atenção na retórica, na erudição, na linguagem, no subjetivismo e nas particularidades do texto pompeiano, conjugados com o contexto geral em que as crônicas se inseriram.

Tal análise implica nas relações assimétricas entre texto / leitor, sua produção e atualização, revelando o universo de Pompéia - sua vida, suas particularidades, seus ideais, suas inovações, suas lutas e os reflexos em seus leitores.

Esta hipótese de pesquisa basear-se-á na exposição de uma problemática especial – o conflito da criação e da inovação poética de do autor, cujos aspectos adquiriram uma particularidade dentro do estilo da época – realismo, parnasianismo, simbolismo, impressionismo - resultando em produções únicas, ecléticas, de valor ímpar diante do contexto do século estudado, tempo em que os grupos sociais desenvolveram diferentes linguagens, mas criaram um senso comum, uma referência coletiva. Esse modelo textual instaurou o movimento da comunicação, mas dependeu do repertório do leitor e das estratégias de leitura propostas para que houvesse

---

<sup>1</sup> Brito Broca, *Raul Pompéia*, São Paulo, Ed. Melhoramentos, s/d, pág. 61.

uma atualização dos sentidos e tornasse os textos correlatos à consciência de seu intérprete.

Esperamos contribuir assim para o estudo dos cânones da Literatura Brasileira, que ainda precisam ser lapidados, como veremos ao longo desta pesquisa, que visa apresentar, não a totalidade da produção do autor, por ser ampla, mas uma amostragem da originalidade da escrita e da poética dele, expressas e publicadas por um período de quinze anos nas páginas dos mais variados meios de comunicação; e que hoje, mais de um século da data de produção, são o nosso foco de estudos, por sua pluralidade temática, abrangendo vários gêneros: o histórico, o literário e o jornalístico.

Observaremos o discurso das crônicas de Pompéia, a fim de vê-lo como reflexo do meio social em que esteve inserido, constituindo a realidade de seu tempo, mostrando sua opinião sobre os acontecimentos pessoais e contemporâneos. Ele apresentou toda uma ideologia das classes sociais de então, presente no contexto da produção, que ilustrou os fatos e as notícias do cotidiano, além de focar os principais acontecimentos do Brasil.

O conhecimento e a interpretação das crônicas jornalísticas de Raul Pompéia traçaram um plano coincidente, portanto, tentaram, analisar simultaneamente o ponto de aplicação literária, em que importou mais *como o escritor disse* (a particularidade da escrita) a um ponto de aplicação jornalística, onde o fator principal foi *o que o jornalista disse* (a notícia, a sua função referencial na clássica definição de Roman Jakobson).

O autor representou os ideais de sua época, um retrato histórico do estilo de vida e da literatura do país, cujos autores lutaram com palavras, sentimentos e posicionamentos irônicos para combater as desigualdades em um momento de

transformação política, religiosa e econômica que configuraria em um Brasil menos apático, mais ativo nas revoluções sócio-culturais internas.

Ele contrapôs alguns requisitos convencionais do formato da crônica, já que esta geralmente possuía uma linguagem mais leve, clara e de fácil entendimento ao leitor. Os textos do autor eram mais densos e em algumas ocasiões, extensos, com um vocabulário rico, uma crítica velada ao academicismo, como checaremos em "*Glória Latente*". Nela ele revelou uma maturidade estética como autor.

Anotem-se, ainda, a presença da base da poética da cultura clássica, muita leitura e experiências pessoais adquiridas nos mais variados acontecimentos que particularizaram o final do século, principalmente na crônica "*Céu e Inferno*", focalizando os aspectos políticos e os jogos de interesse de um período de transição e construção de uma nova realidade para o crescimento e desenvolvimento intelectual do Brasil, a conturbada passagem do Império para a República.

A crítica desmedida, facilmente poderia lhe dar o apelido de "*boca do inferno do século XIX*". Esta esteve sempre presente em suas linhas. Um exemplo disso pode ser visto na crônica "*Imprensa e Suicídio*", onde apresentou sua opinião sobre o jornalismo sensacionalista em vigor na época, com citações em latim, um amplo domínio do pensamento medieval, demonstrando uma pluralidade cultural e sua posição pessoal sobre o tema desenvolvido.

Outro aspecto, talvez a característica mais evidente do autor, se apresentou no relacionamento e na plasticidade de sua produção literária. O cromatismo e o impressionismo configuraram as linhas de "*O Carnaval no Recife*", um misto de recursos lingüísticos aplicados com perfeição, e a sensibilidade



exposta em um jogo de símbolos, imagens e cores, revelando a sua apreciação da cultura popular do povo brasileiro.

Nos textos de Raul Pompéia os leitores encontraram relações conflituosas relacionadas à subjetividade e à ironia. A subjetividade deveria ser interpretada de acordo com o contexto cultural do receptor; já a ironia formou a configuração, permitindo ao leitor identificar a relação entre os signos que surgiram no decorrer da leitura. Essa configuração fragmentou-se numa multiplicidade de associações imaginárias, nem sempre esgotáveis, servindo de “pano de fundo” da ironia problematizada, agindo sobre o jogo individual criado pela imaginação, visando identificar as correlações entre os signos e fazendo aparecer o ato de compreensão como um encadeamento de reações indispensáveis ao entendimento.

Conseqüentemente, compreenderemos a escrita do autor, num paralelo de antecipação estilística, como muito similar aos ideais modernos de transgressão literária e formal, de inegável autenticidade, na busca de uma nova criação estética, ao inserir diferentes tendências que configuraram um processo de crescimento profissional inigualável ao longo de seus quinze anos de atividade na imprensa.

A crônica do século XIX, os romances, os contos, os poemas em prosa, apresentados por ele, se encontram em uma coletânea de 10 exemplares das obras completas, organizada por Afrânio Coutinho<sup>2</sup>, antologia de sua produção literária, localizada nos volumes VI, VII, VIII e IX, bem como os cotidianos folhetinescos produzidos ao longo de sua carreira.

Por ser extenso o número de crônicas apesar do curto período de produção do autor, para esta análise, faremos um “recorte” e selecionaremos o volume VII (Crônicas 02), como

---

<sup>2</sup> Afrânio Coutinho, *Obras / Raul Pompéia*: organização e notas de Afrânio Coutinho e assistência técnica de Eduardo de Faria Coutinho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Oficina Literária Afrânio Coutinho, FENAME, 1981-1983.

nosso *corpus*, por ter sido o primeiro exemplar da coleção a que tivemos acesso e dele ter surgido esta proposta de pesquisa.

Nessa produção encontram-se 300 textos publicados nos seguintes meios de comunicação: “*Revista Ilustrada*”, “*Diário de Minas*”, “*O Farol*”, “*O Estado de São Paulo*”, “*Jornal do Comércio*”, “*Gazeta de Notícias*” e “*Gazeta da Tarde*”, durante o período de 24 de abril de 1880 até 03 de outubro de 1894, cujos originais podem ser encontrados no acervo da Biblioteca Nacional, no CEDAP<sup>3</sup> e no CEAC<sup>4</sup>. Deste modo “enxugaremos” e “delimitaremos” o corpus em um período de grande significação para a história política, social, jornalística, artística e literária brasileira.

Através de um perfil de modernização, a crônica enriqueceu as páginas dos noticiários com o espírito da inteligência e da expressão dos escritores. No Brasil, nesta modalidade textual nomes da nossa literatura revelaram-se, como Machado de Assis em “*A Semana*” publicada na *Gazeta Mercantil*, José de Alencar, na seção “*Ao correr da pena*”, do *Correio Mercantil*, Olavo Bilac, na seção “*Vida Fluminense*”, no *Combate* e vários outros autores do século XIX.

Para alguns estudiosos, como SÁ (1999)<sup>5</sup>, MEYER (1996)<sup>6</sup> CÂNDIDO (1992)<sup>7</sup> e MELO (1987)<sup>8</sup>, esse formato, com todas as suas particularidades, despertou interesse. Porém, por muito tempo foi classificado como um gênero de caráter menor, pejorativamente recebendo a denominação de - ao *rés-do-chão*.

O foco de discussão desta pesquisa acadêmica nos levará aos seguintes questionamentos: Quando um texto deixa de ser

---

<sup>3</sup> CEDAP – Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa, UNESP – Assis/SP.

<sup>4</sup> CEAC – Centro de Estudos Afrânio Coutinho, localizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que mantém um espaço reservado para os documentos coletados pelo pesquisador.

<sup>5</sup> Jorge de Sá, *A Crônica*, São Paulo, Editora Ática, 1999.

<sup>6</sup> Marlyse Meyer, *Folhetim: uma história*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

<sup>7</sup> Antônio Cândido *et al*, *A vida ao rés-do-chão*, in *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pp.13-22.

<sup>8</sup> José Marques de Melo, *A crônica*, in *Jornalismo e Literatura*, Actas do II Encontro Luso-Afro-Brasileiro, Lisboa, Ed. Vega, 1987.

objeto da imprensa, sintonizado no real imediato, e passa à condição de arte atemporal? O que difere uma atividade da outra? Como eram tratadas as notícias veiculadas nos folhetins? Por quê? O que difere Raul Pompéia dos outros autores da época, como Olavo Bilac e Machado de Assis? O que há em seus escritos que apontam uma nova estética denunciadora da situação política, do cotidiano? A crítica? A ironia? A linguagem? O formato? Qual a sua contribuição para a crônica histórica / jornalística / literária da época?

Estudaremos na crônica, fazendo a relação entre os textos históricos, jornalísticos e literários, propondo um entrelaçamento entre eles, em um processo transdisciplinar, apresentando uma tripla face bastante suscetível de aperfeiçoar a concepção de gênero em uma estrutura pré-determinada por cada modalidade.

Veremos que as diferentes possibilidades de leitura da representação do passado confundiram-se, pois reconstituíram os acontecimentos históricos no contexto da imprensa do século XIX. Essas crônicas apresentaram implicações mais amplas do que apenas a evocação da realidade ou mesmo do que a sua estética, mas também envolveram questões éticas, ideológicas, valorativas ou mesmo as limitações impostas ao cronista, por questões pessoais ou técnicas.

Os teóricos facilitarão o entendimento do conteúdo jornalístico, histórico e literário do autor, formador de um jogo de palavras e idéias, possibilitando visualizar a força irônica contida em sua retórica, além de podermos observar a legibilidade e a visibilidade nas crônicas caricaturais criadas para citar pessoas e situações, muitas vezes formando um viés de conceitos e críticas sociais coerentes com o período abordado, mas sempre com parâmetros de construção bem mais avançados do que os da estética que era sua contemporânea.

Citamos Iser (1979)<sup>9</sup> ao apresentar seus conceitos sobre o efeito do texto no leitor, trazendo um exemplo da mobilidade do ponto de vista da leitura, fator de suma importância à análise do texto jornalístico, pois este diferiu do ficcional, principalmente na abordagem dada pelo autor:

*[...] “o próprio do texto literário é concentrar-se nos vazios comuns a todas as relações humanas, explorá-los, torná-los sistemáticos. Diante do texto ficcional, o leitor é forçosamente convidado a se comportar como um estrangeiro, que a todo instante se pergunta se a formação de sentido que está fazendo é adequada à leitura que está cumprindo. Pois só mediante esta condição, a assimetria entre o texto e leitor poderá dar lugar ‘ao campo comum de uma situação’ comunicacional.”*

A teoria iseriana mostra ser na memória que o leitor encontrou liberdade suficiente para harmonizar a multiplicidade desordenada da vida cotidiana, dando-lhe uma coerência formal do fato, possibilitando, talvez, a única maneira de reter os sentimentos das experiências vividas.

Nesse fundamento teórico verificaremos a crônica como gênero histórico, vista pela crítica em geral, assim como pela crítica literária em particular, baseada na questão da recepção, da estética, do ponto de vista do leitor - diacrônico e sincrônico – propostos pelo teórico dentro dos horizontes de expectativas de cada momento mencionado.

Na concepção iseriana, “sentir o texto” é um acontecimento correlacionado ao conhecimento e à sensibilidade de quem lê. A forma de expressão articulou no leitor pompeiano um processo de realização que se desenvolveu em sua mente, surgindo aí certas ambigüidades, estimulando a formação de obras opostas,

---

<sup>9</sup> Wolfgang Iser, *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, Trad. Johanes Kretzmer, São Paulo, Editora 34, 1996, pág. 24.

construindo uma configuração compensatória e desfazendo as dificuldades encontradas no decorrer da leitura.

Por isso, para o estudioso, essas relações estabeleceram um processo de desenvolvimento da compreensão que não pôde ser desfeito, pois significou o envolvimento do leitor com a obra. Esse fez o texto estar presente no ser e colocou o ser presente no texto. Constituiu um momento decisivo da leitura, onde numerosos fenômenos ocorreram simultaneamente, desempenhando importantes funções no ato de compreensão da crônica e de seu significado.

Então, segundo a teoria iseriana, à medida que leu as crônicas de Raul Pompéia, surgiu uma interação entre o pensamento do leitor e suas experiências passadas, à medida que essa interação colocou em jogo dois processos solidários: a desordem do status da experiência antiga e a formação de uma nova experiência, se observou a compreensão do texto, vista não como um processo pacífico de aceitação, mas sim como a resposta produtiva a uma situação vivida. Era a soma das experiências e idéias diretivas do leitor.

Com a teoria de JAUSS<sup>10</sup>, nos inteiraremos da função de “leitores”, ou seja, pessoas preparadas para a leitura e a análise crítica da produção literária, dialogando com o efeito da recepção encontrada na mesma. Procuraremos saber o que os textos de Pompéia provocaram, e ainda provocam (por sua atualização), de acordo com a capacidade de cada um em ler, interpretar e compreender a mensagem, resultando em múltiplas visões sobre o mesmo texto, bem como entender as motivações que levaram uma determinada obra a ser produzida sob certo enfoque, a fim de encontrar coerência com o acontecido, para perceber os sentidos dos mecanismos ali presentes.

---

<sup>10</sup> Hans Robert Jauss, *Pour Une Esthétique de la réception*, Traduit de l'Allemand par Claude Mailiard, Paris, Gallimard, 1994.

Assim sendo, visaremos não apenas a representação das crônicas em si e seu significado histórico, mas sim o contexto em que elas foram produzidas. O nosso interesse encontra-se na grandiosidade da obra em seus diversos momentos. No entanto, seria pretensioso imaginarmos a possibilidade de se fazer uma análise total (mesmo que isso fosse possível) na abrangência que se propõe esta tese.

Portanto faremos análise de algumas crônicas, através de amostragem, pré-selecionadas, focalizando as idéias e posicionamentos do autor a respeito de seu mundo, como um objeto de denúncia de problemas da vida contemporânea.

Levantando os dados jornalísticos contextuais da produção de Raul Pompéia através de pesquisa na imprensa periódica da época, teceremos o texto com uma análise descritiva / argumentativa, após termos em mãos uma parte do acervo das publicações em periódicos, e meios onde foram publicados; avaliaremos a comunicação dos textos, através do posicionamento teórico sugerido por GENETTE<sup>11</sup>, da concepção de peritextos, observando aspectos do projeto gráfico da publicação e da tecnologia oitocentista, *in loco*, do texto pompeiano no jornal “*O Estado de São Paulo*”<sup>12</sup>, com o auxílio teórico de COLLARO<sup>13</sup> (1996); conjuntamente às crônicas - co.textos (a produção histórica, jornalística e literária), conhecendo o universo do veículo de comunicação - contexto (o momento político, social e econômico).

Em face disso, o primeiro capítulo visará à compreensão do olhar do leitor sobre o momento vivido pelo escritor Raul Pompéia, a imprensa vigente e a arte da escrita desenvolvida nos folhetins, caracterizados como veículos informativos e

---

<sup>11</sup> Gerard Genette, *Palimpsestes*, Paris, Editions du Seuil, 1982.

<sup>12</sup> Estas edições são uma exceções, pois não se encontram no volume citado, mas em posse do material tão rico e concreto, e devido à raridade de encontrarmos as publicações originais, as utilizamos na pesquisa.

<sup>13</sup> Antonio Celso Collaro, *Projeto gráfico: teoria e prática da diagramação*, São Paulo, Summus, 1996.

culturais de uma época muito importante para a formação e consolidação da Literatura Brasileira, o século XIX.

Tal análise implicará nas relações autor / obra / leitor, revelando o universo de Pompéia. Procederemos à pesquisa do meio contextual, observando as ideologias e as características brasileiras vigentes, onde se esboçam as relações intelectuais entre o escritor e a sociedade.

Por ser a análise inicial, o enfoque sócio-histórico observará as formas simbólicas transmitidas e recebidas em momentos e condições específicas, dentro do processo de produção, circulação e recepção das crônicas.

Dando seqüência, verificaremos a recepção do leitor ante esses textos e sua pluralidade de gêneros - o sentido do histórico, do literário e do jornalístico, e a conjunção entre eles (ato transdisciplinar), através do aparato teórico apoiado na estética da recepção, segundo ISER<sup>14</sup> e JAUSS<sup>15</sup>.

Discutiremos ainda, a problemática da estética e da crítica artística dentro de um determinado período, observando e expondo o contexto como uma “relação em comum”, de onde surgiram as produções literárias, suas estruturas, seus significados e o seu papel social.

No segundo capítulo, relataremos o minucioso trabalho de pesquisa e a dedicação, ao longo de 20 anos, do mestre Afrânio Coutinho na coleta de documentos, publicações e materiais, resultando na coleção *Obras – Raul Pompéia*, por ser único e raro levantamento de toda a produção do autor.

Para exemplificar a temática eclética, as personalidades citadas, períodos históricos e particularidades da escrita, catalogaremos uma seção do autor, publicada na Revista Ilustrada, no ano de 1880, que consta no volume analisado, com

---

<sup>14</sup> Wolfgang Iser, *ob. citada*, 1996.

<sup>15</sup> Hans Robert Jauss, *ob. citada*, 1994.

enfoque específico para este trabalho acadêmico, de suma importância em todos os âmbitos analíticos.

Apresentaremos recortes da produção original para analisarmos os veículos de comunicação onde foram publicados os textos, como fontes de pesquisas documentais. Efetuaremos também o índice onomástico de todas as crônicas nele publicadas<sup>16</sup>, para determinarmos as personalidades presentes na obra, além de possibilitarmos eventuais estudos e pesquisas.

No capítulo posterior, o terceiro, conheceremos Raul Pompéia, mostraremos o elo entre o autor e sua escrita, resultando em sua personalidade ímpar, revelada em sua extensa produção cultural e nas particularidades de seu estilo inovador. Desse modo, voltaremos ao nosso objetivo nesta pesquisa, às análises da poética expressa nas narrativas cotidianas do autor.

A intenção é situá-los como informativos / ficcionais característicos do século XIX, tendo como foco o modelo literário da época, configurado em folhetins, com o auxílio de LIMA<sup>17</sup> (2003), MELO<sup>18</sup> (1987) e VIVALDI<sup>19</sup> (1979) teremos a possibilidade de verificar a tipologia dos escritos, para classificá-los como históricos / noticiosos ou históricos / literários, os relacionando com os de outros escritores contemporâneos.

Mas afinal, por que ir às crônicas de Raul Pompéia? Por que lê-las? O que buscar no trabalho de Afrânio Coutinho? Será que essas indagações, se resolvidas mostrarão a importância de Raul Pompéia cronista?

---

<sup>16</sup> Esta pesquisa encontra-se na tese, sendo organizada pela própria doutoranda durante o período de estudos.

<sup>17</sup> Alceu Amoroso Lima, *O jornalismo como gênero literário*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

<sup>18</sup> José Marques de Melo, *ob. citada*, 1987.

<sup>19</sup> Gonzalo Martín Vivaldi, *Gêneros periodísticos*, 2ª ed., Madrid, Paraninfo, 1979.



Esperamos no desenvolvimento desta pesquisa chegar a essas respostas, além de criarmos um vínculo entre pesquisador, leitor e autor, para que todos entrem em sintonia com tão interessante trabalho.

## CAPÍTULO I

“Vais encontrar o mundo...”<sup>20</sup>

(Raul Pompéia)

### 1 TECENDO UM OLHAR SOBRE O SÉCULO XIX

Este capítulo da pesquisa tem como objetivo constituir a contextualização temporal, de outro a sua presença na obra, observando os fatores que influenciaram o então ainda novo gênero – a crônica jornalística. Esses pontos de referência trazem ângulos sociológicos, psicológicos, ideológicos, religiosos, lingüísticos e outros que agiram como um espelho e influíram na visão de Raul Pompéia e nas linhas das publicações, traçando uma função paralelística entre a estrutura literária e a história oitocentista, conforme expõe CÂNDIDO<sup>21</sup>(2006):

*“[...] a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo caso, os quatro momentos de produção, pois, a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.”*

---

<sup>20</sup> Raul Pompéia, *O Ateneu*, Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 1880.

<sup>21</sup> Antonio Cândido, *Literatura e Sociedade*, Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006, pág. 31.

Ao longo da carreira jornalística / literária do autor percebemos o caráter de denúncia, de meditação e comentários dos acontecimentos políticos. Sua produção resgatou episódios e automaticamente expressou os feitos, os cenários e personagens observados pelo próprio cronista como testemunha ocular, numa perspectiva pessoal de expor o seu tempo, para ser lido e analisado pelos contemporâneos e pela posteridade como um produto social.

Independente do momento de vida do autor, convém analisarmos o conjunto de informações disponíveis, das fontes para atualização do fazer histórico, como especifica HOBBSAWM<sup>22</sup>(1998):

*[...] O passado é uma dimensão da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O importante é analisar a natureza desse “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações”.*

Assim sendo as duas últimas décadas do século XIX constituíram um marco na história brasileira, por encerrar um período de intensas contradições e mudanças, revelando um momento conturbado, principalmente na Corte, com a urbanização, a escravidão, a abolição, a crise do sistema imperial, a formação de novos partidos políticos, o movimento republicano e o princípio do novo regime, dividindo as opiniões da população entre poder estar nas mãos de um presidente civil ou militar. Todos estes pontos fazem parte do processo de modernização pelo qual o país passou em meio às redes de poder e configurações partidárias.

Os reflexos dos acontecimentos acima citados atribuíram aspectos importantes para a compreensão dos textos publicados

---

<sup>22</sup> Eric Hobsbawm, *Sobre a História*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pág. 22.

na imprensa desse período, pois esta pode ser considerada um ícone da modernidade, vista como ferramenta decisiva para romper o provincianismo, instalar o debate público, o desejo de mudanças, de progresso e as rupturas ligadas a horizontes teóricos e ideológicos constituídos no Brasil.

A imprensa e seus profissionais estavam evoluindo, em termos de participação e influência. Cada vez mais forte e ousada, ela começava a ganhar um novo formato e a ser porta-voz da sociedade, refletindo as contradições sociais e políticas.

O enfoque e o tratamento dado às produções textuais correspondiam ao entendimento e às concepções que a sociedade configurava do presente imediato ou mesmo dos indivíduos, sobre quem a história era escrita, do meio cultural em que fruía as idéias e pensamentos contemporâneos, como veremos nos contextos apresentados.

### **1.1 Um período marcante na história brasileira: o contexto de Raul Pompéia**

Nos tempos de Raul Pompéia o Brasil passou por um verdadeiro momento de turbulência social. Em seu curto período de vida, desde o nascimento em 1863, até a morte em 1895, o país foi marcado pelas importantes transformações econômicas e sociais do apogeu e fim do Segundo Reinado. Sua geração viveu uma revolução do mundo material, repercutindo em transformações no mundo das idéias.

Na década de 60, as fazendas de cana-de-açúcar davam sinais de decadência; o fim do tráfico negreiro e a campanha abolicionista criaram dificuldades de mão de obra. Os cafezais do Rio de Janeiro alongaram-se em direção ao planalto; e se expandiram às terras paulistas e mineiras. Nesse período a

cultura cafeeira passou a monopolizar as exportações brasileiras.

Conflitos entre a Igreja Católica e a maçonaria geraram a chamada “questão religiosa”, em 1872, fazendo com que o Imperador D. Pedro II perdesse um de seus pontos de sustentação. Em meados de 1880, o sistema imperial entrou em declínio, minado por situações que agitavam os mais diversos seguimentos da sociedade brasileira.

Outro aspecto agravante constituiu-se em problemas militares, com o fim da Guerra do Paraguai, quando os combatentes reivindicaram uma maior participação na vida política brasileira e o regime republicano descortinava-se como cenário ideal para essa participação.

Havia também a amargura dos infindáveis três séculos sob os grilhões do regime escravista, consolidado no período colonial e mantido depois da independência. Possuir escravos não significava apenas ter braços para trabalhar na lavoura cafeeira, mas sim um investimento financeiro altamente lucrativo para muitos fazendeiros. Este modelo de exploração da mão-de-obra começou a se constituir como um obstáculo às idéias de progresso e civilização que circulavam pelo país na década de 1880.

Sob a orientação de Luís Gama e Antônio Bento, muitos abolicionistas, entre eles Raul Pompéia<sup>23</sup>, atuaram febrilmente no incentivo à fuga e contra o açoitamento de escravos fugidos das fazendas.

A abolição da escravatura no Brasil, além de ser produto de um movimento social, se mostrou resultado da ação de homens de imprensa, que se engajaram na campanha,

---

<sup>23</sup> Geralmente, quando o tema do abolicionismo vem à tona, muitos nomes são citados, Raul Pompéia, embora desconhecido atualmente pela história escravocrata, participou ativamente ao lado de Luís Gama e seus seguidores, tanto na defesa intelectual, como na ajuda para a concretização de fugas de escravos que sofriam abusos excessivos de seus donos, os encaminhando para o norte, onde primeiro a abolição foi declarada, no Ceará e no Pará.

contribuindo para acelerar o processo de mudanças, rompendo os paradigmas do conservadorismo, articulando o movimento abolicionista, resultando em uma vasta mobilização popular com os intelectuais, as entidades antiescravistas, parlamentares e grupos sociais que não dependiam diretamente do serviço escravo.

A administração governamental era composta pelos empregados públicos e a elite política e intelectual. Os sucessivos ministérios refletiam a situação de um país onde, o governo e a constituição eram compatíveis com os parâmetros da oligarquia rural e do trabalho escravo. Em virtude dos desmandos e abusos de poder, as pautas extrapolavam os espaços dos jornais e ganhavam discussão do Parlamento. Contra esse público e o sistema de idéias direcionadas aos objetivos políticos deles, Pompéia protestou, vociferou, como na seguinte crônica, o que documenta o seu envolvimento contextual:

*“O projeto Pinhal, para honra da província de São Paulo, cairá na Assembléia Provincial. É o que consta à imprensa.*

*Cairá de ventas, arrastando consigo as pretensões dos dous únicos liberais que, dizem, terão a audácia de votar por ele, o autor e um célebre João Silveira, Deputado do Parlamento pela bossorocas de Casa Branca..*

*Para que não adiantemos com muito entusiasmo os nossos aplausos oferecidos à Província de São Paulo, chega-nos de Limeira, pelo Diário Popular, a notícia de uma grande feira de carne humana naquela cidade. A examinar a mercadoria, havia até republicanos!*

*Desejaríamos estar presentes à tal feira, para ver que cara tem esta espécie de gente que embrulha na mesma confusão de idéias a opinião republicana e o faro de mercador de escravos.*

*Enquanto na província das estradas de ferro e da iniciativa particular, não se houver acabado com esta vergonha dos mercados de carne humana, freqüentados, para cúmulo de ironia, por indivíduos que se anunciam republicanos, enquanto o liberalismo do Senhor de Pinhal tiver a coragem de fazer escândalos como o da última*

*tentativa, não há subvenção provincial a companhias líricas que consigam demonstrar em contrário da má recomendação que valem tais misérias à grande província.*<sup>24</sup>

Em 13 de maio de 1888, o Império cedeu às manifestações libertárias e eliminou o escravismo. Começava aí a preocupação com a construção de uma nova nação, com a reforma agrária e a reintegração dos ex-cativos à sociedade.

Na década de 90, o país voltou-se para outro momento, os conflitos contra o trono e a luta pela República. Ganho a causa, republicanos dividiam-se entre a sucessão militar do Marechal Floriano Peixoto, optando por um posicionamento mais rígido devido à fragilidade e insegurança do momento, e uma possível candidatura da autoridade civil. A sociedade viu-se em meio a discussões e intrigas, que só se findaram após o luto dos florianistas, e a possibilidade de posse do primeiro presidente civil brasileiro, Prudente de Moraes.

## **1.2 A imprensa efervescente de seu tempo**

A imprensa escrita contemporânea a Raul Pompéia, associada desde o século XVIII na Europa com o surgimento da opinião pública, teve seu prestígio social afirmado, ao universalizar um novo modo de pensamento, valorizando a presença da razão, da ciência e da tecnologia.

Após a expansão do capitalismo, a união entre as diferentes possibilidades de ação e os meios de divulgação permitiu o desenvolvimento da cultura, apresentando outras formas de relacionamento social com a sociedade, trazendo à cena política a divulgação e o crescimento dos meios de comunicação, agindo na difusão de cultura e política.

---

<sup>24</sup> *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 2 abr. 1886, in Afrânio Coutinho, *ob.citada*, vol. VII, pág. 81.

Desde o início a imprensa desempenhou papel fundamental em todos os países do ocidente ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX. Sem ela, nenhum desses seria o que de fato é. Cada povo, assim como cada país, se tornou também o fruto de um longo processo de sucessivas aculturações de mudanças dramáticas no campo das comunicações.

As pessoas passaram a ter a “necessidade” de se informar ou de se inserirem no contexto social, consolidando uma forma inovadora de difundir a realidade, fazendo do leitor, não o sujeito dessa verdadeira nova indústria, mas sim seu objeto de ação, com o aumento da informação e a divulgação de fatos do cotidiano, paradoxalmente imortalizados pela efemeridade do jornal impresso.

Foram assimilando idéias, princípios, sentimentos, criando uma cultura de transmissão e aperfeiçoamento dos conhecimentos, além da capacidade de intervir no destino coletivo, fortalecendo uma relação entre obra, autor e leitor, como explica CÂNDIDO<sup>25</sup> (2006):

*“[...] uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e a realidade à obra e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador [...]”.*

A imagem social da imprensa, sempre esteve associada ao seu poder de influenciar a sociedade, possibilitando a partilha dos valores mais comuns, e também as diferenças no papel social da sua capacidade de “moldar” mentes, criar relações e às vezes gerar polêmicas.

A História da Imprensa Brasileira, retratada por SODRÉ<sup>26</sup> (1999) e MELO<sup>27</sup> (2003), relata o início tardio dessa em nossas

---

<sup>25</sup> Antonio Cândido, *ob. citada*, 2006, pág. 48.

<sup>26</sup> Nelson W. Sodré, *História da imprensa no Brasil*, São Paulo, Martins Fontes, 1999.

<sup>27</sup> José Marques de Melo, *História Social da Imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003.



terras, como conseqüência da condição colonial, o desinteresse de Portugal em trazer o desenvolvimento cultural para o futuro país, além do controle das idéias dos leitores.

Com um público leitor restrito, mesmo depois da vinda da família real e da independência boa parte da população vivia em áreas rurais e tinha pouco acesso aos jornais. As matérias chegavam através de uma leitura oral e coletiva nas praças ou em outros locais de socialização, caracterizando a realidade de um país em que boa parte da população era formada por escravos. Como o analfabetismo chegava a extremos, por isso a oralidade exercia a importante função de comunicação, senão a principal.

Como conseqüência, apesar das tentativas de implantação, os jornais surgiam e desapareciam com facilidade. A estrutura deles muitas vezes resumia-se a um tablóide de folha única, com impressão na frente e no verso. Alguns circularam poucas vezes e tiveram fama temporária.

Os primeiros passos da imprensa em território brasileiro foram concomitantes com a instalação do Liceu de Artes, da Academia da Marinha e a Biblioteca Real, quando então Dom João VI fez circular o primeiro jornal na Corte, produzido pela Tipografia Real, "*A Gazeta do Rio de Janeiro*". Em 1808 ele saía duas vezes por semana. Em julho de 1821, passou a sair três vezes; teve seu nome alterado, para "*Gazeta do Rio*", tornando-se, já em 1824, "*Diário do Governo*" e, posteriormente, "*Diário Fluminense*". Sete anos depois, tornou-se "*Correio Oficial*" e, mais tarde "*Gazeta Oficial do Império do Brasil*" e "*Diário Oficial*", após a proclamação da República do Brasil.

Com a evolução tecnológica dos meios de transporte, de comunicação e dos avanços industriais; em especial, dos processos de impressão, a partir de meados do século XIX,

houve o crescimento do volume e conseqüentemente da importância da imprensa nacional.

Nos primeiros jornais, que circularam no país, havia total predominância de noticiários, conduzindo a política no Império destacando a vida na Corte, as celebrações palacianas, a literatura, as artes e amenidades, já que a censura oficial era notória.

Pouco a pouco, a imprensa ampliou a abrangência das notícias. Ela representava também o único meio para as notas oficiais chegarem ao conhecimento de todos. Das páginas dos jornais surgiu um prisma que refletia mais e melhor a complexidade do universo social: informações marítimas, saídas dos correios, vendas de livros e periódicos, mapas, vendas de escravos e leilões etc.

Com a proclamação da maioria de D. Pedro II, em 1840, se iniciou o Segundo Reinado. Neste momento o Rio de Janeiro contava com 226 mil habitantes.

Os jornais acompanhavam o desenvolvimento, a expressão dos leitores ganhou as páginas do impresso, os periódicos e revistas incluíam artigos literários e acadêmicos devido à influência de escritores como Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Joaquim Manuel de Macedo e Bernardo Guimarães.

Surgiu pela primeira vez a gravura, quase toda à base de desenhos e traços satíricos, como a caricatura, dando impulso à crítica política e social. Nasceram, logo após, os artigos de fundo, onde se misturavam comentários, editoriais, com literatura e notas variadas. O maior exemplo dessa nova fase, “*A Província*”, editado em São Paulo (1875), se transformou, mais tarde, no jornal “*O Estado de São Paulo*”.

As técnicas de impressão modernizaram-se, favorecendo a produção em maior escala. A difusão cada vez maior do jornal

como meio de comunicação social, o aumento do número de pessoas alfabetizadas e a consolidação da classe burguesa propiciaram a formação de um grande e novo público, que passou a buscar na imprensa a representação de situações com as quais pudesse identificar-se ou lhe fossem familiares. A “*Gazeta de Notícias*” tornou-se um dos grandes jornais da Corte, seu conteúdo voltava-se para a elite intelectual do país (a advocacia, a medicina, o sacerdócio).

Aos poucos a imprensa se modernizou ainda mais, isso veio acabar com os pequenos pasquins editados com apenas quatro páginas. Os pequenos jornais foram desaparecendo, cedendo lugar a outros órgãos, que utilizavam técnicas que vinham de fora: “*O Diário de Notícias*”, “*Gazeta da Tarde*”, “*O Paiz*”, “*A República*”, “*Jornal do Brasil*”, “*Tribuna Liberal*”, “*A Revista*”, “*O Malho*”, “*Fon-Fon*”, “*Careta*”, “*Correio da Manhã*”, “*O Correio do Povo*” e “*A Gazeta*”. Isto constituía uma realidade contraditória, nem sempre vista com bons olhos, para o desenvolvimento cultural do país, como relata Raul Pompéia em uma de suas crônicas:

*“Dos quatro jornais que prenciei sábado passado, já dois saíram e um – a Notícia – morreu.*

*E Notícia, ela viveu.*

*O que vivem as notícias!*

*o espaço de um dia, coitada! Ficou porém ao Combate que promete viver a vida feliz dos combatentes afeitos à luta.*

*No Combate escreve, além de muitos outros, Artur de Oliveira, uma verdadeira organização literária... ou uma desorganização se querem; mas veemente, sincera, robusta e fortalecida por longa camaradagem com a boa literatura. Natureza ardente, imaginação árdega, é uma onomatopéia ascendendo as espirais do entusiasmo para ir viver “dans ces mondes de l’ideial e ages heroiques o”u s’aimaint dieux et deesses, desirant ou premier regard, jouissant au premier desir”<sup>28</sup>, mas entusiasmo-se pelo que é bom e já nos deu um bom folhetim*

*Felizmente! os bons folhetins vão sendo raros...<sup>29</sup>”*

---

<sup>28</sup> Grifo nosso.

<sup>29</sup> Afrânio Coutinho, *ob.citada*, vol. VII, pág. 16.

Outras modalidades de comunicação surgiram com o passar dos tempos; na fase logo anterior à proclamação da República marcou o nascimento das “sentinelas”, apareceram vários jornais com o mesmo título, todos originários de “Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco”, fundado por Cipriano Barata.

O jornal passou a ser um meio de debate mais do que de notícia, partilhando com o leitor além da cobertura do dia-a-dia, trazendo os acontecimentos de acordo com os pontos de vista dos autores, que ao escreverem suas crônicas pressupunham um leitor informado, conhecedor das notícias da semana nos informativos e apreciador dos comentaristas.

Com a modernização, o Brasil também recebeu influências e alguns atrativos de sucesso na França, como o “feuilleton”, que chegou até aqui e foi moldado para a nossa realidade. Chamado de “folhetim”, suas páginas continham novelas, conversas e amenidades divulgadas nos rodapés das páginas dos jornais, como explica MEYER<sup>30</sup> (1992):

*“De início – começos do século XIX – le feuilleton designa um lugar preciso do jornal: o rez-de chaussée – ré-do-chão, rodapé, geralmente da primeira página. Tem uma finalidade precisa: é o espaço vazio destinado ao entretenimento. E já se pode dizer que tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira já é, desde a origem, a vocação primeira desse espaço geográfico do jornal, deliberadamente frívolo, que é oferecido como chamariz aos leitores afugentados pela modorra cinza que obrigada a forte censura napoleônica.”<sup>31</sup>*

O processo de aculturação e recebimento de influência estrangeira mexeu consideravelmente com os escritores, pois viram a imprensa como espaço de manifestação e abertura

---

<sup>30</sup> Marlyse Meyer, *ob.citada*, pág. 96.

<sup>31</sup> Grifo nosso.

literária. Muitos autores começaram a escrever regularmente em revistas e periódicos, profissionalizando-se posteriormente. Sobre esse aspecto SODRÉ<sup>32</sup> (1999) completa: “*os homens buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar, um pouco de dinheiro, se possível*”.

A literatura, enfim, começava a ser consumida também fora dos círculos aristocratas, popularizando-se. Essa difusão maciça e a tentativa de profissionalização dos escritores foram dois dos principais aspectos que marcaram a cultura brasileira durante a implantação do jornalismo em nossa terra no século XIX.

A mercantilização da imprensa passou a ser inevitável, ao mesmo tempo desenvolveu-se a publicidade, primeiramente de remédios e bebidas. Surgiram os jornaleiros, as bancas e os pontos de vendas.

Os jornais e os intelectuais ganharam nova temática, passaram a discutir a República, alguns ocupavam posições díspares, os grupos partiram-se, digladiavam-se, agrediam-se e até duelavam. Enfrentou-se uma verdadeira “doença política” desunindo os jovens idealistas. Com a proclamação, e a formação dos dois grupos adversários - florianistas e antiflorianistas, Raul Pompéia posicionou-se e apoiou Floriano Peixoto como Presidente da República, por ver nele segurança que o novo sistema político precisava, dada sua condição de militar.

Os meios de comunicação tornaram-se armas: artigos ofensivos, manifestos, panfletos, notícias injuriosas abundavam as páginas da imprensa nacional, um verdadeiro campo de guerra fruía através das publicações, efetivando assim, o poder e a importância do jornalismo para a sociedade brasileira.

---

<sup>32</sup> Nelson Werneck Sodré, *ob. citada*, pág.292.

Fortaleceu-se um leitor nos moldes de uma sociedade com sede de conhecimento, como veremos a seguir.

### **1.2.1 O despertar do leitor pompeiano**

Sob o ponto de vista atual, a recepção textual analisa a validade dos paradigmas em outras correntes literárias, levando em conta o *corpus* estético dentro do seu limite de produção, de acordo com a experiência de criação contemporânea à época da produção textual, e cria uma nova teoria para conferir as inferências estabelecidas nesses textos (temporal / estilística / estética).

Percebemos, nas teorias das literaturas contemporâneas, indicações de que a ficção e a estética jornalística encontram-se igualmente dentro dos feixes das estruturas e das tipologias que envolvem a “recepção textual”. Esta última reside dentro da tomada de consciência dos conhecimentos do homem sobre o texto, em um puro misticismo “compreensivo” das intenções do mesmo, ou a um só objetivo dependente do seu ponto de vista como leitor.

O processo de recepção textual do século XIX tem, para nós, grande valia no desenvolvimento desta pesquisa, definindo e mostrando caminhos para a descoberta do pensamento do leitor, sempre atrelado à criação verbal, agindo com sua interpretação pessoal e global, de acordo com o seu horizonte de expectativas.

Sobre o verbal, sabemos que as frases eram ligadas umas às outras com vistas a formar unidades semânticas de um nível superior e que apresentavam estruturas muito diferentes, pois engendraram conjuntos tais como: narrativa, romance, estilo, conversação, drama, teoria científica, conflitos, expectativas etc.

Tudo isso fez parte da percepção crítica e criativa do autor, Raul Pompéia, que seguiu normas estruturais, porém acrescentou a elas particularidades, criando assim “um jeito pompeiano de escrever”.

Ele participou do texto, se envolvendo em uma narração. Isso provocou uma interação fazendo-o sentir-se parte integrante do momento, de modo que o ponto de vista móvel desdobrou-se sobre o texto e, conseqüentemente, cria uma rede de operações na consciência do leitor.

A leitura dos folhetins provocou sensações conflitantes; à primeira vista houve um encontro do fato com o prazer, resultado das surpresas causadas pelas expectativas das crônicas. Este paradoxo fundiu-se entre a surpresa e frustração; efeitos que se exerceram algo sobre o leitor, uma vez que a frustração podia reter ou bloquear o desenvolvimento da compreensão, causando um impasse.

Dessa forma, a necessidade da configuração apresentou-se como condição prévia à compreensão do texto. Ou seja, o leitor interessou-se em receber toda a informação necessária sobre o que leu e suas tendências, mas para isso muitas vezes teve a intenção de despender o mínimo esforço intelectual para realizar esse feito.

Quando o autor aumentou o número de sistemas codificados (devemos lembrar ser esta uma forma constante do subjetivismo de Pompéia), tornando a estrutura do texto mais complexa e deixou o leitor inclinado a reduzir-lhes, ao reunir o mínimo de informações que podia decodificar, tudo isso envolveu o seu entendimento pleno, tornando o trabalho de decodificação mais interessante e amplo.

A necessidade de selecionar certas relações na rede daquelas já estabelecidas provinha do fato de que, no decorrer da leitura, o ato de escrever desenvolvia os pensamentos de

uma pessoa, no caso o cronista. Quaisquer que forem esses pensamentos, no caso da crônica eles não deixaram de representar o cotidiano. Por definição, este mundo foi além das próprias experiências pessoais apresentando, conseqüentemente, certos elementos que não eram diretamente acessíveis.

A essência textual não residia nas expectativas, nas surpresas ou decepções, menos ainda nas frustrações encontradas no decorrer do processo de leitura. Ela incorporou as reações do sentido, formadas no ato de ler, e provocadas pelo movimento (ação), perturbação (conflitos) ou interferência (momentos ou situações antagônicas). Isto quer dizer que ao ler, houve uma reação àquilo que está sendo produzido no próprio leitor, formando, assim, um mundo de reações e fazendo com que se pudesse viver a crônica e os acontecimentos reais que ela forneceu.

Definimos aqui leitura como “*uma integração dinâmica entre o texto e o leitor*”, já que os signos lingüísticos do texto e suas combinações puseram em movimento a transposição do texto para a consciência do leitor. Os atos provocados pelo processo de ler escaparam a um controle externo do mesmo, instaurando a criatividade da recepção, e resultando em algo novo e criativo, dependente da ação efetuada.

Os conhecimentos anteriores que o leitor trouxe consigo, eram sempre revestidos de valores, e toda experiência estética tendia a mostrar uma interação continuada entre operação dedutiva e indutiva.

Conseqüentemente, encontramos o “leitor pretendido” ou o “leitor visado”, isto é, aquele que o Raul Pompéia teve em mente, ao escrever um texto ou um fragmento deste. Porém o público a quem o autor endereçou sua escrita, com o qual dialogou implícita ou explicitamente, nunca fora, nem poderia



ser um auditório intemporal e universal, pois toda estratégia textual do escritor encontrou-se estabelecida e executada em consideração, de modo idealizado, a um peculiar tipo de receptor caracterizado por algumas marcas culturais, psíquicas, morais, ideológicas, etárias etc.

O século em que viveu o autor trouxe um momento histórico à Literatura Brasileira, pois a nossa imprensa apresentou aos leitores uma símile da produção literária, efetivamente destinada aos amantes das letras e das notícias, viabilizando, então, a arte da escrita através da leitura dos textos literários e informativos direcionados a um público pequeno e de nível sócio-cultural culto.

O império do texto literário condicionou o leitor às obras ficcionais, valorizando seu *status* social, em relação à dimensão da sua recepção e aos efeitos provocados por ela. Essa estética, de certa forma “tradicional”, se tornou produto de uma época, por isso seguiu um arsenal de regras e técnicas próprias do texto ficcional.

Se levarmos em consideração que a literatura do século estudado teve como efetivo o embate da realidade (o texto jornalístico) contra a ficção, pois esta teve seu valor reconhecido e a outra era considerada uma literatura “menor”, veremos que o texto jornalístico desse momento – a crônica, com seus relatos diários, retratou a pura função de uma área desprezada, porém conseguiu quebrar muitos paradigmas das disposições recepcionais do leitor diante das condições históricas até então conhecidas.

Por ser trabalhada de forma ficcional, a literatura perdeu a referência do mundo real, o que não ocorreu com a crônica, pois o seu caráter de comunicação, cujos conceitos foram alterados e se contrapuseram à ficção, não tiveram tendências previsíveis e sua organização dependeu mais do autor do que das normas.

Houve neste caso, uma autonomia e estilo na criação, e esse poder se encontrou na criatividade de quem redigiu o texto, para quem o texto foi redigido (leitor implícito), sendo este um fator importante.

Sabemos que as crônicas não se reduziram às estruturas psicológicas de seu autor, aos dados sociais e históricos, ou a um sistema mecânico de formas, deveria ele na época estar aliado à adaptação ao gosto do consumo da burguesia, fato de profundo conhecimento dos autores e conseqüentemente, refletidos nas palavras, na forma, no fino trato, no tema proposto e no vocabulário riquíssimo.

A qualidade de um texto não teve sua “medida” no prazer por ele provocado, e nem perdeu a sua qualidade a cada nova criação; ao contrário, a oscilação, ou seja, o estranhamento de uma nova leitura que rompeu com os objetos de sua cotidianidade criou um novo conjunto de expectativas, rompendo com o universo preestabelecido, trazendo uma literatura inovadora, em um processo de comunicação onde o próprio texto condisse o leitor à mudança de suas “representações projetivas”<sup>33</sup> habituais, resultando possibilidades diversas inseridas no próprio texto, o levando a se familiarizar com outras projeções.

Entendemos que a estrutura textual apresentou um papel de regulamentação dos critérios da recepção, ou seja, daquilo que se esperou do texto, as constantes do texto e o texto em si, uma vez que toda obra literária teve seu destinatário concreto, historicamente determinado.

Desse modo compreendemos que o estilo da escrita sempre se encontrou entrelaçado às normas, às pressões e às instâncias sociais, tornando o horizonte de expectativas dos leitores ajustados ao horizonte possibilitado pelo texto, em uma

---

<sup>33</sup> Luiz Costa Lima, *ob. citada*, pág. 23.

espécie de contrato natural, vivenciando uma nova experiência estética, com outros conceitos motores, conseqüentes da história social e das relações com as instâncias que presidiam a sua configuração: no caso de Pompéia, o conhecimento do Realismo brasileiro, a denúncia social, a luta contra a escravidão, o contexto intelectual dominado pela ascensão do positivismo, o momento político de embate entre a República e a Monarquia, a revolta frente ao poder da sociedade vigente, a insatisfação com os padrões estéticos dominantes.

### **1.2.2 Um novo tempero jornalístico: a crônica**

Como resultado da comunicação entre autor e leitor, se pode dizer que a crônica marcou presença em nosso país desde o descobrimento, mas primeiramente não eram as notícias os principais focos delas, mas sim os feitos históricos, quer em forma epistolar, quer nas narrativas de viagens dos muitos visitantes que aqui estiveram.

No século XIX surgiu a crônica jornalística propriamente dita, passando a espelhar e comentar acontecimentos sociais do dia-a-dia, permeando a realidade de uma sociedade contraditória, diversificada e diferenciada, em que as classes sociais se distinguiram cada vez mais e a nova “onda literária”, vinda com o jornalismo impresso, ganhou força.

O verbete teve sua origem na língua grega – *kronos* (tempo), posteriormente derivado do latim – *chronica*, e atualmente nas línguas modernas: *chronique* (francês), *cronica* (espanhol), *chronica* (italiano), *chronicle* (inglês), *chronik* (alemão) e *crônica* (português). Etimologicamente, veio do mito

de *Cronus*<sup>34</sup>, oportunamente se atribuiu a ela a temporalidade, a rapidez das idéias e a tradução do cotidiano.

Sua forma foi utilizada na Idade Média e permaneceu de acordo com cada época de produção, se apresentando primeiro em latim e depois nas línguas vulgares, envolvendo em suas linhas desde os escribas até nossos atuais cronistas. O *Dicionário de la literatura*<sup>35</sup>, os descreve como:

*Se llama también cronista al escritor que en diarios y revistas comenta o interpreta sucesos o cosas, utilizando unicamente su cultura y sus propias fuentes de conocimiento por la redacción de sus artículos, en los que, generalmente, se delatan la agudeza, la experiencia, el estilo del cronista.*

Apesar de não ser fruto específico dos jornais, entretanto fixou-se, no Brasil, nas páginas dos folhetins e revistas há aproximadamente 150 anos. O surgimento da crônica, efetivamente, como um processo de escrita jornalística / literária, coincidiu com a ascensão burguesa e as idéias da revolução da imprensa, ponto principal para o fortalecimento de um novo cenário de comunicação.

A função da crônica situou-se entre o entretenimento e a informação, com o objetivo de apresentar comentários, divagações e reflexões sobre fatores históricos, econômicos, políticos, artísticos ou amenidades com características próprias ao expor fatos importantes sob a ótica da subjetividade. Formava ela assim um espaço de compreensão da realidade para os leitores, tendo como meio de comunicação o jornal impresso e a linguagem característica desse veículo: simples, abrangente, comunicativa, transparente.

---

<sup>34</sup> “*Cronus é a personificação do tempo, sua lenda pode ser lida como uma alegoria a de que o tempo, em sua passagem fatal, engole tudo que é criado ...*”, in Flora Bender & Ilka Laurito, *Crônica: história, teoria e prática*, São Paulo, Scipione, 1993, pág. 10.

<sup>35</sup> *Dicionário de la literatura*, In Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1982, vol. VI, pág. 14.

Inicialmente abrangeu temas como política, sociedade, artes, literatura entre outros, sempre com a intenção de informar e comentar as questões do dia-a-dia. Os espaços ao *rés-do-chão* partilharam amenidades, se destinaram ao entretenimento para a maioria dos leitores brasileiros.

Ali, as donas de casa encontraram as novelas e os homens buscaram uma outra visão sobre os fatos do cotidiano, revelados nas escritas de autores como Raul Pompéia, Olavo Bilac, Machado de Assis e José de Alencar, entre outros.

A leitura desse gênero jornalístico propagou-se, e se tornou hábito familiar, nos serões, com leitura em voz alta, criando um incentivo ao hábito de ler jornais. Criou também, um elo familiar e cordial entre autor e leitor, sobre os acontecimentos sociais e pessoais do momento vivido, sempre coerente com a formação intelectual do escritor, que utilizou suas áreas de conhecimento e interagiu com outros discursos presentes em sua formação cultural.

O *Grand Larousse Illustré*<sup>36</sup>, a definiu assim:

*“Les chroniques sont des récits historiques dont l’auteur est au moins pour partie contemporain. Histoire das laquelle lês faits sont simplement enregistrés dans l’ordre de leur sucession”.*

Esse texto encontrou-se livre das “amarras” do discurso da imprensa contemporânea, assumindo um papel diferenciado, íntimo, proporcionando um diálogo coloquial entre o leitor e o autor. Seu conteúdo tendeu a ser curto e efêmero, com caráter opinativo, da qual muitas vezes chegou a influenciar o receptor, de maneira rápida e invasiva. Para SEVCENKO<sup>37</sup>(1999),

---

<sup>36</sup> *Grand Larousse Illustré*, In Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1982, vol. VI, pág. 14.

<sup>37</sup> Nicolau Sevcenko, *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*, São Paulo, Brasiliense, 1999, pág. 20.

*“... todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam”.*

O curto tempo atribuído ao consumo da crônica fez com que se produzissem textos para serem lidos informalmente, apesar de trazerem em si os anseios, amarguras e alegrias do momento. Para isso apresentaram um leque muito amplo de recursos lingüísticos, transpondo o referencial quase inteiramente para o plano da subjetividade, expresso pelo tom de “conversa” adquirido, conduzindo à afinidade, uma marca da relação entre temporalidade e periodicidade do texto, presentes no momento e na história, sob a visão do cronista-narrador, traçando um relato pelo “olhar” do escritor que testemunhou os fatos de seu tempo, de sua realidade e passou ao texto uma recriação com a sua própria argumentação. Como argumentou COUTINHO<sup>38</sup> (1982):

*Crônica e cronista passaram a ser usados com o sentido atualmente generalizado em literatura, é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo. Ao que parece, a transformação operou-se no século XIX, não havendo certeza se em Portugal ou no Brasil. [...] O uso da palavra para indicar relato e comentário dos fatos em pequena seção de jornais acabou por estender-se à definição da própria seção e do tipo de literatura que nela se produzia. Assim, crônica passou a significar outra coisa: um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. Crônicas são pequenas produções em prosa, com essas características aparecidas em jornais ou revistas. A princípio no século XIX, chamavam-se as crônicas “folhetins”, estampados nos rodapés dos jornais.*

---

<sup>38</sup> Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1982, vol. VI, pág. 21.

A crônica empregou a linguagem da atualidade, para refletir o espírito da época, uma vez que a língua corrente constituiu a mais viva expressão da sociedade humana, no tempo. A linguagem coloquial assumiu um caráter importantíssimo na confecção dos textos, pois, ligada à vida cotidiana, ela teve ênfase no coloquial, no contato imediato com o leitor e sua realidade da vida diária.

Por isso, no século XIX, o periódico exerceu, não apenas a função de levar a um público leitor informado, algo interessante, sugestivo, mas sim a audácia de afetar a sensibilidade deste público leitor; então a missão intelectual tornou-se mais ampla que a palavra, se exigiu da sua palavra uma elegância carregada de sentido, em que não sobrasse nem faltasse nada, sob o ar de aparente descontração.

O público leitor pediu “algo mais que a notícia”, um texto que valorizasse a leitura (retórica) e fosse orientador de opiniões. Houve então a necessidade de não apenas ser noticioso, mas de abranger também comentários informativos, culturais e sociais no âmbito analítico e diferencial. E aí encontramos o fazer literário de Raul Pompéia – a inovação estética e estilística presentes no jogo de palavras, diferindo da objetividade e concretizando o maior alcance do texto.

Esse tipo textual trouxe o relato na ordem em que ocorreram os fatos, cronologicamente, escritos de acordo com a estrutura textual em vigência, narrou episódios, contou os principais acontecimentos sob a ótica da subjetividade pompeiana.

Consideremos o exemplo a seguir, de uma crônica onde existia a publicação típica de fatos cotidianos, com um sutil tom de humor, mas de caráter verbal explicavelmente superior, não apenas devido ao teor literário, retórico ou à produção do texto, mas considerando sobre quem a pauta se referia. Era nada mais,

nada menos que o escritor Machado de Assis, então recém nomeado para um importante cargo público:

*“O governo vai absorvendo os poetas.*

*O Sr. Pedro Luiz está Ministro, o Sr. Machado de Assis Oficial de Gabinete... justamente quando encetou na Revista Brasileira a publicação do seu romance Memórias Póstumas de Brás Cubas, muito interessante para que todos desejem a sua continuação.*

*É ligeiro, alegre, espirituoso, é mesmo mais alguma cousa: leiam com atenção, com clama; há muita crítica fina e frases tão bem subscritas que mesmo pelo nosso correio, hão de chegar ao seu destinatário.*

*É portanto um romance mais nosso, uma resposta talvez, e de mestre uma e outra cousa; e será um desastre se o Oficial de Gabinete absorver o literato.*

*Esperemos que não.”*

*(Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, 1880, n.º. 202)<sup>39</sup>*

Temos então neste exemplo de crônica, a estrutura, a forma curta, o relato do cotidiano, um estilo que flutuou entre o sério e o cômico, provocando descontração no leitor, mas ao mesmo tempo perpetuando a notícia, interpretada pessoalmente sob a visão de seu autor, configurando a conotação de certo sarcasmo quando evidenciou que “os escritores brasileiros não puderam viver simplesmente de seus feitos literários, por isso utilizaram sua retórica, organização de palavras e cultura para auxiliar nos gabinetes governamentais, em troca de dinheiro”. (idéia implícita)

Sabemos, entretanto, que tais fatos eram comuns na época citada, porque a profissão de escritor não proporcionava as devidas condições de sobrevivência, uma vez que muitos dos nossos autores tornaram-se vítimas do capitalismo e passaram por situações de penúria.

Percebemos claramente no fragmento apresentado a expressão de uma personalidade literária na utilização sensata

---

<sup>39</sup> Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol. VII, pp. 21-22.



da estilística, colocando em um tom coloquial e discreto a oculta queixa dos usuários da época sobre o serviço público - *“há muita crítica fina e frases tão bem subscritas que mesmo pelo nosso correio, hão de chegar ao seu destinatário”*. Ou então no trocadilho final - *“e será um desastre se o Oficial de Gabinete absorver o literato”*.

O propósito do cronista, evidentemente, se deu na informação, principalmente neste enfoque sobre pessoas e política (temas preferidos, na época, pelo autor). Por isso interagiu com a opinião pública quando esboçou conhecer as expectativas do leitor não só da sua crônica, mas também o leitor machadiano, indicando da seguinte forma na conclusão: *“Esperemos que não”*.

Estas e outras palavras marcantes sintetizam a visão do conteúdo dos textos que aqui encontraremos. Mostram um panorama inédito da Literatura Brasileira. Trilham um caminho histórico de palavras, conflitos e expressividade, nas entrelinhas das muitas páginas produzidas por Raul Pompéia nos meios de comunicação de seu tempo.

Historicamente, por chegar ao leitor através dos folhetins, com artigos de rodapé relatando as questões do dia-a-dia, com uma linguagem lógica argumentativa ou crítica política, houve, preconceito dos críticos, que a consideraram de menor valor cultural, portanto não literário. Talvez por isto, somente recentemente, os cronistas tenham conquistado espaço dentro da análise literária, com estudos profundos sobre: gênero, tipologia e retórica. Essas considerações serão vistas no próximo item.

### 1.2.2.1 Tipologia: Histórica? Literária? Jornalística?

Trabalhar com a crônica do século XIX implica em estar na fronteira entre os gêneros jornalístico / literário e histórico. Então indagamos: Como classificaríamos essas produções de Raul Pompéia? Jornalismo e literatura foram expressões antagônicas ou somaram-se? Quando um texto deixou de ser objeto de imprensa, sintonizado no real imediato, e passou à condição de obra de arte atemporal, histórica?

Com relação às crônicas, os estudiosos utilizaram várias nomenclaturas para definir as modalidades destes aspectos dentro da concepção delas: ambígua, mista, híbrida etc. Entretanto para respondermos temos que ajustar, alargar, alterar as formas clássicas e nossa concepção de gênero, como denota o posicionamento de BOSI<sup>40</sup> (1997):

*“[...] teria chegado o momento de acabar com esta pesada e canônica tradição segundo a qual a literatura é literatura, linguagem de comunicação é linguagem de comunicação, e realizar, performaticamente, a identidade profunda de ambas as atividades ...*

*... ao fazer discurso histórico ou memorialista, a consciência testemunhal fica desperta o tempo todo...*

*... o memorialista e o historiador têm o pudor de inventar, pois espera-se que ele conte fatos como aconteceu, pode interpretá-los [...]”*

Numa visão estruturalista, podemos igualá-las dentro de uma vertente expressiva, formal, mas elas foram diferentes na estrutura profunda, que foi a narratividade.

Esta discussão sobre gêneros requer uma pesquisa sobre o posicionamento diacrônico de filósofos e teóricos, como os clássicos Aristóteles, Quintiliano, Horácio, cuja defesa consistiu na construção de um modelo estético a ser seguido em caráter

---

<sup>40</sup> Alfredo Bosi, in *Gêneros de Fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*, São Paulo, Xamã, 1997, pág. 14.

imperativo, análogo, obedecendo às normas impostas por um código de construção estética, onde imperou a tríade: lírico, dramático e épico.

Na língua portuguesa, o gênero histórico, iniciou-se por meio de Fernão Lopes e teceu a história de um povo, de uma língua, apresentando a transição de idéias e ideais presentes na função por ela exercida na sociedade, descrevendo fatos e narrando os feitos cronologicamente, como disse SOARES<sup>41</sup>:

*“No início da era cristã, chamava-se crônica a relação de acontecimentos organizados cronologicamente, sem nenhuma participação interpretativa do cronista. Nessa forma, ela atinge o seu ponto alto na Idade Média, após o século XII, quando já aparentava uma perspectiva individual da história, como fez Fernão Lopez, no século XIV. As simples relações dos fatos passam, então, a chamar-se “cronicões”. E no século XVI, o termo crônica começa a ser substituído por história.”*

No século XIX, Ferdinand Brunetière seguiu pensamentos marxistas e darwinistas, e propôs a concepção dos gêneros em um processo de “luta e sobrevivência dos mais fortes”, como afirmou LIMA<sup>42</sup>(2003):

*“O gênero passava assim a constituir uma entidade à parte, à qual se subordinavam tanto os autores como as obras, simples elementos secundários de uma realidade substancial mais ampla, simples órgãos efêmeros de um organismo constante. Os autores e as obras se movem, mas os gêneros é que os conduzem.”*

Ao trabalharmos com o gênero histórico, relatamos os acontecimentos dentro de uma seqüência temporal, observando a produção pompeiana na imprensa brasileira, com seções contando os fatos, as notícias da semana ou do dia, os rumores, boatos e maledicências, ou seja, um retrato do período de

---

<sup>41</sup> Angélica Soares, *Gêneros literários.*, São Paulo, Ática, 1989, pág. 64.

<sup>42</sup> Alceu Amoroso Lima, *ob. citada*, pág. 27.

escritura do autor, tendo como foco as últimas décadas do século XIX.

Poderíamos dizer então que a crônica não pertenceu à literatura e sim ao jornalismo? Não seria este um gênero capaz de sobressair-se tão bem tanto nas páginas de um livro, como nas folhas dos noticiários?

Não, o jornalismo e a literatura aproximaram-se mais, sobretudo por via da crônica, principalmente nesse período, quando essa fronteira não era tão nítida, já que praticamente todos os nossos escritores oitocentistas estiveram ligados ao jornalismo.

Realmente existiu um relacionamento problemático, desde velhos tempos, entre as áreas, pois o processo literário não abandonou o lúdico e a fruição, e conseqüentemente, encaminhou-se para os fatores essenciais do ser humano, dentro de um espaço e de um tempo definido – o histórico.

Observando o período estudado, grande foco do jornalismo escrito, com o passar dos tempos, toda essa produção transformou-se em história. Compreendemos que a distinção de fronteiras não apareceu tão nítida, porque, o jornalismo, no início, recebeu exemplos e amparo da literatura, nesta última descobriram-se sinais de espírito jornalístico, pelo menos em gêneros híbridos – no caso as crônicas publicadas nos folhetins.

A partir do romantismo essa modalidade textual recebeu um novo perfil, assumiu a personalidade de gênero literário, com características próprias da escrita nacional. Houve abraço no estilo, na língua, nos assuntos, na técnica, e assim ganhou proporções inéditas na literatura brasileira, pelo seu desenvolvimento como categoria artística, o valor estético, tornou-se um gênero autônomo e específico.

A relação entre a literatura e o jornalismo conheceu nesse período um momento de esplendor, de muitas mudanças

culturais, época em que grandes escritores foram grandes jornalistas, as figuras do escritor e do jornalista às vezes coincidiam com a mesma pessoa.

É exatamente aí que se diferenciaram as crônicas de Alencar, Machado, Bilac e Raul Pompéia, ao criarem novas tendências quando possível. Com eles surgiu uma nova organização ou estrutura que caracterizou o texto e outros vindouros. Isso provocou uma “mobilidade” dos gêneros, um “deslocamento”. Conseqüentemente inovou e a crítica adequou-se a esse esquema.

Como sabemos o esse momento trouxe uma inovação ao termo “crônica”. Esta modalidade textual, aos poucos, veio sendo tecida, linhas e linhas a fio, no decorrer dos séculos, e conseqüentemente adquirindo formas e estruturas diferenciadas, inclusive a jornalística, diferenciada através das mãos de quem a conduziu à imprensa.

O estilo do cronista que publicava seus textos em folhetins, tendia para as formas simples, para o tom comunicativo, de conversa, de bate-papo com o leitor. Houve sempre a possibilidade de um diálogo previsível entre ele e o leitor, sem riscos de que seus comentários e reflexões pudessem perder-se, não encontrar um destinatário apropriado. Isso refletia a personalidade do autor, o seu estilo e suas idéias.

Esse gênero cresceu e ganhou características literárias, justamente pela evolução da imprensa diária, ocorrendo necessidade dos jornais terem seções de relatos e comentários dos acontecimentos, em um período de publicação mais contínuo, embora escritos pelos autores, surgindo uma linguagem com estilo e graça redacional. Sobre este aspecto COUTINHO<sup>43</sup> (1983) opinou:

---

<sup>43</sup> Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol. VI, pág. 15.

[...] “*Crônica e cronista*”<sup>44</sup> passaram a ser usados com o sentido atualmente generalizado em literatura: um gênero específico, estreitamente ligado ao jornalismo.”

[...] Assim, crônica passou a significar outra coisa: um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e a argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica e retrato de pessoas. ‘Crônicas’ são pequenas produções em prosa, com essas características aparecidas em jornais ou revistas.”<sup>45</sup>

Intencionalmente, na forma de uma nova modalidade textual, visou informar, se encontrou mais próxima do sentido etimológico, já que divulgou fatos, teceu sobre eles comentários, foi menos pessoal. Porém, diferentemente dos dias atuais, o jornalismo do século XIX não manteve distância entre *o que se escreveu, o que informou e para quem destinou*.

Como no início o espaço para as publicações era o folhetim, temos como exemplo, José de Alencar, no “*Correio Mercantil*” (1854), quando na coluna *Páginas Menores*<sup>46</sup> abriu caminho ao narrar de forma alegórica, as passagens da semana, os acontecimentos do mundo e episódios da sociedade brasileira, principalmente a fluminense. O cronista precisou estar inserido na vida mundana, nas reuniões sociais, no teatro, no parlamento, pois suas palavras ecoaram e espelharam os fatos como comentou COUTINHO<sup>47</sup>:

[...] “a coluna jornalística de comentários semanais tinha um aspecto de um bazar asiático, onde a imaginação poética das imprevistas transfigurações às coisas mais vulgares ou prosaicas [...]

[...] um cronista do século passado enveredava à vontade pelo mundo da fantasia com enorme deleite para os seus leitores.”

---

<sup>44</sup> Grifo nosso.

<sup>45</sup> *Idem*, pág. 16.

<sup>46</sup> É importante notar que o título *Páginas Menores* imprime um “ar” de inferioridade ao gênero.

<sup>47</sup> Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol. VI, pág. 21.

Ao assumir um teor artístico, a influência francesa ficou evidente nas linhas dos folhetins, assim como alguns trejeitos portugueses. Com fisionomia diversa, ora pincelada pelo parnasianismo, ora com retoques simbolistas, se transformou em material delicado, altamente estético, exigindo os mais elevados níveis de beleza e técnica. O organizador<sup>48</sup> ainda refletiu:

*“Sob o influxo do parnasianismo, a crônica pecava quase sempre pelo rigor da forma, enquanto os simbolistas praticavam um inconveniente oposto, condicionando os fatos a divagação de caráter subjetivo que começava por dar um certo entorpecimento à linguagem.”*

Os recursos lingüísticos utilizados pelos escritores fizeram com que a crônica atingisse a mais alta perfeição, e se transformasse em uma arte requintada e sutil, pois em suas linhas tínhamos a alusão histórica e literária, o imprevisto, a anedota, a citação erudita, as formas paradoxais e os trocadilhos.

O gênero jornalístico, quando autêntico e profundo, teve o dom de condicionar as nossas atitudes culturais, deste modo, quando apresentou teor literário, além de informar, expôs em si diferentes discursos com adjetivos e advérbios, exercendo uma função apelativa da linguagem. Sendo assim, a constante referencialidade deu espaço a um mundo verbal onde predominou o imagético, portanto se encontrou na fronteira entre o jornalismo e a literatura, conforme afirmou VIVALDI<sup>49</sup> (1979):

*Son Periodismo porque en ellos manda la actualidad, el interes y la comunicabilidad; porque están escritos con el triple propósito de informar, orientar o distraer. Son Literatura – en el mejor sentido de la palabra – porque el gran reportaje, la crônica autêntica y el artículo verdadero son algo más que comunicación,*

---

<sup>48</sup> *Idem*, pág. 22.

<sup>49</sup> Gonzalo Martin Vivaldi, *ob. citada*, p. 243.

*interés y actualidad: son expresión de una personalidad literária, de un estilo, de un modo de hacer personalísimo, de una manera de concebir el mundo y la vida. Son Literatura tales géneros em cuanto que valen, no solo por lo que dicen, sino por cómo expresan lo que dicen. Del gran reportero, del cronista agudo y del articulista de renombre interesa lo que escriben y cómo lo escriben; son algo más que traductores de hechos o evocadores de sucesos: son reveladores de esencias. Su pluma, su estilo, lo que cuentan, lleva el sello específico de lo literario-subjetivo. Subjetividad que impregna, matiza y colorea cuanto describen o relatan.<sup>50</sup>*

O jornal, através de sua linguagem teve uma intencionalidade - transmitir algo a alguém – para isso utilizou-se de técnicas e maneiras de trabalho específicas, que resultaram nas características lingüísticas e estilísticas das crônicas.

Não há dúvidas de que o processo histórico, de transformação da atividade jornalística e da criação literária seguiram cursos paralelos, muitas vezes com pontos de encontro e territórios divididos entre si.

Como consequência, a crônica tornou-se mais elaborada, apesar do falar popular ou coloquial, teve em si uma linguagem prioritária, indo do pensamento à ação, da sensibilidade à reflexão, da ponderação à hipérbole, desenvolvendo então “a arte de dramatizar ao máximo a informação”.

Essas espécies discursivas mistas, já que eram ao mesmo tempo escritas por nossos grandes jornalistas-escritores oitocentistas, ocupavam as colunas da imprensa diária e periódica para relatar os acontecimentos, pelos donos de uma linguagem suave, subjetiva e de uma bela retórica apresentadas em uma perspectiva analítica pessoal. Quanto a isso MELO<sup>51</sup> (1987) comentou:

---

<sup>50</sup> Grifos nossos.

<sup>51</sup> José Marques de Melo, *ob. citada*, 1987, pág. 42.



[...] “O característico da verdadeira crônica é a valoração do fato ao tempo em que se vai narrando. O cronista, ao relatar algo, nos dá sua versão do acontecimento; põe em sua narração um toque pessoal... imprimindo-lhe um evidente matiz subjetivo”.

Em contraponto com a literatura, o fato de retratar os costumes do dia-a-dia, não quebrou a “pompa” da linguagem, já que teve como essência, a singularidade e a beleza expressa na verdade, sem aspectos fictícios, pois essa publicação efêmera transformou-se em algo íntimo ao retratar o real de seu leitor, obtendo uma durabilidade, talvez por ser despretensiosa, insinuante e reveladora, nos ensinando a conviver com a palavra dentro de um contexto social trabalhado pela imprensa, com teor acessível, fixando o amadurecimento de seus autores.

Ao traçarmos um paralelo entre o historiador, o jornalista e o escritor, encontramos coincidências fundamentais, pois os três utilizaram palavras para a criação de seus textos e transmissão de seus pensamentos, uma vez que informar e sugerir, implica em diferentes discursos.

Trabalhando com esses parâmetros, relacionaremos Raul Pompéia a essas três vertentes, observando que coube ao jornalista ser transparente, trazer informações objetivas, ser intérprete, ter em seu trabalho “algo mais” que informação, possuir uma linguagem mais próxima à língua falada, escrever depressa em face ao acontecimento, ser preciso, utilizar o menor número de palavras possíveis. Ele se importou *com o que disse*, produziu um texto atualizado, teve sua atividade ancorada na realidade e na verdade, dominou todos os aspectos da língua com a devida precisão.

Do escritor surgiu um estilo próprio, ao se expressar com subjetividade, elaborar o texto através dos recursos lingüísticos, usando a palavra como forma de expressão. O que importou foi *como disse*, trabalhou e elaborou o texto tornando-o atemporal,

“garimpando” do dia-a-dia as preciosidades da vida, demonstrando a sensibilidade, trabalhando e transformando a língua com a força da sua imaginação.

Com relação ao historiador, sempre houve a necessidade de ser testemunha dos fatos como realmente ocorreram, não inventar episódios, de ser o mediador do tempo, de ordená-lo e esclarecê-lo dentro dos parâmetros contemporâneos da lingüística, da expressão e do estilo, retrospectivamente.

Quer jornalista, escritor e historiador, Raul Pompéia completou-se, pois viveu a desvendar e mostrar o mundo, esteve nas páginas das notícias, no cotidiano por ele retratado, cujo personagem principal sempre foi o homem oitocentista, esse preocupado com a natureza intelectual e política desta terra, deste povo.

Exatamente nessa configuração trabalharemos com Raul Pompéia, vendo, no terceiro capítulo, através de seus textos, como se fez jornalista dos mais importantes meios de comunicação de sua época, escritor de romances famosos e que trouxe para nós a história de seu povo, da nação brasileira.

## CAPÍTULO II

*“Afrânio Coutinho  
transformou Raul  
Pompéia, autor de um  
livro, em autor de uma  
obra”<sup>52</sup>*

(Eduardo Portela)

### 2 O ENCONTRO COM O TEXTO: O CORPUS

A função do capítulo, para este trabalho acadêmico, se encontra na possibilidade real de pesquisa ao entrarmos em contato com os textos, analisarmos cada um, catalogarmos, lermos, classificá-los, criando assim um material técnico, sintético, um somatório de todo o estudo acerca do autor, sua obra e seus leitores. Textos, linguagens, tempo, espaços e as personalidades surgiram, se acentuando e mesclando todo um envolvimento entre teoria e fontes concretas, para a produção deste texto.

Pelas nossas leituras detectamos que alguns escritores brasileiros tiveram suas vidas acadêmicas marcadas parcialmente, como o caso de Raul Pompéia que, apesar de sua extensa produção literária, a leitura crítica de seus trabalhos esteve, por um longo período, centralizada em “*O Ateneu*”.

Uma nova realidade literária foi trabalhada nesta pesquisa, após o contato com o *corpus*, pois fomos, ao longo de cinco anos adquirindo em vários sebos do Brasil, a coleção *Obras – Raul Pompéia*, composta por dez volumes, ecléticos, editada pela Civilização Brasileira, com o patrocínio do MEC/FENAME, um trabalho da Oficina Literária Afrânio Coutinho (OLAC) e

---

<sup>52</sup> Eduardo Portella, discurso proferido durante a Sessão Saudade de Afrânio Coutinho, na Academia Brasileira de Letras, em 2000, em memória do professor e pesquisador, que ocupava a cadeira nº 33, cujo patrono era Raul Pompéia.

publicada em comemoração aos cinquenta anos de criação do Ministério da Educação e Cultura, a partir de 1981<sup>53</sup>.

Através da leitura desses livros, pudemos ter uma visão ampliada de toda a produção literária de Raul Pompéia, em vários gêneros textuais, desde as publicações jornalísticas, os romances, contos, textos políticos e até anotações pessoais. O próprio organizador, Afrânio Coutinho, afirmou sobre a coletânea: “*Tudo o mais que escreveu é quase sempre da melhor qualidade como estilo e pensamento.*”<sup>54</sup>

Seu idealizador pesquisou aproximadamente por um período de vinte anos os jornais e as publicações contemporâneas ao autor, além de coletar materiais com diversos familiares e descendentes de amigos que possuíam arquivos, desenhos, caricaturas, manuscritos, anotações e outros objetos pertencentes a Pompéia<sup>55</sup>

A principal dificuldade relatada na organização ao copilar esse material esteve na diversidade de pseudônimos<sup>56</sup> encontrados nas publicações do autor. Adicione-se ao trabalho, também, a busca por trazer para o leitor a outra face de Raul Pompéia, a visualidade do artista exposta em caricaturas e desenhos, dignos de admiração. Uma verdadeira *écriture artiste*, tanto pelo aspecto plástico e visual, como pela originalidade literária.

Porém, apesar da equipe de pesquisadores da OLAC haver feito um trabalho minucioso de busca nos numerosos periódicos da época e em arquivos pessoais, não há efetivamente, a certeza de que toda a produção do autor realmente foi realmente

---

<sup>53</sup> Hoje, após a morte do professor Afrânio Coutinho e o fechamento da OLAC (Oficina Literária Afrânio Coutinho), todo o material original utilizado na pesquisa foi remanejado para o CEAC (Centro de Estudos Afrânio Coutinho), espaço criado em homenagem ao autor, junto à biblioteca da UFRJ.

<sup>54</sup> Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol.I, pág. 12.

<sup>55</sup> Esses objetos encontram-se, atualmente, incorporados ao Museu OLAC.

<sup>56</sup> Rapp; Pompeu Stell; Um moço do povo; Y; Niomey e Hygard; R.; R.P.; ?; Lauro; Fabricius; Pulchinello. *Idem*, pág. 17.

organizada, pois a difícil localização e conservação das publicações do final do século XIX podem ter comprometido a coleta dos dados. Mesmo assim, ao considerarmos a extensão da obra pompeiana, sentimos ter em mãos a máxima da produção literária do autor como fonte de inesgotáveis pesquisas, pois são antológicos e notáveis os relatos e as narrativas efetuadas pelo autor em seus escritos, abordando o processo e o desenvolvimento históricos nacionais, contemporâneos a ele.

## **2.1 As crônicas de Pompéia apresentadas por Afrânio Coutinho**

A coleção intitulada *Obras - Raul Pompéia (1863-1895)* foi publicada em dez volumes, distribuídos por temas distintos, em ordem cronológica, se encontra disposta na seguinte configuração:

- Volume I: Preliminares. Novelas (1981);
- Volume II: *O Ateneu*.
- Volume III: Contos e novelas curtas (?)<sup>57</sup>
- Volume IV: Canções sem metro (?)<sup>58</sup>
- Volume V: Escritos políticos (1982);
- Volume VI: Crônicas 1 (1982);
- Volume VII: Crônicas 2 (1983).;
- Volume VIII: Crônicas 3 (1983);
- Volume IX: Crônicas 4 (1983);
- Volume X: Caderno de notas íntimas. Iconografia (?)<sup>59</sup>

---

<sup>57</sup> Não conseguimos o referido volume, por isso nossa dúvida com relação ao conteúdo do mesmo e a data de publicação.

<sup>58</sup> *Idem*.

<sup>59</sup> *Idem*.

Alguns volumes possuem notas introdutórias que salientam um meticoloso trabalho de pesquisa para reunir e organizar as obras literárias. Sugerem teorias, além da busca pela preservação da escrita original do autor, muitas vezes com acertos e explicações em notas de rodapés, especificando a metodologia, a necessidade de acertos e a coerência com os originais.

Entretanto para esta pesquisa, nosso foco centrou-se nas edições das crônicas, especificamente nos volumes VI, VII, VIII e IX, com ênfase nos textos publicados no volume VII - Crônicas 02, definidos como *corpus* do trabalho, de acordo com os critérios comentados anteriormente.

A seriedade da pesquisa orientada por Afrânio Coutinho contribuiu para o desenvolvimento da crítica literária brasileira. Ao reeditar as crônicas de Raul Pompéia publicadas no século XIX, devolveu à sociedade um produto riquíssimo, outrora abandonado em prateleiras de bibliotecas públicas ou particulares. Hoje transformado em um acervo “palpável”, embora raro, ele se encontra disponível apenas para leituras eventuais, podendo ser considerado material de grande valia para estudiosos da nossa cultura nos âmbitos literário, jornalístico e histórico.

Estar em contato com a produção do nosso dileto autor, poder pesquisar a partir de um material concreto, detalhado e de ótima qualidade possibilitou o desenvolvimento e a metodologia aplicada nesta tese.

As crônicas escritas pelo autor encontram-se divididas em etapas de produção, cada uma delas com características próprias, pois a profundidade dos textos, da retórica e a qualidade de organização das publicações nos proporcionaram observar o propósito de sua escritura, relacionado ao espaço, ao veículo de comunicação e aos temas expostos.

Diferente da ficção presente nas publicações periódicas do século XIX, observaremos que suas crônicas buscaram na política, nos ambientes sociais e freqüentados por todas as classes, a presença do cotidiano e dos costumes de algumas das principais cidades do hoje chamado sudeste brasileiro - Rio de Janeiro, São Paulo e Vitória do Espírito Santo. O autor produziu relatos inéditos ou corriqueiros, muito comentados e geralmente de grande “furor” entre os leitores, agradando alguns, aborrecendo outros, sugerindo novas abordagens à crítica literária.

Raul Pompéia permeou, em suas crônicas, por todos os gêneros: o histórico ao narrar os mais importantes eventos da sociedade brasileira de seu tempo; imprimiu a elas o caráter literário e poético altamente brasileiro; e o jornalístico, comentando os acontecimentos diários através dos folhetins. O valor de sua obra não se encontra em dizer que se adapta aos gêneros citados, mas sim às particularidades do seu texto, às abordagens e às técnicas propostas por ele, sendo que estas resultaram nos volumes analisados.

Nessas páginas veremos sua filosofia particular de vida, que se tornou pública, o que conseguiu denotar mais unidade às suas crônicas, pois o leitor “adquiriu” sutilmente sua ideologia e partilhou de seus princípios. Isso deixou seus textos mais empolgantes, mostrando seu espírito de independência, de individualismo, o distinguindo dos demais.

Os importantes fatos discutidos por ele apresentaram características diferenciadas. A profundidade de seu texto diário pode ser checada nessa coletânea organizada, por seções, veículos e datas de publicações, nos mais variados periódicos de seu tempo, de acordo com os originais pesquisados e transcritos por Afrânio Coutinho. Dela nos valem para efetuar um levantamento dos dados característicos de cada seção, e

identificar também a quantidade de textos que se encontra em cada seção e em cada volume, resultando nas análises das publicações na seguinte ordem:

### Volume VI – Crônicas 01<sup>60</sup>

Constam no volume todas as crônicas da seção *A Vida na Corte*<sup>61</sup>, parte integrante do “*Diário de Minas*”, de Juiz de Fora, MG. Posteriormente, o “*Diário de Minas*” fundiu-se ao “*O Farol*”, de Juiz de Fora, MG, onde sua colaboração continuou a aparecer de 08 de outubro de 1889 a 17 de novembro 1889.

Integram a obra 235 crônicas, sem títulos, cujas datas às vezes coincidem, caracterizando a publicação de mais de um texto diário, umas curtas, outras longas; além de pequenas notas finais, com tom informal, como se o autor conversasse com o leitor, conforme os exemplos:

*“Apareceu o romance de Júlio Ribeiro, A carne. O talento pujante do conhecido escritor é a primeira recomendação do livro.*

*Quando tiver lido, o que não me foi possível ainda, inscreverei a nota das minhas impressões.”<sup>62</sup>*

ou,

*“E basta de crônica por hoje; que não é pouco o tempo que estas linhas de assunto importuno roubaram às alegrias do domingo gordo.”<sup>63</sup>*

Nas crônicas de Pompéia para o “*Diário de Minas*” – em razão do grande formato, ocupando todo o rodapé do jornal – os assuntos interessantes se misturaram por vezes aos mais

---

<sup>60</sup> Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1982, vol.VI.

<sup>61</sup> *Idem*, pp. 39-321.

<sup>62</sup> Raul Pompéia, *Diário de Minas*, Juiz de Fora, MG, 9 set. 1888, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1982, vol.VI, pág. 68.

<sup>63</sup> Raul Pompéia, *Diário de Minas*, Juiz de Fora, MG, 4 mar. 1889, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1982, vol.VI, pág. 179.



simplórios, já que nelas se fazia a resenha semanal dos acontecimentos da Corte, na área política, social e literária, não faltando os temas banais do dia-a-dia, as amenidades, desabafos pessoais, comentários sobre livros, festas, pessoas, os problemas dos esgotos da cidade, a construção de novos mananciais de água e as greves dos cocheiros ou dos empregados do comércio. O autor parecia forçado a comentar assuntos sem grandes preocupações com a forma e sem tempo para selecionar os temas.

Não é do nosso conhecimento a data exata em que Pompéia iniciou a escrever nesse veículo de comunicação. As crônicas, encontradas, foram publicadas de 23 de jul. 1888 a 29 set. 1889. Os originais desse jornal foram localizados na Biblioteca Nacional, somente com textos a partir de julho de 1888, faltando os números de 07 a 10 de julho de 1888.

#### Volume VII – Crônicas 02<sup>64</sup>

Um leque de crônicas caracteriza essa edição. Várias seções compõem a obra, com textos de diversos periódicos, cada qual com características próprias, pois cronologicamente testemunham o crescimento intelectual do autor, o poder de sua retórica e seu envolvimento com as questões predominantes no século XIX.

O material desse volume formaliza o *corpus* desta pesquisa, para tal checaremos e analisaremos algumas crônicas contidas nas seções apresentadas.

A seção *Crônica Fluminense*<sup>65</sup> traz 21 crônicas, foram publicadas na “*Revista Ilustrada*”, sem títulos, com a assinatura de “Raul D”, no período de março a abril de 1880.

---

<sup>64</sup> Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol.VII.

Dando seguimento, foram transcritas 07 crônicas de *Uma Seção*<sup>66</sup>, originárias da “*Gazeta da Tarde*”, do Rio de Janeiro, que saíram entre 15 de dezembro de 1885 a 03 de maio de 1886. Caracteriza essa seção a presença de títulos e textos extensos, críticos, reflexivos e com a forte presença de impressões pessoais do autor.

Como o próprio título da seção informa, *De Tudo*<sup>67</sup>, foi uma série de 54 crônicas, assinadas com o pseudônimo de Lauro, que fizeram parte da “*Gazeta da Tarde*”, do Rio de Janeiro, durante 12 de março a 08 de maio de 1886. Os textos são criativos, trabalham com o cotidiano e criam ganchos entre si para os diversos temas abordados, em sucintas linhas, originariamente sem títulos.

Tradicionalmente uma das mais importantes seções de crônicas do século XIX, o volume VII traz uma seleção de 14 textos da *Pandora*<sup>68</sup>, parte integrante da “*Gazeta de Notícias*”, do Rio de Janeiro, de 02 de junho a 08 de outubro de 1888. Nesse conhecido veículo de comunicação brasileira, Raul Pompéia teve como companheiros de redação Machado de Assis, Olavo Bilac, entre outros.

Na seção *Pandora*, suas crônicas eram primorosas pela concisão e perfeição formal. Ali Pompéia transmitia seu recado, livre para escolher os temas, podendo divagar por temas polêmicos e filosóficos, em longos ensaios (seguindo a linha do periódico), com títulos coerentes e simbólicos. O melhor exemplo se encontra em “*Glória Latente*”<sup>69</sup>, cuja análise será apresentada neste trabalho, no terceiro capítulo.

---

<sup>65</sup> *Idem*, pp. 11-27

<sup>66</sup> *Idem*, pp. 31-48.

<sup>67</sup> *Idem*, pp. 49-95.

<sup>68</sup> *Idem*, pp. 97-124.

<sup>69</sup> *Idem*, pp. 121-124.

Ao longo de 147 páginas, temos a maior produção inserida nesse volume, a seção *Aos Domingos*<sup>70</sup>, assinadas com o pseudônimo “Y”. Na verdade trata-se de um coquetel de assuntos, misturados ao sabor das notícias semanais, no ilustre “*Jornal do Comércio*”, do Rio de Janeiro, por um tempo considerável, de 18 de agosto de 1889 a 15 de junho de 1890. Somam 197 crônicas, de tamanhos variados, embora se perceba a tendência a se alongarem com o passar dos tempos e da permanência do cronista no periódico, o que demonstra a credibilidade dos leitores com relação aos seus escritos e comentários semanais. Não contêm títulos, e várias foram publicadas no mesmo dia, de acordo com a pluralidade de notícias vigentes, com um toque pessoal do autor.

Finaliza esse livro, a seção *Notas Fluminenses*<sup>71</sup>, com o total de 11 textos, porém prejudicados na transcrição devido à má conservação dos originais, inclusive dilacerados em alguns trechos, sem condições de leitura. Estiveram presentes nas páginas da imprensa brasileira de 15 de agosto a 25 de setembro de 1894, no jornal “*O Estado de São Paulo*”, da cidade de São Paulo.

### Volume VIII – Crônicas 03<sup>72</sup>

O terceiro livro de crônicas apresenta duas seções do autor. A primeira, *Da Capital*<sup>73</sup>, com 198 textos impressos nas páginas do jornal “*O Farol*”, de Juiz de Fora, MG, de 26 de novembro de 1889 a 26 de janeiro de 1890 e também no periódico “*O Estado de São Paulo*”, SP, de 22 de fevereiro de 1891 a 27 de julho de 1893, com o mesmo título sugestivo,

---

<sup>70</sup> *Idem*, pp. 127-367.

<sup>71</sup> *Idem*, pp. 371-382.

<sup>72</sup> Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol.VIII.

<sup>73</sup> *Idem*, pp. 13-317.

direcionando o olhar do leitor para a capital do país, onde fervilhavam acontecimentos posteriores à queda do Império.

Informou à sociedade mineira e paulista o cotidiano do Rio de Janeiro (fazia questões de direcionar a escrita para o local e a data da redação), sua gente, os eventos e as crises políticas. Publicadas de 26 de novembro de 1889 a 27 de julho de 1993, possuem textos longos e reflexivos, de acordo com a temática trabalhada; mas também alguns curtos, com notícias corriqueiras.

Um fator interessante para a época, se encontra no fato de Pompéia transcrever, mais de uma vez, dados de pesquisas governamentais ou da economia privada, como censos e balancetes, o que demonstra sua busca por esclarecer ao leitor fatos em geral pouco evidentes da administração pública e do comércio, o levando a refletir sobre a verdadeira situação do país. Se ele fora liberto das amarras do Império, Raul Pompéia o queria mais democrático, pronto para o exercício da cidadania e à participação do povo na formação das opiniões e tomadas de decisões, contra a corrupção dos latifundiários e detentores do poder, como podemos observar na crônica transcrita a seguir:

*“Para que o leitor paulista compreenda quem são os amáveis credores da municipalidade fluminense, que tanta simpatia merecem dos nossos amigos do povo, aí vai, em fecho de ouro, um quadrozinho de cálculo emprestado às colunas do ‘Jornal do Brasil’:*

*Custando o quilo da carne verde em São Diogo 800 réis, quanto custará a rés?*

*Pesando a carne de uma rés 200 quilos, na média, a importância seria...*

	<i>200.800 = 160\$000</i>
<i>Couro e miúdos.....</i>	<i>30\$000</i>
<i>Valor da rés daquele peso .....</i>	<i>190\$000</i>
<i>Em Mato Grosso custa a rés .....</i>	<i>30\$000</i>
<i>Diferença .....</i>	<i>160\$000</i>

Fazendo o cálculo para o gado do Rio Grande do Sul, temos:

Valor da rés do Estado de Minas (200 kg de carne).	190\$000
Valor da rés argentina ou riograndense .....	32\$000
	-----
Diferença .....	158\$000

Em um fornecimento diário à Capital federal esta última diferença, para 400 reses abatidas, produz o seguinte resultado contra a população:

158\$000 = 63:200\$000 diários, ou  
23.068:000\$000 anuais

Beneméritos ratos!”<sup>74</sup>

Da seção denominada *Cavaqueando*<sup>75</sup> (1ª semana), temos apenas uma publicação, datada de 15 de maio de 1892, nas páginas do “*Jornal do Comércio*”, do Rio de Janeiro. De caráter crítico, o grande texto, filosofa, sugere, incita e questiona os valores da política social dos Ministérios vigentes.

O organizador concluiu esse volume com 20 textos publicados ao longo da carreira de Raul Pompéia, de múltiplas características, às vezes com títulos, outras sem, semelhantes a ensaios sobre temas diversos do século estudado, apresentando o desenvolvimento do país, assim como o desenvolvimento intelectual e profissional do autor. De 1880 até 1895<sup>76</sup>, ano de sua morte, os veículos de impressão selecionados foram: “*As Letras*” (Revista do Externato do Colégio D. Pedro II), “*A Comédia*”, “*Gazeta da Tarde*”, “*O Nono Distrito*”, “*Jornal do Comércio*”, “*A Rua*” e “*Revista Brasileira*”, todas elas pertencentes ao eixo Rio-São Paulo.

<sup>74</sup> Raul Pompéia, *O Estado de São Paulo*, 21 jan. 1893, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol.VIII, pp. 289-290.

<sup>75</sup> Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VIII, pp. 321-329.

<sup>76</sup> *Idem*, pp. 331-370.

Toda a edição foi dedicada à transcrição das crônicas publicadas no “*Jornal do Comércio*”, na seção denominada *Lembranças de Semana*<sup>78</sup>, assinados por “Y”, durante o período de 28 de julho de 1890 a 09 de maio de 1892.

Totalizam 483 textos, reunidos em 568 páginas, que descrevem o cotidiano do Brasil no início da última década do século XIX, atestando o respeito conquistado pelo autor dentro dos órgãos de imprensa brasileiros, apontando a qualidade de sua escrita através da pluralidade temática.

Alguns textos longos configuram ganchos para outras publicações, geralmente mais curtas ou até com pequenas notas. Encontramos também críticas literárias, inclusive contendo a publicação de poemas selecionados de autores como Alberto de Oliveira (*Espiral de fumo*), Luís Delfino (*Santelmo*), Carlos Coelin (*Consummatum Est*), Álvares de Azevedo (*À Tarde*); críticas de artes, comentários sobre situações de violência, sua manifestação com relação ao surgimento das primeiras greves etc.

A abordagem de certos temas, feita pelo autor, muitas vezes partia da ironia, de um ceticismo, beirando à arrogância, muito típico em suas linhas, com toque sutil de intolerância, como na crítica mordaz aos desmandos do rei de Portugal, pois embora o país já houvesse conquistado sua independência, ainda sofria com o poder exercido por seus colonizadores:

*El-Rei de Portugal acaba de mandar dizer ao  
Generalíssimo Deodoro que suspenda o imposto em ouro  
das alfândegas, porque essas cobranças são prejudiciais  
aos negócios do reino.*

*El Rei mandou, é coisa feita.*

---

<sup>77</sup> Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol.IX.

<sup>78</sup> *Idem*, pp. 13-581.

*Haverá descuidados a quem pareça uma extravagância tal ordem expedida de além-mar. A nós não surpreende que ela tenha vindo, nem que seja obedecida.*

*Há muito que ouvimos no folk-lore cor-de-rosa das crianças:*

*Carneirinho, carneirão,  
Olhai pr'o céu, olhai pr'o chão,  
Manda El-rei de Portugal  
Para nos ajoelhar.<sup>79</sup>*

Eram constantes as publicações de notas de falecimentos de pessoas da sociedade carioca, mas um exemplo interessante, também ligado à realeza, mostra o respeito do autor em momento tão delicado para os sentimentos da nação brasileira:

*“O Brasil está de luto.*

*A esta hora, até onde chega o alcance das comunicações telegráficas, sem distinção de opiniões políticas ou simpatias pessoais, não há um brasileiro que não lamente a morte daquele que foi para o Brasil, não um monarca, mas o Monarca D. Pedro II.*

*O movimento histórico da emancipação nacional levou-nos à necessidade de nos separar do paternal soberano. Aqueles mesmos, porém, que personificaram a obra do destino, nessa terrível contingência, impondo-a pessoalmente ao príncipe deposto tinham o coração trespassado de mágoa.*

*Agora aumenta-se irremediavelmente essa separação.*

*Atenue o nosso pesar a certeza que podemos ter que o ex-Imperador morreu, sabendo que era ainda prezado daqueles que foram o seu povo, e cheio da consciência de que nos legava, como preciosa herança, um exemplo e um precedente de honestidade feita poder supremo, que, fazendo o seu renome, seria para os seus continuadores, no governo do Brasil uma imponentíssima lição.<sup>80</sup>*

Os quatro volumes destacam a maestria do autor, como cronista, no manejo de sua pena, na intenção de retratar o seu país, com cores de sabedoria, afeto e preocupação com o bem

---

<sup>79</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1891, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol.IX, pág. 262.

<sup>80</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1891, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol.IX, pp. 444-445.

estar social. Teceu nessas linhas uma colcha de temas, de situações, de histórias, nos deixando um rico legado, e à Literatura Brasileira, jóias preciosas que ainda precisam ser devidamente avaliadas por uma crítica sistemática.

### **2.1.1 Apresentação da obra: as particularidades do texto verificadas através da catalogação das crônicas**

O trabalho de catalogação das crônicas tem o propósito de auxiliar futuras pesquisas sobre o autor ou a temática desenvolvida nesta tese. Apesar de ser um levantamento minucioso, nem todas as informações pertinentes podem ser fornecidas, pois muitos textos não trazem os dados necessários, como datas, veículos de publicação, nomes, títulos etc. Também variam de extensão, de acordo com a necessidade e a possibilidade de espaço dos veículos de comunicação.

Como as produções apresentam uma multiplicidade temática, discutiremos a seguir as características de cada uma, analisadas dentro de critérios estabelecidos pela nossa metodologia de trabalho.

Para tanto, neste repertório faremos apenas um recorte da obra. Por ser muito extensa, escolhemos uma seção denominada “*Crônica Fluminense*”<sup>81</sup>, cujas publicações ilustraram as páginas da *Revista Ilustrada*, no decorrer do ano de 1880, com 21 crônicas, e detalhamos cada uma, na intenção de exemplificar as temáticas e as particularidades dos textos.

As crônicas são curtas, se apresentam sem título, há uma pluralidade temática englobando política, cultura, crítica social e amenidades do cotidiano. Trata-se do início da carreira de

---

<sup>81</sup> Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol. VII, pp. 11-27.



cronista do eclético Raul Pompéia, na época em que cursava a Faculdade de Direito de São Paulo e já era considerável a sua colaboração com os órgãos da imprensa brasileira.

## CRÔNICA FLUMINENSE<sup>82</sup>

1880

Nº.: 01

**Título:** -----

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*

**Assunto:** Política

**Palavras-chave:** câmara – política – discurso – articulações – marasmo

**Nomes citados:** Visconde do Rio Branco – Saraiva – Sr. Meira – Sr. Sousa Carvalho – Sr. Sinimbu

**Particularidades do Texto:** crítica direta (agressividade).

**Resumo:** Comentou sobre a situação política do país, enfatizando a falta de novidades, acrescentando as articulações entre políticos e o império. Percebemos ainda, um tom de agressividade, onde houve uma crítica direta às personalidades citadas.

**Página:** 11-12

**Local/Data:** Rio de Janeiro, 24 de abril de 1880.

Nº.: 02

**Título:** -----

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*

**Assunto:** Cultura

**Palavras-chave:** tradução – conhecimento - literatos – latim – ensino

---

<sup>82</sup> A série de crônicas encimadas pela designação Crônica Fluminense, a seguir transcritas, levam a assinatura “Raul D.”, pseudônimo que acreditamos ser de Pompéia. (N.E.), *in*

**Nomes citados:** Sr. Cândido Mendes – José Castilho – Caboret – Santos Rego – Novais - Cônego Ferreira – Barreto Feio

**Particularidades do Texto:** presença de termos jurídicos; “ataque” pessoal.

**Resumo:** Essa crônica apresentou uma crítica à tradução de uma frase em latim publicada na *Revista Brasileira*, contestou também o mau posicionamento do tradutor que rejeitou traduções anteriores, feitas inclusive por célebres mestres da Faculdade de Direito de São Paulo.

**Página:** 12

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

Nº.: 03

**Título:** ----

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*

**Assunto:** Racismo

**Palavras-chave:** brutalidade – racismo – agressão – solidariedade – crítica à imprensa

**Nome citado:** José do Patrocínio

**Particularidades do Texto:** crítica à imprensa, ao racismo e ao preconceito.

**Resumo:** Relatou a agressão sofrida por José do Patrocínio, na Rua do Ouvidor, por opositores políticos. Comentou a solidariedade dos companheiros que protegeram o colega. Terminou a crônica com uma crítica à imprensa da época, por não ter divulgado o acontecido.

**Página:** 13

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

Nº.: 04

**Título:**----

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*, nº. 205.

**Assunto:** Cultura

**Palavras-chave:** *Jornal do Comércio* – Centenário de Camões – orador – celebração – Paris

**Nomes citados:** Joaquim Nabuco – Luís de Castro – Dr. Miguel de Lemos – Sr. Laffette

**Particularidades do Texto:** notícia cotidiana.

**Resumo:** Nessa crônica o autor trouxe um comentário sobre a importância e o preconceito gerado quando houve o convite a Joaquim Nabuco para ser orador por ocasião do Tri-Centenário da morte de Camões, celebrado pelo Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, no ano de 1880. Ilustrou ser uma honra um brasileiro estar em tão sublime colocação à língua lusitana.

**Página:** 13-14

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

Nº.: 05

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*

**Título:** ----

**Assunto:** Política

**Palavras-chave:** reabertura da câmara – deputados – senadores – subsídio – discursos

**Nomes citados:** Sr. Rui Barbosa – Vasques – Sr. Sinimbu

**Particularidades do Texto:** destaca temas da atualidade; fala sobre dinheiro e safadeza.

**Resumo:** Nesta crônica houve uma crítica aos políticos que deixaram pendências para o período de recesso, pois assim ganharam subsídios salariais. O autor enfatizou sobre a

“enrolação” dos longos discursos de personalidades da época, tais como Rui Barbosa.

**Página:** 14-15

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

Nº.: 06

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*

**Título:** ----

**Assunto:** Política

**Palavras-chave:** novo ministério – liberal – reforma eleitoral – esperança – oposição

**Nomes citados:** Sr. Saraiva – S.M. (Sua Majestade) – Sr. Souza Carvalho

**Particularidades do Texto:** sarcástico.

**Resumo:** Nesse texto houve uma crítica à reforma ministerial que prometeu inovações, e para ilustrar a crônica, as citações de outras personalidades históricas foram apresentadas.

**Página:** 15

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

Nº.: 07

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*

**Título:** ----

**Assunto:** Crítica de arte

**Palavras-chave:** Academia de Belas-Artes – Santo Estevão – arte sacra – estátua – proporção

**Nomes citados:** Rodolfo Bernadelli, Sr. Siz N

**Particularidades do Texto:** crítica de arte; irônico.

**Resumo:** Caracterizou-se como uma crítica negativa ao tema da obra de arte (sacra), pois tinha um fundamento pessoal anti-

religioso, porém o cronista elogiou o trabalho do artista, embora tenha citado que outros críticos apontaram defeitos nas proporções da obra. Por isso, existiu nesta crônica um certo “cinismo”, em velada voz de sarcasmo, aos professores da academia.

**Página:** 15-16

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

**Nº.:** 08

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*

**Título:** ----

**Tema:** Cultura

**Palavras-chave:** folhetins – metalinguagem – “morte” da imprensa – qualidade da imprensa - crítica

**Nomes citados:** **Artur de Oliveira**

**Particularidades do Texto:** metalingüístico.

**Resumo:** Em um texto metalingüístico, tem-se a representação, através de um jogo de palavras, sobre a “morte” de um folhetim – *Notícia* – entretanto outro folhetim – *Combate* – foi elogiado pela presença de seu redator, Artur de Oliveira, a quem o cronista considerou excelente escritor.

**Página:** 16

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

**Nº.:** 09

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*, nº. 204.

**Título:** ----

**Tema:** Política

**Palavras-chave:** reeleição – política pernambucana – ministério – estrada de ferro – concessões

Nomes citados: Sr. Buarque de Macedo – Albuquerque

**Particularidades do Texto:** irônico.

**Resumo:** Um texto irônico, em que a notícia da “possível” não reeleição do ministro Buarque de Macedo foi tratada como brincadeira, pois como todo político do Norte, sempre conseguia suas intenções.

**Página:** 16-17

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

Nº.: 10

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*, nº 203.

**Título:** ----

**Tema:** Política - Religião

**Palavras-chave:** reforma eleitoral – novo ministério – acatólicos – atos públicos – Constituição

**Nomes citados:** Sr. Saraiva – Sr. D. Pedro – Sr. Homem de Melo – Sr. Rui Barbosa – Sr Joaquim Nabuco – Dr Zeferino – Artur S. Oliveira – Alberto de Carvalho

**Particularidades do Texto:** discordâncias religiosas; “ataques”; ilusão de eleitores; promessas vãs.

**Resumo:** Fez críticas aos métodos persuasivos utilizados pelo novo Ministério; comentou sobre a possibilidade de eleição dos acatólicos e a oposição de D. Pedro com relação a este assunto; discutiu a nova constituição e a demora em concretizá-la; relatou a inauguração da *Escola Normal*, no Rio de Janeiro; e opôs-se a Rui Barbosa em virtude de suas críticas a Joaquim Nabuco representar a língua portuguesa no Tri-Centenário da morte de Camões; terminou falando sobre a imprensa, que surgia com novos ideais e visão moderna (*Vida Moderna, Combate Verrina*).

**Página:** 17-19

**Local/Data:** Rio de Janeiro, 10 de abril de 1880.

**Nº.:** 11

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*

**Título:** -----

**Tema:** Política

**Palavras-chave:** novo Ministério – organização – público – governo – aceitação

**Nomes citados:** ----

**Particularidades do Texto:** sarcástico; metáfora do nascimento.

**Resumo:** Apresentou com sarcasmo a nomeação do novo Ministério

**Página:** 19 - 20

**Local/Data:** Rio de Janeiro, 03 de abril de 1880.

**Nº.:** 12

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*

**Título:** ----

**Tema:** Política - Literatura

**Palavras-chave:** poetas – política – ministério – compatibilidade – reforma ministerial

**Nomes citados:** Sr. Pedro Luís – Tomás Ribeiro – Sr. Saraiva

**Particularidades do Texto:** crítica literária e política.

**Resumo:** O cronista comentou a reforma ministerial e expôs as dúvidas sobre a capacidade de trabalho alguns dos novos empossados, que eram poetas.

**Página:** 20-21

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

**Nº.:** 13

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*

**Título:** ----

**Tema:** Religião - Política

**Palavras-chave:** jesuítas – clero – governo – ideais franceses – renovação

**Nomes citados:** Freycinet

**Particularidades do Texto:** crítica religiosa.

**Resumo:** O cronista relatou o fim da Companhia de Jesus na França.

**Página:** 21

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

**Nº.:** 14

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*, nº. 202.

**Título:** ----

**Tema:** Política - Literatura

**Palavras-chave:** cargos políticos – autores – Ministro – Oficial de Gabinete – *Memórias Póstumas de Brás Cubas* – *Revista Brasileira*

**Nomes citados:** Sr. Pedro Luís - Sr. Machado de Assis

**Particularidades do Texto:** crítica literária e política.

**Resumo:** O cronista criticou a absorção de literatos para cargos governamentais.

**Página:** 21-22

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

**Nº.:** 15

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*

**Título:** ----



**Tema:** Política

**Palavras-chave:** Ministério – governo – império – corte – Gabinete

**Nomes citados:** Conselheiro Saraiva – Conselheiro Dantas – Sua Majestade

**Particularidades do Texto:** metáfora política-religiosa; o texto dialoga com fatos bíblicos.

**Resumo:** Anunciou os conflitos com o novo Ministério, cuja vida política encontrara-se limitada ao Imperador.

**Página:** 22-23

**Local/Data:** Rio de Janeiro, 20 de março de 1880.

**Nº.:** 16

**Veículo:** Revista Ilustrada (*Crônica Fluminense*)

**Título:** ----

**Tema:** Política

**Palavras-chave:** processo acadêmico – império – ministério – estudantes – justiça

**Nomes citados:** Sr. Sodré

**Particularidades do Texto:** elogio à pasta da Educação; crítica ao sistema rígido de ensino.

**Resumo:** O autor elogiou a performance do ex-ministro – Sr. Sodré, dizendo-o justo e comprometido com a educação acadêmica.

**Página:** 23

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

**Nº.:** 17

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*, nº. 200.

**Título:** ----

**Tema:** Cultura - Morte

**Palavras-chave:** cultura – falecimento – tristeza – compositor – alcoolismo

**Nomes citados:** Maximilien André Reichert

**Particularidades do Texto:** elogio póstumo.

**Resumo:** A crônica trouxe, com pesar, a notícia da morte de Maximilien André Reichert, flautista (compositor).

**Página:** 23-24

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

**Nº.:** 18

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*

**Título:** ----

**Tema:** Política

**Palavras-chave:** religião – quaresma – costumes – política – pastas governamentais

**Nomes citados:** Conselheiro Saraiva

**Particularidades do Texto:** metalingüístico.

**Resumo:** Criou-se, nessa crônica, uma oposição entre os costumes cristãos e o que ocorreu, na época, na cidade do Rio de Janeiro. Ao invés do jejum da quaresma, a diversão e a “gula” nas confeitarias da Rua do Ouvidor. A mesma “gula” podia ser chamada de ambição política, pois, apesar da época santa, muitos se encontraram preocupados com as pastas do governo.

**Página:** 25

**Local/Data:** Rio de Janeiro, 27 de março de 1880.

**Nº.:** 19

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*

**Título:** ----

**Tema:** Política

**Palavras-chave:** Centenário de Camões – Gabinete -

**Nomes citados:** Joaquim Nabuco – Sr. Figueiredo Magalhães – Sr. Zeferino Cândido – Sr. Ramalho Ortigão

**Particularidades do Texto:** xenofobia cultural.

**Resumo:** Nessa crônica se encontram relatos das desavenças acerca das comemorações do Tri-Centenário da morte de Camões, expondo a contrariedade de alguns portugueses em ter como representante da língua lusitana um brasileiro – Joaquim Nabuco.

**Página:** 25-26

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

**Nº.:** 20

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*

**Título:** ----

**Tema:** Saúde Pública

**Palavras-chave:** patriotismo – crítica – saúde – febre amarela - injeção

**Nomes citados:** Sr. Dr. Araújo Góes

**Particularidades do Texto:** ironiza o patriotismo.

**Resumo:** Mostrou a contrariedade ao uso da vacina contra a febre amarela, fabricada no Brasil, por ser uma imposição que tinha como argumentação o patriotismo.

**Página:** 26

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

**Nº.:** 21

**Veículo:** *Revista Ilustrada (Crônica Fluminense)*, nº 201.

**Título:** ----

**Tema:** Cultura – Morte

**Palavras-chave:** artista – falecimento – flautista – professor -  
tristeza

**Nomes citados:** Reichert – Calado (Joaquim Antônio da Silva) –  
Sr. Duque-Estrada Meyer

**Particularidades do Texto:** expõe com pesar o falecimento.

**Resumo:** Notícia sobre o falecimento do professor de flauta,  
Joaquim Antônio da Silva Calado. O autor expôs a tristeza e  
teceu elogios ao falecido.

**Página:** 27

**Local/Data:** Rio de Janeiro, s/d, 1880.

### 2.1.2 Índice Onomástico

A organização do índice onomástico tem a finalidade de auxiliar na pesquisa documental, pois facilita e orienta o trabalho de futuros pesquisadores, ao apresentar as personalidades contemporâneas de Raul Pompéia, além de outras.

Para montá-lo buscamos todas os nomes mencionados em cada uma das 300 crônicas do volume VII, e se encontram grafados conforme a publicação original.

ABELLA, 212

Acácio, Conselheiro, 374

Albuquerque, 17

Albuquerque, Medeiros e, 159

Alfredo, João, 72, 86, 87, 88

Almeida, Daniel de, 60

Almeida Jr., 301

Alves, Castro, 178

Américo, Pedro, 349  
Amoedo, Rodolfo, 245, 289, 301, 305, 306, 332, 359  
Anchieta, José de, 325  
Ângelo, Miguel, 105  
Araújo, Gonçalves de, 183, 184  
Arredondo, General, 83, 93  
Assis, Machado de, 21  
Azevedo, Artur, 129, 214, 215  
Azevedo, Ciro de, 60

BANNEN, Comandante, 181, 222, 223  
Barbosa, Rui, 14,18  
Bargossi, 57  
Barros, Moreira de, 34  
Barros, Pedro de, 83, 84,  
Barroso, 158, 159  
Barroso, Almirante, 157  
Bastos, Coelho, 34, 51, 57, 58, 59, 69, 70, 73, 77, 78, 94  
Belo, André, 179  
Bergeron, Dr. 240  
Berna, Benevenuto, 245, 306  
Bernardelli, Felix, 221  
Bernardelli, Henrique, 221, 222, 245, 289, 305, 306, 321  
Bernardelli, Rodolfo, 15,16, 121, 244, 245, 301, 306  
Bernardes, Manoel, 314  
Bismarck, 38  
Blanco, Villamil, 223  
Bonaparte, 110  
Bonezi, Aníbal, 47  
Bonifácio, José, 74, 325  
Botelho, Pedro, 40  
Braga, 63

Braga, Henrique, 262  
Buchillon, Mme Marie, 306  
Buckle, 99  
Bulhões, 107

CABORET, 12  
Calado, Joaquim Antônio da Silva, 27  
Camarão, 325  
Camões, 13, 18, 19, 25, 26, 176, 220  
Cândido, Zeferino, 19, 26  
Carlos (I), 15  
Caron, 156, 290, 305  
Carvalho, Alberto de, 19  
Carvalho, Bulhões, 61,62, 63  
Carvalho, Henrique, 253  
Carvalho, Souza, 12,15  
Castagnetto, 108, 290  
Castilho, José, 12  
Castro, Augusto de, 197, 198, 315, 317  
Castro, Francisca da Silva, 54, 55, 56, 95  
Castro, Luís de, 13, 128  
Castro, Tito Lívio de, 343  
Celman, Juarez, 157  
Celso, Afonso, 230  
Cervantes, 46  
Clapp, João, 73  
Cláudio, 103, 104  
Clóvis, 107  
Coelho, Balduino, 289  
Coimbra, Figueiredo, 357, 358  
Comte, Augusto, 13, 19, 165  
Constant, Benjamin, 321

Cordoville, Heitor de, 91  
Cordoville, Hortêncio de, 91  
Correia, Nunes Gonçalves e, 57  
Cotegipe, Barão de, 63, 74, 88, 92, 93, 186  
Cunha, 296

DANTAS, 22, 23, 36, 172  
Dante, 220  
Daudet, 194, 232,  
Delanay, 110  
Deodoro, Marechal/ General, 81, 92, 208, 209  
Descartes, 321  
D'Eu, Conde, 42, 82  
Diana, Ministro, 152  
Dias, Gonçalves, 326  
Dias, Henrique, 325  
Dostoievski, 291  
Driental, Tomás, 301  
Duarte, A., 108

ESTRELA, Conde da, 51  
Elói, 52, 53, 69, 70

FACHINETTI, 305  
Feijó, 326  
Feio, Santos, 12  
Ferrari, 46, 47, 85  
Ferraz, Costa, 253  
Ferreira, Carlos, 57  
Ferreira, Cônego, 12  
Figueira, Andrade, 36  
Figueiredo, Aurélio de, 99, 100, 156, 172, 359

Fonseca, Manoel Deodoro da, 326  
Fontoura, Adelino, 129  
França Jr., 195  
Franklin, Benjamin, 349  
Frederico, Rafael, 306  
Freitas, 107  
Freycinet, 21  
Frontin, 108

GALDI, Padre, 158  
Galileu, 109  
Gama, Luís, 139  
Garcia, 93  
Garret, 20  
Gladstone, 88  
Góes, Araújo, 26  
Goëthe, 176  
Gomes, Carlos, 166, 167  
Gonçalves, Alfredo, 175  
Goncourt, 89  
Grévy, 64  
Guilherme, 38  
Guimarães, 63  
Gusmão, 54, 82

HARTMANN, 154  
Henriques, Conselheiro, 42  
Herculano, Alexandre, 176  
Herzberg, 251  
Homero, 220  
Hugo, Vítor, 345, 346, 347



IBITURUNA, Barão de, 52

JACOBINI, Cardeal, 82

Jaguaribe, Visconde de, 360

Jardim, Silva, 67

João (VI), D., 216

Jordan, Lopes, 93

Joséphine, Mme., 355

KOSERITZ, Carlos, 88, 354

LABROISSE, 175

Lacerda, Carlos de, 94

Ladário, Barão do, 208, 209

Laemmert, 250

Laffette, 13

La Fontaine, 291

Lamartine, 312

Langerock, 359

Leal, Gomes, 179

Lemos, Miguel de, 13

Leopardi, 154

Leopoldo (II), 24

Lima, Augusto de, 61

Lima, Luís Alves de, 326

Lima, Vitor Meireles de, 359

Livramento, Barão do, 84

Lopes, Castro, 295

Lucas, Tenente, 364

Lucena, 83

Luís, D., 187

Luís (I), 186

Luís, Pedro, 20, 21

Luís (XIV), 37

MACEDO, Buarque de, 16

Macedo, Joaquim Manoel de, 141

Machado, Júlio César, 268

Magalhães, Figueiredo, 25

Magalhães, Rameau de Valentim, 130, 132, 152

Malta, Castro, 35, 295

Mangeon, Oscar, 310, 311

Manoel, Francisco, 257

Manuel, El Rei D., 329

Maquiavel, 145

Mayrink, 162

Maria, Teresa Cristina, (Imperatriz), 245, 247

Mariano, José, 42

Marin, André, 145

Marques, Joaquim Cândido de Azevedo, 71, 72, 76

Marques, Martinho, 270

Martins Jr., 106, 107

Martins, Silveira, 212

Matos, Gregório de, 325

Matoso, 61

Mauá, Visconde de, 187, 189

Mechel, Luísa, 195

Medeiros, 306

Meira, 12

Melo, Barão Homem de, 18, 213

Mendes, Cândido, 12

Mendes, Cônego Siqueira, 59

Mendes, Fernando, 62

Menezes, Tobias Bartheo de, 153, 177, 178

Meyer, Duque-Estrada, 27  
Miguez, Leopoldo, 262  
Milton, 220  
Moniz, José Ricardo, 127, 128, 129  
Moisés, 38  
Molière, 144, 214, 215  
Monteiro, Firmino, 109  
Morais, Leite, 54, 67, 68  
Moreno, Henrique, 194, 195, 223  
Murat, Luís, 66, 68

NABUCO, Joaquim, 13, 18, 25  
Napoleão (III), 15, 347  
Nascimento, 144  
Negreiros, Vidal de, 325  
Nepomuceno, Alberto, 263  
Ney, Paula, 129, 165  
Neuville, Padre Marcos, 199, 200  
Nico, Coronel, 92  
Novais, 12  
Nunes, Silva, 195

OHNET, George, 131, 132  
Oliveira, Alberto de, 61  
Oliveira, Artur S., 16, 19, 129  
Oliveira, Cândido de, 209  
Orlando, Artur, 107  
Ortigão, Ramalho, 26, 147, 245  
Otávio, Rodrigo, 173  
Ouro-Preto, Visconde de, 201, 209

PAGANI, 306

Pamplona, Luís, 91  
Parreiras, Antonio, 156, 245, 289, 301, 306, 359  
Payne, Sir John, 95  
Patrocínio, José do  
Pedro (I), D., 18, 51, 216  
Pedro (II), D. 40, 52, 209, 216, 217, 218, 223  
Pelletton, 374  
Pelotas, Visconde de, 212  
Peres, Pedro, 306  
Peter, Dr., 228  
Petit, Augusto, 108, 306  
Pinhal, Barão de, 74, 80  
Pinto, Jorge, 61  
Poe, Edgard Allan, 154  
Prudhomme, M., 251  
Pujol, Alfredo, 61  
Pulcinella, 275

QUEIROZ, Eça de, 348  
Queiroz, Engenheiro, 75  
Queiroz, Compositor, 263

REAL, Costa, 94  
Rego, Santos, 12  
Reichert, Maximilien André, 23, 24, 27  
Ribeiro, João, 226, 227, 288, 289, 324  
Ribeiro, Júlio, 300, 301  
Ribeiro, Luís, 306  
Ribeiro, Severiano, 78, 83  
Ribeiro, Tomás, 20, 155, 156  
Rio Branco, Visconde do, 11, 12  
Romero, Sílvio, 178, 324, 325, 326

Rossi, 140

SÁ, Eduardo de, 108

Salvini, 140

Santos, General/Presidente, 63, 79, 81, 82

Santos, João Caetano dos, 140, 141, 143

Saraiva, Gumercindo, 11,12,15, 20, 22, 23, 36,375

Schopenhauer, 154

Sepetiba, Honório da, 59

Shakespeare, 176, 214

Silveira, João, 80

Sinimbu, 12, 14

Strafford, 15

Silva, Estevão da, 108, 290, 301, 306

Silva, J. de Morais e, 146

Silva, Lima e, 158

Silva, Pereira da 219, 220

Silva, Rodrigo, 185

Silva, Visconde de Vieira da, 199

Siz, N, 15

Soares, Nogueira, 152

Sodré, 23

Souto, José Leão Ferreira, 71, 72, 76, 80

Souto, Luís Honório Vieira, 354

Souza, Francisco Belisário Soares de, 163

TAJES, General, 81,192

Tautphoeus, Barão de, 286, 287

Tasso, 220

Tobias, 144

Tomás, Frei, 322

Tony, 116

URSO, Castro, 191, 192

VALE, Adriano do, 159, 306

Varela, Fagundes, 232, 233, 292

Vasconcelos, Braz de, 306

Vasques, 14, 141, 142, 143

Veiga, Evaristo da, 326

Velasquez, 133

Ventura, 363

Vercingetorix, 109

Verginiand, 110

Viana, Ferreira, 51

Vicente, Jacinto Casasnovas, 58

Vieira, Antonio, 325

Vieira, Fernandes, 325

Vilares, Décio, 108

Vilhena, Conselheiro Júlio de, 90

Virgílio, 220

Voltaire, 349

WEINGARTNER, 306

Werther, 176

ZOLA, Emílio, 32, 36, 153, 348, 354

### **2.1.3 Aspectos visuais e gráficos característicos das publicações contemporâneas a Raul Pompéia**

Abordaremos mais uma parte da análise do peritexto, ou seja, a partir das partes anteriores que enfocaram os textos de

Pompéia organizados por Afrânio Coutinho, como a catalogação de uma seção de crônicas e a organização do índice onomástico. Resta-nos avaliarmos alguns dos aspectos visuais dos veículos de publicação dos textos.

Para tanto, devemos manter nosso olhar em um processo de avaliação baseado na época das publicações, ou melhor, devemos traçar os perfis de análise de acordo com os parâmetros de projetos gráficos vigentes, já que o estilo acompanha os movimentos artísticos, a estética e se perpetua nas diferentes épocas. Entretanto, é inevitável também olharmos esses produtos com nossa visada de hoje, comentando seus resultados a partir de um universo tecnológico muito diverso do de então.

Historicamente, sabemos que os veículos de comunicação buscaram a adaptação a seus meios tecnológicos da escrita, gerando grandes mudanças de estilo. Devido a esse fato, o sucesso de cada veículo impresso era resultado da ousadia de seus idealizadores, porém as dificuldades de distribuição da matéria na página, a falta do caráter artístico e estético dos antigos periódicos demonstram a escassez de recursos gráficos durante o século XIX.

Temos aqui quatro exemplares do jornal “*O Estado de São Paulo*”, datados de 18 de outubro de 1890, 25 de março de 1891, 30 de agosto de 1892 e 31 de janeiro de 1893, como modelos da imprensa oitocentista. Infelizmente a visibilidade das imagens encontra-se prejudicada pela reprodução fotográfica e da microfilmagem, porém contribuem para efetuarmos a leitura visual das publicações.

Ao lermos um jornal, independente da época de sua produção, passamos a observar detalhes estratégicos que compõem a página, como a disposição do título, o bom aproveitamento visual, a legibilidade e conseqüentemente a

qualidade da diagramação. Buscamos atributos baseados no equilíbrio, na harmonia, em *layouts* modernos, na proporção e na funcionalidade do periódico.

De modo geral, nesses jornais percebemos que o espaço dedicado às publicações de Raul Pompéia, nas seções denominadas *Datas Fluminenses* e *Da Capital*, era maior na primeira e equivalente nas outras edições, sofrendo raríssimas alterações. Houve equilíbrio na composição, porém faltou harmonia, prejudicando a legibilidade decorrente da estrutura e da forma das letras. O sistema de impressão também se mostrou precário.

Percebemos que a diagramação teve um projeto gráfico limitado, o diagrama de 08 colunas, predominante nos jornais analisados, o que trouxe o inconveniente de requerer corpos pequenos, por isso a profusão de letras tendia a “embaralhar” a visão do leitor, resultando num aspecto estético carregado.

Os textos não tiveram proporções definidas, distribuíram-se verticalmente<sup>83</sup>, inadequadamente, um após o outro, entremeio a pequenas notas e títulos escassos, centralizados e mal definidos. Essa difícil legibilidade da página se encontrou ligada à tipologia (à forma da letra) e à variação da largura das colunas

Observamos que a funcionalidade praticamente inexistiu, o que prejudicou o visual, pois na formação das palavras, as massas visuais tenderam a formar *grises*<sup>84</sup>, com variação tonal na tipologia para provocar contrastes, que deram a sensação de vermos manchas acinzentadas, resultantes da composição manual. A má disposição tornou a leitura dos textos cansativa,

---

<sup>83</sup> Na década de 90, no século XIX, as crônicas haviam conquistado espaços definidos nos periódicos, não eram mais publicadas nos rodapés.

<sup>84</sup> Mistura entre o negro e o branco dos impressos.



com o visual comprometido, prejudicando a qualidade do periódico. Com relação a esse fato COLLARO<sup>85</sup> (1996) explicou:

*“No início da produção de caracteres para impressão, os fundidores de tipos trabalhavam com base em forma de paralelepípedo, o que dificultava o espaçamento óptico na formação das palavras.*

*Os fundidores de caracteres para tipografia estavam conscientes desse fato, pois várias foram as tentativas de suprir essa deficiência. Na impressão tipográfica, a pressão exercida sobre os tipos impõe restrições à eliminação da deficiência óptica.”<sup>86</sup>*

.....

*“O operador, munido de um aparelho chamado componedor, em que é fixada a medida da composição busca letra por letra, espaço por espaço, fazendo uso de materiais mais baixos que os caracteres, que vão compor o grafismo da página, montando as fôrmas linha a linha de composição, para, no final, obter as páginas [...]”<sup>87</sup>*

Outro problema verificado foi o volume de textos, sem fotos ou legendas. O *layout* pesado configurou em páginas pobres visualmente, monótonas, com a ausência de títulos em destaque (apenas o nome do periódico tinha corpo maior e em negrito), a falta de seções bem definidas e filetes mal traçados, deixando claro que o paginador usou sua experiência para compor a página, criando uma diagramação simples, discreta, artesanal, entretanto sem recursos ou condições técnicas de modificá-la.

Esse design pouco atraente dificultou a movimentação dos olhos do leitor, pois não houve distinção com relação às zonas visuais. Note-se ainda a ausência de espaço físico, nessa página interna, para a publicidade ou anúncios, que sempre configuraram a renda dos jornais, mas no século XIX,

---

<sup>85</sup> Antonio Celso Collaro, *ob.citada*.

<sup>86</sup> *Idem*, pág. 16.

<sup>87</sup> *Idem*, pág. 22.

geralmente o fator financeiro das publicações era aliado às assinaturas.

As quatro ilustrações variam em temporalidade, configuram datas entre 1890 a 1893. Os anos não trouxeram mudanças à diagramação, apenas o título sofreu modificações visuais, já que na primeira publicação a estética das letras prejudicou a legibilidade e harmonia do produto a ser veiculado, por ser carregada, pertencente ao grupo de letras cursivas, que tinham sua legibilidade alterada por ornamentos, que desfiguraram as características básicas da escrita, as tornando ilegíveis, sendo utilizadas apenas para destaques, com o tamanho dos corpos maiores. Posteriormente, na segunda e terceira edições, o título sofreu alterações para letras mais legíveis (lapidária), obtendo, assim, um visual mais leve.

Nas páginas originais do periódico, aqui inseridas, das seções *Datas Fluminenses* e *Da Capital*, cujo conteúdo destacamos:

1ª publicação: de 18 de outubro de 1890, com 03 crônicas<sup>88</sup> do autor, longas, seno que a temática das duas primeiras criam gancho entre elas. No primeiro texto relata, liricamente, a partida do Sr. Silva Jardim, para uma viagem de dois longínquos anos. Continua, criando um novo texto, abordando e criticando tal ação, como forma de manifesto de Silva Jardim, político republicano, cansado dos trâmites do novo regime político, Pompéia sugeriu a paciência e o tempo, para que as soluções do difícil momento. Na última crônica, relatou as desavenças entre os *novos* e os *velhos* escritores de sua época, os pensamentos e escritas diferenciadas, criando estilos próprios e gerando conflitos entre a sociedade literária.

---

<sup>88</sup> Anexo – crônicas 09 (a), 09 (b), 09 (c), pp. 156-164.

2ª publicação: de 25 de março de 1891, essa página continha 04 crônicas<sup>89</sup> de Raul Pompéia, os temas enfocaram a política brasileira, o comércio exterior e os convênios comerciais com o Brasil; os assassinatos e as traições conjugais; e a crítica de arte. Todos os textos apresentaram as características fundamentais do autor: crítica, língua feroz e ironia exacerbada.

3ª publicação: de 30 de agosto de 1892. Possuía uma única crônica<sup>90</sup>, que enfocou o falecimento do Marechal Deodoro, tecendo elogios à sua pessoa e aos seus honrosos feitos em virtude do processo político que antecedeu 15 de Novembro.

O autor relatou vários fatos da vida do ilustre Marechal, suas lutas, seus inimigos, a pressão da imprensa e a glória de haver libertado o país das mãos do Império. Além de comentar a fragilidade de sua saúde abalada, o levando à dupla luta: a social e a morte.

Falou sobre os momentos antecedentes à Proclamação da República, aos atos realizados pelo Marechal durante o período de sua gestão política.

A linguagem pompeiana transmitiu lirismo, em função do tema abordado. Raul Pompéia não se limitou aos elogios, também, sutilmente, criticou alguns desmandos e o posicionamento enérgico de Deodoro, mas os atribuiu ao difícil momento pelo qual o país passou.

4ª publicação: de 31 de janeiro de 1893. Temos nessa edição duas crônicas<sup>91</sup> com temas relacionados, criando um gancho entre elas. No primeiro texto o autor discutiu a carestia, o comércio explorador, os altos impostos e a falta de atitude do povo brasileiro, que se encontrou acuado perante tal situação.

---

<sup>89</sup> Anexo – crônicas 10 (a), 10 (b), 10 (c) e 10 (d), pp. 165-170.

<sup>90</sup> Anexo – crônica 11, pp.171-175.

<sup>91</sup> Anexo – crônicas 12 (a), 12 (b), pp. 175-177.

Na segunda crônica, Pompéia deu continuidade à temática apresentada ao relatar a situação econômica do país após a República e a falta de produção industrial, o que fez o povo ser obrigado a importar quase todos os bens de consumo, tornando os preços sempre elevados por conta dessa situação.



Ilustração 1 - Jornal “O Estado de São Paulo”, 18 de outubro de 1890, ano XVI, nº. 4.696.<sup>92</sup>

<sup>92</sup> Imagens cedidas pelo CEDAP.

AVISO
Aos srs. assignat...
Até 31 de dezembro de 1890, suspendemos a folha no primeiros dias de abril.

O ESTADO DE S. PAULO

Letras sem concurso

Estas e outras do governo...
Lentamente se vão...
Aos srs. assignat...
Até 31 de dezembro de 1890, suspendemos a folha no primeiros dias de abril.

DA CAPITAL

Até 31 de dezembro de 1890...
Aos srs. assignat...
Até 31 de dezembro de 1890, suspendemos a folha no primeiros dias de abril.

VIDA PORTUGUEZA

Até 31 de dezembro de 1890...
Aos srs. assignat...
Até 31 de dezembro de 1890, suspendemos a folha no primeiros dias de abril.

DEBATE

Até 31 de dezembro de 1890...
Aos srs. assignat...
Até 31 de dezembro de 1890, suspendemos a folha no primeiros dias de abril.

ALGOS E CAROS

Até 31 de dezembro de 1890...
Aos srs. assignat...
Até 31 de dezembro de 1890, suspendemos a folha no primeiros dias de abril.

FOGO FALTO

Até 31 de dezembro de 1890...
Aos srs. assignat...
Até 31 de dezembro de 1890, suspendemos a folha no primeiros dias de abril.

DEBATE

Até 31 de dezembro de 1890...
Aos srs. assignat...
Até 31 de dezembro de 1890, suspendemos a folha no primeiros dias de abril.

DEBATE

Até 31 de dezembro de 1890...
Aos srs. assignat...
Até 31 de dezembro de 1890, suspendemos a folha no primeiros dias de abril.

Ilustração 2 - Jornal "O Estado de São Paulo", 25 de março de 1891, ano XVII, nº. 4.822.

93 Idem.



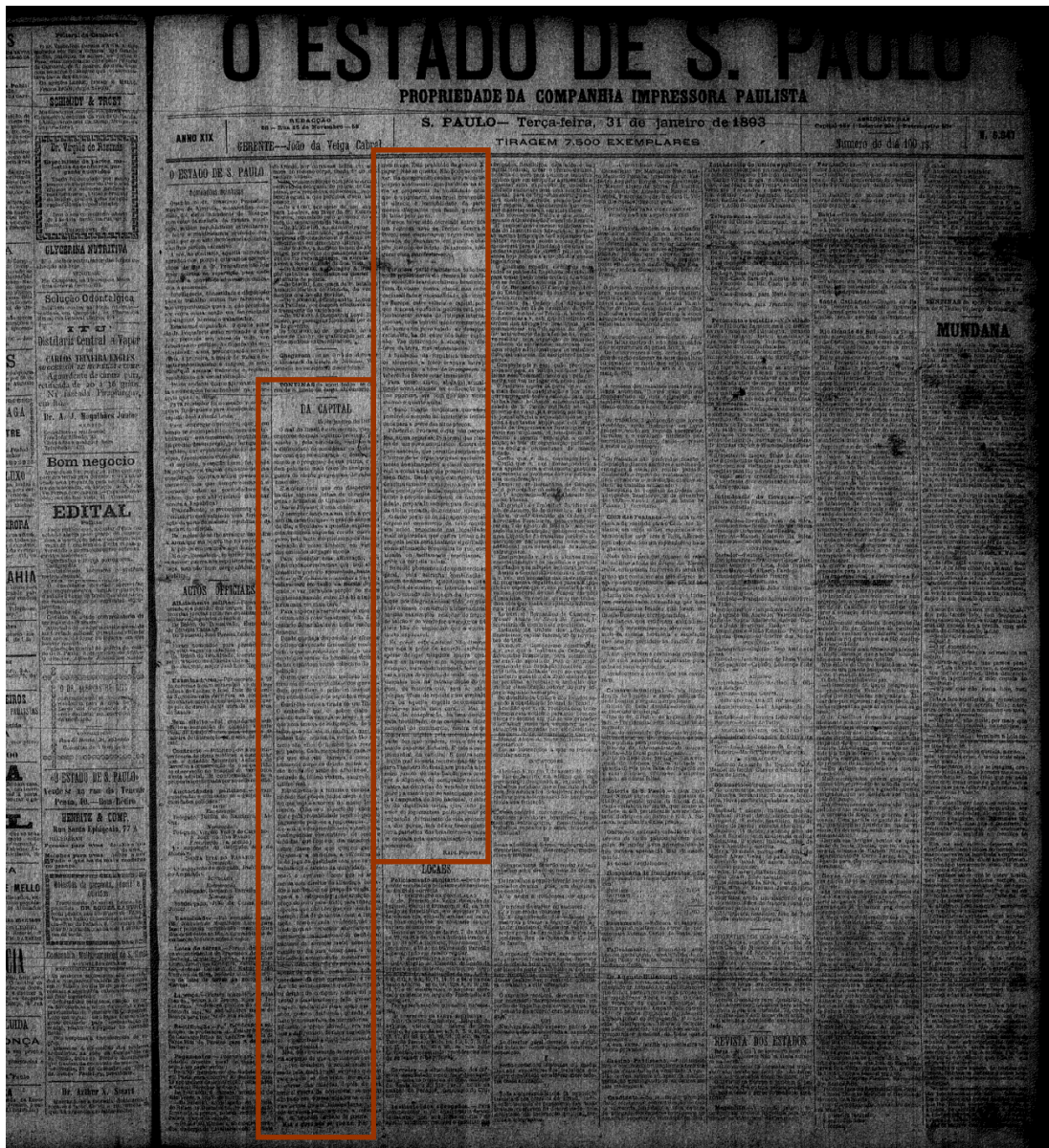


Ilustração 4 - Jornal "O Estado de São Paulo", 31 de janeiro de 1893, ano XIX, nº. 6.841.<sup>95</sup>

<sup>95</sup> *Idem.*



## CAPÍTULO III

*“Quem retrata, a si  
mesmo se retrata?  
Mas, quem escreve?  
Também a si  
escreverá?”<sup>96</sup>*

(José Saramago)

### 3 UM OLHAR SOBRE RAUL POMPÉIA

Talvez o leitor estranhe a presença constante de adjetivos por nós utilizados nas descrições de Raul Pompéia, mas constatamos em seus biógrafos o inevitável uso dos mesmos, talvez para acentuar os aspectos diferenciais, alvo desta pesquisa, surpreendendo todos os que buscam se aprofundar em sua pessoa. Ou seja, ao tecer as linhas de seu perfil, o seu jeito único de ser, quer nas boas ou más qualidades, porém sempre marcantes, tornou impossível defini-lo sem adjetivá-lo. Por mais frio e distante que seja um trabalho acadêmico, à medida que seu autor toma contacto com os textos, a emoção subjacente se aflora sobre o espírito crítico.

Somente conhecendo a base da sua criação severa, aquém do esperado para o final do século, poderemos entender as particularidades de Raul Pompéia. Ao lermos sobre sua vida, compreendemos alguns aspectos de tão rigorosas ações, refletidas nos escritos, nos atos e nas atitudes céticas, além da sua imagem tradicionalmente vista como sombria, que tanto causou estranheza em seus colegas e críticos, lhes deixando uma impressão de reclusão e amargura, unidas à sua personalidade marcante.

---

<sup>96</sup> José Saramago, *Manual de Pintura e Caligrafia*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, pág. 79.

Nascido em 12 de abril de 1863, em uma propriedade rural, localizada nas proximidades de Angra dos Reis, estado do Rio de Janeiro, Raul d'Ávila Pompéia desde cedo trouxe em si traços da criação reclusa, imposta pelos familiares austeros, seus pais, Dr. Antônio d'Ávila Pompéia e Rosa Teixeira Pompéia.

Rodrigo OCTÁVIO<sup>97</sup> (1934), em seu livro *“Minhas memórias dos outros”*, define a família de Raul Pompéia da seguinte forma:

*“... Pompéia era homem de poucos, pouquíssimos amigos. Desde muito criança, afeito ao estudo e à meditação, viveu consigo só, graças a uma vida familiar quase monástica, em que a sociedade, a animação ruidosa e fácil dos salões, não entrou. Seu pai, homem de recursos, morando em casa própria, mas retraído, casmurro, quase insociável, não visitava pessoa alguma, nem recebia visitas. A família vivia como num claustro.*

Os anos que passou no internato do famoso Colégio Abílio, em muito contribuíram para a formação de sua personalidade inquieta, visionária, crítica, observadora e porque não dizer desafiadora. Mais tarde se transferiu para o externato do Imperial Colégio D. Pedro II, berço educacional da alta sociedade carioca, local onde terminou seus estudos.

Inicialmente se envolveu com a produção literária, colaborando, ainda no colégio, com o jornalzinho manuscrito *“O Archote”*, posteriormente fundando a revista *“As Letras”*, a qual serviu para discutir os temas da época e as principais questões em discussão no país. Em 1880 publicou seu primeiro livro, *“Uma Tragédia no Amazonas”*.

Assim, aos poucos, ele se engajou com os acontecimentos sociais e políticos, filiado ao Partido da Emancipação<sup>98</sup> Nacional, sempre fazendo da palavra a sua principal aliada contra a

---

<sup>97</sup> Rodrigo Octávio, *Minhas memórias dos outros*, Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1934, pág. 32.

<sup>98</sup> Nessa época o país convivia com duas posições políticas: de um lado o Partido da Emancipação, do outro o Partido da Colônia.

Monarquia e os escravocratas. Por isso se tornou abolicionista e republicano.

Pompéia se desenvolveu culturalmente junto às mudanças causadas nos meios intelectuais pelas idéias de Comte, Spencer, Darwin, Haeckel, cujo conhecimento se fazia pela razão. Essas novas idéias sacudiram a atmosfera do Brasil, os antigos pensamentos foram colocados em questão, os processos românticos, tanto na prosa quanto no verso, se esgotaram, o sentimentalismo excessivo cansou. Era o momento de “olhar ao redor”, tentar ver tudo com mais objetividade, com a intenção de abdicar dos sonhos para perceber o real.

Os acadêmicos de Direito de São Paulo, Raimundo Correia, Augusto de Lima e outros, usaram como forma de expressão das novas idéias dos simpatizantes ao Realismo a “*Revista de Ciências e Letras*”, “*A Gazetinha*” e “*A Gazeta de Notícias*” do Rio de Janeiro. Com isso, renderam forças ao movimento, com a finalidade de estar à procura da realidade, ao relatar a preocupação com o social, a reflexão filosófica, a abominação da melancolia, o ardor carnal, a crença na razão, o amor à liberdade e o maior polimento da linguagem. Mostraram as influências exercidas por Baudelaire, Sully Prudhomme, Mme. Ackermann, Antero de Quental, Guerra Junqueira e Teófilo Braga aos seguidores brasileiros, que lhes despenderam certa veneração.

Em 1881, Pompéia passou a cursar a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, e lá colaborou em várias revistas e jornais, por exemplo, a irreverente publicação “*A Comédia*” e a revista de caricaturas “*O Boêmio*”, na qual se mostrou um mordaz desenhista, usando para assinar as suas ilustrações o pseudônimo Rapp. Nesse ano inaugurou-se, decisivamente, em nossas letras, o realismo / naturalismo, tendência artística que contaminou a segunda metade do século XIX, principalmente

com as publicações das obras “*O mulato*”, de Aluísio de Azevedo, “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*” e “*O Alienista*”, ambos de Machado de Assis, marcando profundamente esse estilo.

Naquele momento histórico / cultural os folhetins ganharam espaço na imprensa, principalmente no Rio de Janeiro; e na “*Gazeta de Notícias*”, a qual abriu suas portas ao jovem escritor. Em 1882, Raul Pompéia começou a publicar uma novela – “*As Jóias da Coroa*”, na verdade um panfleto satírico contra o Império e o Imperador.

Escrever passou a ser um desafio, e ao tecer seu texto ele enfrentou conflitos gerados pela sua própria índole perfeccionista. Sentia a dificuldade em trabalhar com a métrica e com as rimas. Surgiu então a sua opção pela expressão em prosa poética, numa época em que o verso livre era apenas objeto de experimentação de alguns poucos inovadores. Não achou assim melhor maneira de expor-se poeticamente além do poema em prosa, ou seja, a prosa poética acondicionada numa fôrma complacente. Em função disso, no ano de 1883 publicou no “*Jornal do Comércio*” alguns textos, os quais posteriormente e postumamente juntados ao trabalho de 12 anos de sua vida, resultaram na edição dos poemas em prosa das “*Canções sem metro*”.

Gostava de desafios, tinha consciência de sua superioridade na escrita, como geralmente acontece com as pessoas exigentes que se aventuram a assumir posições de liderança na luta por suas idéias. Inegavelmente o autor se aplicou com seriedade, tanto no trabalho como nos estudos, porém tinha um comportamento irritadiço, explosivo, às vezes por motivos insignificantes, mais uma manifestação de sua índole perfeccionista.

As lições de alguns mestres de idéias avançadas, as leituras de obras de conteúdo liberal e inovador, os exemplos vindos das lutas sociais nas nações européias, lhe abriram a mente para a compreensão da nossa triste realidade. Então usou a voz e a pena na constante luta para impor suas idéias de liderança. Mostrou seu verdadeiro horror às injustiças, e com uma altivez beirando à petulância diante de superiores hierárquicos, bradou contra a miséria exposta nas ruas e as chagas da escravidão nos campos.

Era visto nas redações, cafés e livrarias em companhia de jovens escritores e idealistas como ele, principalmente Araripe Jr., Rodrigo Octavio e Capistrano de Abreu. No período de sua mocidade, Raul Pompéia viveu uma fase de grande tranqüilidade, nitidamente percebida em seus textos. Quando se aproximou dos jovens na Academia, se mostrou excelente companheiro, espirituoso, disposto à luta.

Porém o autor era sensível à menor ofensa, faceta de sua personalidade em muitas oportunidades exposta de forma exasperada. Possuía um temperamento extremado, não teve “meias medidas”, fulminou os escravocratas, e em conseqüência, muita gente passou a considerá-lo um jovem perigoso, disposto a tudo. Isso o deixou cada vez mais sarcástico.

Seus textos com o tempo ganharam agilidade nervosa e contundente, o que mais tarde seria a característica mais marcante de sua atuação política. Teceram uma idéia do seu poder de fogo, de sua capacidade de explorar o ridículo das posições duvidosas dos escravocratas e de sua inconformada impaciência com os defensores do *status-quo*.

Pôs-se a observar os movimentos dos políticos da oposição, daqueles que lutaram contra os gabinetes, se alternaram no poder e principalmente, dos que pregaram a

derrubada do regime quase secular, que atrelava os destinos da nação à vontade de uma dinastia de raízes estrangeiras.

Porém as suas constantes críticas e o seu posicionamento abolicionista passaram a causar retaliações por parte de professores da faculdade e de alguns escravocratas. Estes se sentiram ameaçados por sua amizade com Luis Gama (líder abolicionista), envolvimento que lhe trouxe perseguições, assim como a vários colegas aliados. Desgostosos, 94 alunos se viram obrigados a se transferir para Recife, no ano de 1885. a fim de terminar o curso de Direito. Nesse período Pompéia se dedicou à leitura de grandes mestres da ficção e da filosofia.

No ano seguinte, após a conclusão do curso, retornou à Corte. Efervescentes acontecimentos que irrompiam na sociedade, dividiram sua força de jovem idealista. Dedicou-se novamente a apoiar os abolicionistas e os republicanos, relatando esses fatos constantemente em seus escritos no período de 1886 / 1889. Tais situações o levaram a uma vida política exacerbada, lhe rendendo a nomeação de diretor do “*Diário Oficial*”.

No ambiente literário se discutiam os romances realistas e naturalistas; havia declamações de poemas parnasianos e as rodas literárias contavam com Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Artur Azevedo, Coelho Neto, Olavo Bilac, Raimundo Correia e outros escritores, alguns ainda jovens promissores, outros já no rumo da maturidade e da consagração.

Durante os anos de 1886 e 1887 o autor escreveu “*O Ateneu*”; a partir de abril de 1888 o jornal “*Gazeta de Notícias*” deu início às publicações em folhetins, do romance considerado sua obra-prima, o qual marcou decisivamente o nome de Raul Pompéia em nossa literatura. Essa publicação causou as mais diferentes reações, houve tentativas de classificá-lo como

realista, naturalista ou impressionista, porém a única certeza da crítica foi dela se tratar de uma obra ímpar em nossa literatura.

Em meio aos acontecimentos, presenciou, ainda, a Abolição da Escravatura e, 1888, a Proclamação da República e a promulgação da Constituição em 1891, com a eleição do Marechal Deodoro da Fonseca para presidente, tendo como vice o Marechal Floriano Peixoto. Numa situação de crise econômica, as graves desavenças políticas abertas pelo novo regime levaram o marechal Deodoro a fechar o Congresso Nacional. Devido a este ato os adversários políticos do presidente se articularam e com um Golpe de Estado, liderado pela Marinha, o destituíram do governo, que veio a ser assumido por Floriano Peixoto.

Conseqüentemente o país se dividiu em “florianistas e antiflorianistas”; os intelectuais: Bilac, Luiz Murat, Pardal Mallet fizeram parte da oposição; o republicano Raul Pompéia, vislumbrando no governo de Floriano a solução para que se mantivesse a República, decidiu por apoiá-lo. Este posicionamento lhe custou a inimizade de muitos, o que lhe abalou a personalidade, o tornando um homem solitário, isolado, gerando atitudes e tendências que beiravam o fanatismo.

Nesse período o autor parecia ter se esquecido da vocação literária propriamente dita. Transformou-se num jornalista político-social, perigoso, de fibra, mas cada vez mais isolado. Escreveu artigos contundentes, de estilo direto, diferente da sua escrita artística, e até mesmo do estilo predominante em outros jornalistas, mais acomodado. De suas linhas fruía polêmicas, que travava com lógica e da precisão, o que aumentava o furor de seus adversários. Travou uma luta constante em seus momentos de solidão na busca incessante da comunhão perfeita entre a expressão e o sentimento de revolta, da palavra certa,

do adjetivo insólito e da frase capaz de exprimir as emoções mais fugidias.

Aos poucos, reconhecido pela cultura e o talento nato para as letras, e também favorecido por sua posição florianista, apesar de seu isolamento entre a intelectualidade, Pompéia alcançou postos de prestígio. Assumiu o cargo público de professor de mitologia na Escola de Belas Artes, escrevendo como colaborador do “*Jornal do Comércio*” e correspondente do “*Diário de Minas*”.

No ano de 1894, recebeu a nomeação de diretor da Biblioteca Nacional, foi o ápice de sua carreira burocrática. A morte de Floriano Peixoto, ao final de junho de 1895, lhe marcou o declínio. Logo, no mesmo ano, perdeu o cargo de diretor, ao ser acusado de desacato a Prudente de Moraes, então presidente da República, em virtude de um discurso proferido durante o enterro do Marechal Floriano. Nessa ocasião o autor pronunciou um discurso exaltado, tido pelos críticos como ofensa pessoal ao presidente, o que lhe trouxe duras críticas.

Como exemplo, temos o artigo publicado em outubro de 1895, pelo jornal “*Comércio de São Paulo*”, escrito por Luiz Murat, tendo o título provocativo “*Um louco no cemitério*”, no qual além de criticar severamente o comportamento e o discurso do autor, resgatou antigas intrigas com Olavo Bilac, anti-florianista declarado, atacando sua moral com declarações virulentas acerca de sua vida particular.

Sentindo-se humilhado e atingido intimamente, o escritor desafiou Bilac para um duelo, na verdade não concretizado devido à intervenção de amigos. Esses tentaram fazer de tudo para que Raul Pompéia não tomasse conhecimento do artigo, mas em meados de dezembro este veio a sabê-lo e ficou transtornado.



Como agravante de sua situação psicológica, o jornal “A Notícia”, no qual iniciara sua colaboração, não publicou seu segundo artigo. O escritor tomou o fato como ofensa e rompeu com a redação numa prova de seu orgulho.

Naquele mesmo dezembro de 1895, com um tiro no coração, Raul d’Ávila Pompéia colocou um fim à vida, assim definida por Olívio MONTENEGRO<sup>99</sup> (1935) em seu livro “O Romance Brasileiro”, no primeiro capítulo dedicado ao autor:

*“A vida de Raul Pompéia foi um tanto contraditória como a sua obra. Cheia de altos e baixos vertiginosos, e que levam a marca dos dois sentimentos que parecem ter dirigido a sua ação particular e pública – o de uma grande timidez e de um grande orgulho (...). O orgulho em Raul Pompéia nunca significou uma consciência de superioridade, uma certeza de si mesmo acima de toda oposição ou toda dúvida, dessas que dão ao homem a sua alegria mais feliz que é a alegria de viver. O seu orgulho foi antes uma forma de ambição: a ambição, talvez, de um domínio completo de si mesmo, a que nunca chegou homem nenhum senão pela fé. E foi a fé, parece, que faltou a Raul Pompéia para um melhor destino, a fé que havia nos seus pais, e que neles poderia vir a brotar em outros frutos de vontade e de inteligência”.*

Definitivamente, o Brasil perdeu uma das vozes mais ativas na denúncia da verdadeira face do país, da visão artística e crítica, e ao mesmo tempo corajosa ao dizer - irônica ou poeticamente, o que sempre julgou ser correto.

### **3.1 Uma personalidade ímpar**

Para analisar um texto pompeiano devemos considerar a cultura, a ideologia, as determinações sócio-históricas, e os diversos parâmetros contextualizadores de sua obra. Porém,

---

<sup>99</sup> Olívio Montenegro, *O Romance Brasileiro*, in Elói Pontes, *A Vida Inquieta de Raul Pompéia*, Rio de Janeiro: Editora Olympio, 1935.

como ensina a estética da recepção, em última instância é o leitor que dá sentido ao texto. Diante desta informação, muitas vezes a coerência do texto lido, quer histórico ou não, apresenta um diálogo com o momento vivido, como citou JOUVE<sup>100</sup> (2002):

*[...]” a obra literária – e a obra de arte, em geral – só se impõe e sobrevive por meio de um público. A história literária, portanto, é menos história da obra do que a dos seus sucessivos leitores. A literatura, atividade de comunicação, deve ser analisada por seu impacto sobre as normas sociais”*

Por isso, precisamos compreender que todos os textos de Raul Pompéia estiveram formulados dentro do esquema do jornalismo daquela época, com um processo simbólico adequado aos leitores do século vigente. Porém, hoje, ao efetuarmos nossa leitura, embora tenhamos aquele mesmo espaço de referência, reconhecemos que “o texto apresenta-se para o leitor fora de sua situação de origem”<sup>101</sup>, podendo ser interpretado de forma plural, pois resistiu por um longo tempo e se encontra aberto, sempre, para novas atualizações.

Notamos na escrita pompeiana a influência dos inúmeros discursos acadêmicos da Faculdade de Direito, as manifestações retóricas contemporâneas e até mesmo os recitais poéticos que quase sempre pecaram pelo exagero. Mas diante dessas influências, ele se mostrou um criador original, capaz de ser um orador enérgico, de raciocínio lógico, apresentando frases medidas, o que o diferenciou dos outros oradores, muitas vezes sem equilíbrio quando se apresentavam em comícios e discursos públicos.

Os vínculos com a língua materna traduziram a escrita do jovem Raul Pompéia, sempre atento à técnica, à clareza das idéias, para despertar no leitor o interesse por assuntos

---

<sup>100</sup> Vincent Jouve, *A Leitura*, São Paulo, Edunesp, 2002, pág. 14.

<sup>101</sup> *Idem*, pág. 23.

ímpares, o pitoresco humano e urbano das relações sociais de um país conturbado, no final do século XIX.

Suas crônicas possuíam relações com a temporalidade, apresentaram concepções de espaço-tempo, assumindo o posicionamento de relatar sob o *olhar* do narrador, testemunha ocular dos acontecimentos. Vejamos o que DIMAS<sup>102</sup> (1974) disse sobre esse aspecto:

*“ [...] esse gênero está imbricado ao conceito de tempo e história, onde se percebe fatos e pessoas ligadas às percepções que a mesma especifica, ela atesta os fatos, deformados segundo a contingência do narrador”.*

Como verdadeiro cronista da história do cotidiano, Pompéia trabalhou os acontecimentos, numa narrativa testemunhal, observou as situações urbanas, nos deixando um panorama do momento vivido que prima pela visualidade, pela plasticidade. Como jornalista, também foram anos cobrindo a política, as conciliações, os afastamentos, as subidas e as quedas de ministérios, a mudança do regime governamental. Dialogou com seu tempo através das crônicas e interagiu com a história do país com seus comentários picantes,

Suas linhas reproduziram a história social, mostrando as mudanças de idéias, costumes e hábitos, sendo o espelho da sociedade sua contemporânea, mas vista sob o prisma da mudança. O conteúdo de seus textos tinha em si a realidade de um presente em mutação, mesmo quando se referiu ao passado ou a possíveis conseqüências futuras dos acontecimentos.

Então, sua reflexão revelou um tempo, interpretou os eventos e situações, agiu como fragmento de registro, ligado aos fatos sociais, apreendendo características do momento em que foi escrita, eternizando passagens através de sua percepção,

---

<sup>102</sup> Antônio Dimas, 1974, *in* Camil Capaz, *ob. citada*, pág. 48.

captando seus anseios, amarguras e alegria, descrevendo em palavras o que permeou do cotidiano de sua sociedade.

O cronista *passou a ser, portanto, a fazer parte do processo histórico* e do processo cotidiano ao seu redor, possibilitando a criação e a argumentação em torno dos fatos. No caso de Pompéia esse processo resultou em um novo processo de enunciação, aproximando o estilo jornalístico, de uma estética literária. Isso deixou vislumbrar também a possibilidade de uma nova estética da escrita, rompendo os limites entre diferentes estilos e gêneros. A escrita de Raul Pompéia apontava para o futuro.

Os anos de prática enriqueceram suas linhas, dosadas com sabedoria e conhecimento da realidade. Raul Pompéia ganhou relevo como polemista, mas sempre com o compromisso de argumentar ou criticar, exclusivo dele, destacando a presença marcante de uma personalidade sem medo de delatar as “vergonhas sociais e políticas” de seu tempo, o que traduziu uma maturidade textual que despertou credibilidade no público leitor.

De posse de uma escrita livre e desembaraçada, procurou defender sua independência moral com os órgãos de imprensa, provocando um efeito psicológico em seus leitores, que ao folhearem o noticiário sabiam exatamente onde encontrar a originalidade de um texto sabiamente desenvolvido.

A leitura de suas crônicas nos mostrou um processo narrativo sincrônico, já que ilustraram momentos e ações com palavras, concretizados pela presença e atuação de um povo marcado pelas transformações sociais de um período de transição estética, em busca do novo, da denúncia e da verdade.

A literatura e a poesia, cultivadas no período de sua formação acadêmica, constituíram para os jovens intelectuais uma atividade passageira, pois não se compreendia um homem sério preocupado em fazer versos ou escrever romances. Essa

mentalidade já começara, no entanto, a se modificar, sobretudo por um motivo: pelo crescente desenvolvimento da imprensa.

De espírito crítico e precoce, mostrou excepcionais habilidades no desenho, notadas no seu estilo plástico e impressionista, inclinação para a música e um gosto acentuado pelos livros, o que reafirmamos com as palavras de CAPAZ<sup>103</sup>:

*[...] “Pompéia geralmente não se furtava a fornecer pistas pessoais em suas crônicas, em razão do seu feitio combativo, duramente temperado nas lutas da campanha abolicionista e pela implantação da República. Nelas temos indicações sobre o roteiro de sua vida, sobre suas idéias filosóficas, literárias e políticas que o preocupavam” [...]*

O talento de Raul Pompéia oscilava entre a literatura e as artes plásticas, apresentando a perenidade e a força impressionista de um quadro de belíssimas modulações cromáticas. Sua escritura técnica se assemelhou à linguagem oral, criou um elo, conversou com o leitor, expôs seus pensamentos, organizados em uma retórica ativa, numa multiplicidade de estilos. Em vários momentos de leitura percebemos sua criação impressa em imagens, texturas e símbolos que se estendem pelas crônicas.

Seu estilo fez surgir a musicalidade através das aliterações, das sinestésias, do imbricamento de duas ou mais sensações, da densa mistura entre o sonoro e o visual. Desde cedo já se destacava a preocupação de Pompéia com as descrições da paisagem em fugas de gradações cromáticas, das cores fortes ao cinza que se desfazia em neblina, muito ao gosto dos pintores pré-impressionistas e também do simbolismo em poesia.

Aos poucos seus textos adquiriram outros rumos: um novo ritmo vibrante, cheio de alternativas, de uma cadência peculiar,

---

<sup>103</sup> Camil Capaz, *ob. citada*, pág. 16.

percorreria suas frases, com nuances imprevistas de luz, de som e de cores, para as quais não lhe bastaram as variadas cores do espectro.

A técnica da linguagem de Raul Pompéia fez um caminho estético, impressionista e pictórico, ao captar os mínimos detalhes para construir seu texto. Assim mesclou impressões para o mundo interior e expressões do mundo exterior, suas palavras envolveram diferentes linguagens e pinturas, como se analisasse uma obra de arte. Os trabalhos que começaram a lhe sair da pena – se antecipando às artes plásticas, deram início à arte impressionista em nossa literatura.

*“Além das cores da natureza, Pompéia encontra espaço em sua paleta para as cores que moram nas lamas torturadas pela brutalidade, nos seres vencidos pelo cansaço, multilados pela escravidão, que votam um ódio mortal ao escravizador. Neles sobrevive a coloração indistinta, dos sentimentos, cor que não se define. E o que dizer da cor sem cor do tédio, que habita as criaturas cansadas de viver”<sup>104</sup>*

Vejamos exemplos da simbologia no texto pompeiano:

*“A Associação Comercial está parecendo em risco de ver tingidas a piche os responsáveis portais do seu edifício.*

*Como se sabe, é a brocha negra o gesto pitoresco de hostilidade, usual de conflito partidário entre as duas grandes classes da hierarquia comercial – patrões e caixeiros. [...]*

*[...] Vão, entrando, de roldão as gratas conquistas do fechamento. As manobras aos domingos, as paradas de gala vêm sofismar sem remédio as datas marcadas já para a folga, no calendário da esperança... Como evitar as conseqüências?*

*Eis que entra a Associação Comercial e a Associação dos Empregados, cava-se novamente aquele abismo caçamba, que se supunha fechado para sempre,*

---

<sup>104</sup> *Idem*, pág. 91.

*ao fundo do qual ameaçadoramente negrejava outrora o piche!*<sup>105</sup>

E também a expressão da cromaticidade e da textura:

*[...] Por uma janela aberta sobre a tarde, via-se grande placa avermelhada de crepúsculo, cor de fogo, na beira do horizonte, espessando-se para o alto em denso colorido de cobre, fendida a certa altura por uma facha negríssima de stratus, como se encontra, nos crepúsculos dramáticos de Doré.*

*O campo embaixo, vinha do horizonte raso como um mar. Ao longe, era a planície negra, com uma insensível ondulação de colinas, na extrema. A menor distância, esfumava-se em tons mais claros, apanhando um pouco de luz refletida do céu.*

*Nada, entretanto, se via de interessante, na vastíssima planície, nem mesmo muito perto. Não havia vegetação notável; não havia edifícios; não havia sequer acidentes variados do solo. O olhar, afundando-se por aquela sucessão de sombras rasteiras, cada vez mais densas, esperava ver passar pesadamente a esfinge, o animal de pedra do deserto. [...]*<sup>106</sup>

Ao trabalhar a língua, usou de metáforas, abusou da adjetivação, dos advérbios, enquanto criticava, ousava, ironizava. Sua criatividade superou os limites da palavra e avultou a originalidade impressa nos periódicos com leve toque mordaz, e pitadas de humor negro, como nessas personificações de temas coincidentes, do “Espólio de Finado” e “finado ano de 1989”:

### **O ESPÓLIO DO FINADO**

*O finado é o ano de 85.*

*Em que pese aos amigos do falecido – o ano de 85 não prestou cousa nenhuma.*

*Nasceu numa bela madrugada, formoso e forte como uma criança que promete. Em roda do recém-*

---

<sup>105</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 10 nov.. de 1889, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, pp. 201-202.

<sup>106</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 29 dez.. de 1889, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, pp. 233-234.

*nascido verdejavam as esperanças. 85 cresceu, animado e ardente.*

*Quando menos se esperava, virou uma cambalhota e apareceu transformando. Subiram os conservadores e o ano, levou-o o diabo.*

*Murcharam as esperanças; secaram; o vento levou-lhes a folhagem, 85 acabou mirrado e mau, como um célebre Diretor da Academia de São Paulo, magro como um dedo de Shyllock, ruinzinho e insignificante como um micróbio.*

*É muito provável que 86 não seja melhor: tal pai, tal filho; pior é que não será.*

*O ilustre finado deixou ao herdeiro uma colossal herança de quinquilharias e bugigangas.*

*86 que não sabe o que há de fazer de tanta coisa à-toa, resolveu passar a cobres a herança.<sup>107</sup>*

Tema novamente utilizado pelo autor, no ano de 1889:

*“Está a ponto de expirar o velho 89. Não há muito chamou pelas horas.*

*- Vinde, filhas!*

*Elas vieram. Doze... Uma, duas, três, quatro, cinco. Não; era, doze: faltava uma. Contavam-se todas, na câmara sombria a que o ancião se recolhera para morrer, com a seriedade dos patriarcas, saturados da compreensão das coisas e da noção da vida que morrem como adormecem.[...]”<sup>108</sup>*

Em suas linhas caminhamos por um estilo ágil, entre períodos nervosos, com frases bem construídas e seguras, demonstrando a sensibilidade artística, um espírito sempre alerta, rebelde, o amor à justiça, o não-conformismo. Enfocou atitudes de agitador, com variações dramáticas, inspiradas pelo mais vivo sentimento de revolta, quieto e ardente, revelando, desde cedo, uma extraordinária agressividade.

Considerado hoje um clássico na literatura de língua portuguesa, Raul Pompéia em seu tempo foi criticado

---

<sup>107</sup> Raul Pompéia, *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1886, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, pp. 34-36.

<sup>108</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, 22 dez, 1889, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, pp. 233-234.



exatamente por não ser assim considerado. Em realidade, seu grande mérito foi continuar a tarefa de outros ficcionistas de libertar a linguagem literária brasileira de um padrão estritamente acadêmico.

Criticaram-lhe também a excessiva influência francesa e o abuso da adjetivação. É certo que os adjetivos abundaram em suas páginas, alguns inusitados, que o escritor criou a seu bel-prazer. Aprazia-lhe levá-los a limites por vezes excessivos, utilizados para dar ênfase à ironia ou ao sarcasmo, inseridos nas entrelinhas de seus textos, como uma forma de expressão sutil de seus sentimentos adversos à situação exposta.

As idéias sociais, materialistas e revolucionárias vieram da inspiração encontrada nas obras de Zola. Pompéia, já nos tempos da juventude não abrigava nenhuma fé religiosa, por isso criticou e questionou os rituais católicos, como nesses dois trechos que apresentamos:

*“Com extraordinária afluência de praças de polida montada, que revelaram este ano desconhecido fervor de devoção pela Virgem do Outeiro, realizou-se a festa da Glória.*

*Esta solenidade, apesar da tradição aristocrática do baile do palacete baía, é tão legitimamente popular como a romaria da Penha. Tem a mesma rosca de açúcar, a mesma rosca enorme da massa de pão, o mesmo registro bento, o mesmo rodaque branco, a mesma banha cheirosa, a mesma vela de promessa, a mesma promessa de subir de joelhos, o mesmo apetite religioso de pic-nic. Falta-lhe o pitoresco estrepitoso das andorinhas cobertas de ramos verdes; sobra-lhe, porém, a vantagem do fogo de artifício às 11 horas, que a arte pirotécnica do arraial da Penha não pôde ainda desmerecer.*

*Mas não é simplesmente a circunstância de ser popular que a torna simpática.*

*A romaria do Outeiro da Glória tem sido tradicionalmente um pretexto para um encontro anual de familiaridade do Imperador com o ínfimo povo. Povo e soberano recebiam-se amavelmente no vestíbulo sagrado da ermida, entravam ombro a ombro a orar em boa companhia e confirmavam assim de parte a parte, à*

*sombra da mesma benção de um sacerdote, os compromisso de mútua fidelidade.[...]*<sup>109</sup>

.....

*“Hoje para os crentes renasce a luz. Aleluia!*

*Eles passaram de joelhos a semana; agora erguem a frente para o oriente da ressurreição. Bendita luz e abençoados fiéis, que vão gozar o benefício dessa aurora no embaraçoso prosseguimento da viagem na vida.*”<sup>110</sup>

Ainda que seja uma constante de seus textos, esse estilo nervoso, movimentado, em outros percebemos também a preferência por frases longas, que às vezes se interrompiam abruptamente, vindo em seguida outra menor, solta entre parágrafos, como um título ou reflexão, que agiam como funções fáticas, dialogando com o pensamento do leitor, questionando e fazendo uso de repetições, reticências e exclamações para dar o devido sentido ao texto, como nos fragmentos a seguir:

*“Vieram felizmente os Chilenos.*

*Não trouxeram só a visita de uma Nação Amiga, nem o aparato de ferro de um magnífico encouraçado sobre as águas da Guanabara, nem o desembarque de uma brilhante maruja de bravos homens de guerra e irresistíveis cavalheiros, trouxeram principalmente – um fato notável, para a semana passada.*

*Antes deles, que foi a semana?*

*Uma série de casos dramáticos muito corriqueiros, esplêndidos para os locais rocambolescos de gazetilha.*<sup>111</sup>

E também em:

*[...] Deve ter sido ainda coisa magnífica devida à ditadura do soberano... Não! hesitam, porém; trata-se exatamente da deposição do rei, que é um ato de ditadura que ele próprio... Quem sabe? Mas não! foi o povo! Como é isso?! Havia então outra vontade? Não! é*

---

<sup>109</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 18 ago. de 1889, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, Vol. VII, pp. 129-130.

<sup>110</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 06 abr. de 1890, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, Vol. VII, pág. 310.

<sup>111</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 13 out. 1889, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, Vol. VII, pág. 180.

*um tumulto... fazemos votos pela vitória de Sua Majestade, que é a vitória do liberalismo e da civilização, contra os selvagens!... Mas o rei aí vem exilado?! ... Ah! já sabemos, povo digno de execração! Já sabemos! O rei fizera a libertação dos escravos; eles vingam-se... Já sabemos! O primeiro ato da revolução depois de condenar o Sr. D. Pedro II ao exílio à mendicância dos proscritos, vai ser a restauração da escravidão e do tráfico. Alarma civilização! Aos bárbaros brasileiros! [...]*<sup>112</sup>

A fraseologia de Raul Pompéia a se molda ao tema abordado e ao seu estado de espírito, o que nos impossibilita fixar seu estilo como sendo um só, unívoco. O seu texto expõe um subjetivismo e um compromisso realista, tradutores de uma escrita ambígua de um autor ligado à estética de seu tempo, sem medo de poupar qualquer pessoa de suas críticas, principalmente os lentes<sup>113</sup> e aqueles que infelizmente não possuíam a sua cultura. Convém observarmos o tom irônico, de arrogante sabedoria, expresso nessa crônica:

*“Uma questão literária... ou de colégio, parece-me. No empenho de chamar a atenção dos literatos para o estudo dos clássicos e a propósito de um verso de Virgílio:*

*Hectores, Andromache, Pyrrhin'connubia servas?*

*apareceu na revista Brasileira o escritor\*\*\* - ou o Sr. Cândido mendes, com vênias da indiscrição – ocupando 23 páginas para dar a verdadeira interpretação desse verso. Vinte e três páginas para um pobre verso!... Enfim, a verdade vale bem um sacrifício; mas deu-nos a ele a verdade?... O escritor começa rejeitando, como impróprias, todas as versões mais autorizadas: de Castilho (José), Caboret, Santos Rego, Barreto Feio, Novais e outros, para concluir com a sua, a nec plus ultra: Ó Andrômaca, a quem guardas, aqui, a fé conjugal, a Heitor ou Pirro? Que eu peço licença para rejeitar também, se não por extensa, ou demasiada, ao menos por muito malcriada...*

---

<sup>112</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 08 dez. de 1889, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, pág. 218.

<sup>113</sup> Professores.

*Um homem de espírito não insulta uma senhora, perguntando-lhe se é fiel – se guarda a fé conjugal a este ou aquele marido, e o que Enéas perguntou foi:*

*Andrômaca, és tu de Heitor ou és de Pirro? Exatamente e justamente, como aprendi no colégio, com o Cônego V...*

*... Diferença capital entre ele e o Cônego Ferreira!*<sup>114</sup>

Sua produção proporcionou vários ensaios críticos de seus contemporâneos e ainda os que até hoje o analisam. Opiniões contraditórias em relação a qual escola literária pertenceu Raul Pompéia, dúvidas essas, expressas por diversos escritores e críticos: Mário de Andrade<sup>115</sup> confundiu com Naturalismo a visão do universo do autor, uma fundamentação artística que nada tem a ver com as fórmulas de Zola, e melhor se assentaram no trágico pessimismo de Leopardi; Silvio Romero<sup>116</sup> soube dar a Pompéia um lugar diferente, o do “*psicologismo idealista com tendências simbólicas*”, citando que o autor não estava preso ao naturalismo estreito e estéril da escola de Zola; Agripino Grieco apontara o escritor como “*o primeiro talvez dos impressionistas da nossa prosa*”, e fez justiça às suas *Canções sem Metro*, que em sua opinião “*pululam de ritmos novos e audazes*”<sup>117</sup>; Araripe Junior soube ver, as diferenças que separaram Pompéia da família naturalista, e reivindicou para ele um lugar no romance psicológico e subjetivista, destacando o teor poético de sua composição de teor simbólico<sup>118</sup>; Araripe Júnior o classificou como “*psicólogo de raça, um filósofo e um pensador*”<sup>119</sup>. Nestor Victor nos chamou a atenção para o autor que escreveu com “*um minimalismo muito pessoal, como quem procuram infinito que há*

---

<sup>114</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 18 ago. de 1889, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, pp. 12.

<sup>115</sup> Ledo Ivo, *O Universo Poético de Raul Pompéia*, Rio de Janeiro, Livr. São José, 1963, pág. 22.

<sup>116</sup> *Idem*, pág. 23.

<sup>117</sup> *Idem*.

<sup>118</sup> *Idem*.

<sup>119</sup> Araripe Júnior, *Obra Crítica de Araripe Júnior*, vol. II, pág. 147, in Capaz, *ob. Citada*, pág. 126.

*no átomo, e os grandes, os eloqüentes característicos que andam por vezes no inapercebido, no geral das coisas*".<sup>120</sup>

Afrânio Coutinho<sup>121</sup> proclamou o distanciamento do autor da canônica naturalista, considerando a "posição singular", juntamente com Machado de Assis, afirmando:

*"... os quais, não obstante revelarem aqui e ali impregnações naturalistas, são realistas independentes, no caso de Pompéia posta em realce essa independência pelos entretoms impressionistas que marcam peculiarmente as suas obra"...*

Os críticos contemporâneos de Pompéia viram nele um jovem escritor com pendores filosóficos, acima de seus pares. Circulou nos meios intelectuais como um dos seus membros mais espirituosos e cultos. Sentimento, vibração, colorido e ritmo – eram esses os ingredientes, encadeados ou em constante alternância, por entre as suas páginas; além da triste filosofia de um *olhar* melancólico, a observar o mundo à distância, sofrendo com as misérias e sorrindo ironicamente da vaidade dos mortais.

O escritor não criou um estilo simples, pelo menos como forma exclusiva de expressão literária. Trabalhou a literatura, ou a eloqüência, como por vezes a denominou, numa constante busca da beleza, através do uso exaustivo de imagens, da sonoridade e da vibração sentimental. Em seus textos a personificação encontrou lugar especial.

A visão do mundo de Pompéia mergulhou na tristeza, na depressão, a doença dos intelectuais. E aos poucos, o seu materialismo se abrandou, em tranqüilas recaídas rumo à espiritualidade dos anos juvenis, como num círculo que se fechou. Este foi o tom de seu pensamento, pelo menos até os

---

<sup>120</sup> Nestor Victor, *Crítica de Ontem*, pág.35-46, in Capaz, ob. citada, pág. 127.

<sup>121</sup> Capaz, ob. citada, pág. 24.

anos em que se deixaria arrastar pela paixão política, que o desequilibrou totalmente e o afastou do fazer literário.

Aos poucos, passou a dedicar-se totalmente ao jornalismo. Tomado pelo idealismo, escreveu sobre a fase da exaltação nacionalista durante o Governo de Floriano Peixoto, nada ou quase nada de relevante, mesmo porque a emoção descontrolou-o, se sobrepôs sobre o seu raciocínio e sobre as sutilezas do pensamento que se tornou cada vez mais agressivo.

A natureza recolhida de Raul Pompéia, pouco afeito a badalações, e o seu difícil trato, lhe criaram desafetos em nada predispostos a incensar o escritor de talento incomum, que invadiu a república das letras com a desenvoltura e a segurança só dos mais experientes, que eram poucos.

Quando viajamos nas crônicas e textos de Raul Pompéia, nada se compara às surpresas provocadas a cada momento de leitura. Quantas descobertas no contagiante prazer de virar e “revirar” suas páginas.

Ao produzir e reproduzir em seu texto, sutilmente, o pensamento de muitos brasileiros, o autor eternizou sua escrita e nos deixou um riquíssimo acervo, não apenas jornalístico, mas confirmadamente literário, no empenho de fazer da palavra seu objeto de comunicação e genialidade.

Entendemos que a diferença de Raul Pompéia com os outros autores de sua época foi a sua visão de mundo, pois se uma hora navegou no campo da poesia, hora no campo jornalístico e ainda hora no campo da ficção, e sua visão irônica e conflituosa, original, apareceu nas três incursões.

Foi jornalista, porque *olhou* para seu tempo, trouxe o cotidiano para impresso nas páginas dos folhetins. Literário, ao trabalhar tão bem com os recursos lingüísticos e com as palavras, tal qual a língua ferina de quem brada por liberdade. Histórico, por escrever em linha a linha, momentos tão

marcantes de um povo, de uma nação, momentos de profundas mudanças na sociedade nacional, que ele soube observar. Esta é, talvez, sua originalidade maior: observar um Brasil em mudança profunda, ou pelo menos clamar abertamente por ela.

Não há um caminho definido dentro do labirinto de criação do autor, em que possamos separar completamente aqueles três gêneros, pois se fundiram e num processo sinérgico ganharam força ao longo dos anos, através da pena pompeiana.

Raul Pompéia usou sua força nata, seu grito de liberdade, e impulsionou uma nova linguagem, onde o fato ganhou formas galantes, livres das amarras do academicismo, porém fortificadas por seus leitores, que ao abrirem as páginas dos folhetins, se depararam com a descrição direta da condição real de nosso povo, independente de cor, raça, credo ou opção política, cujo autor foi seu maior representante.

Outros o fizeram, alguns não. Bilac usou o lirismo de seus versos e a métrica, no extravasamento de sua alma ante ao espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado; Machado ironizou a psicologia e as ações humanas, com reflexões de cunho filosófico ou meditações sobre os acontecimentos ou pessoas. Enquanto que Pompéia, eclético, borboleteou em diversos assuntos, vociferou e mexeu profundamente nas feridas dos homens, com o simples manejo da pena. Por isso pagou caro devido ao isolamento que acabou sofrendo.

Através de sua linguagem surgiu uma nova estética, um misto de ironia, de crítica, de denúncia. Um novo formato, na luta contra as injustiças, tendo como armas a pena e as letras, as linhas e as folhas, a imprensa e os olhos, nas mãos de um grande público pronto para receber suas reflexões por vezes mordazes, a cada relance de olhar para as páginas dos folhetins.

Alterou os pensamentos, levou à discussão, celebrou e chorou a sua época, da maneira mais elevada que um homem pode se manifestar: com a inteligência. De natureza ensaística, suas crônicas superaram a base jornalística, enriquecendo a notícia, com elementos subjetivistas, atingindo a transcendência literária.

Deixou de herança, não apenas uma obra de dez volumes. Não, isso é muito pouco. Onde passou suas marcas ficaram impressas, quer em folhas, nas pessoas ou nos amigos. Isso, nem o tempo ou as traças nas prateleiras puderam apagar, corroer. Por mais fragmentárias que estejam as idéias atuais, em nossas veias corre o sangue de idealistas como ele, reais em todos os planos, dignos de nossa verdadeira admiração.

Só não o entendeu, quem não dominou a sabedoria, quem se anulou, quer no século XIX ou XXI, e esqueceu que o país somos nós e precisamos de muitos *Pompéias* para dignificar este chão.

### **3.1.1 As particularidades de um estilo inovador**

Como foi exposta na introdução, a nossa metodologia se embasou na escola de Constança: JAUSS<sup>122</sup> e ISER<sup>123</sup>. Elegemos o primeiro, pela sua proposta de discussão do texto literário e da atualização textual; o segundo, pelo estudo do texto em si e as possibilidades de sua leitura. É o que faremos em nossa análise.

No primeiro momento daremos uma pincelada sobre as crônicas de Raul Pompéia e o porquê da nossa seleção. Como podemos apreender, assimilar e entender o texto de Raul Pompéia? E os textos de seus contemporâneos, como Bilac e Machado de Assis? Para isso precisamos analisar o efeito

---

<sup>122</sup> Hans Robert Jauss, *ob. citada*, 1994.

<sup>123</sup> Wolfgang Iser, *ob. citada*, 1996.



estético da recepção entre os textos e os leitores, a interação entre ambos.

A análise da produção de suas crônicas jornalísticas e literárias, com abordagens históricas e cotidianas, nos trouxe exemplos de tonalidade plural, muito significativas, para o leitor ideal<sup>124</sup>, pois se percebe que as características do texto jornalístico foram respeitadas na crítica ao sistema, no pitoresco do tema, na leve “pitada de humor”, no lirismo e ressentimento do próprio escritor / leitor, ao perceber as dificuldades de seus companheiros de profissão em trabalhar a verdade de um país em que desde aquela época não se valorizou a cultura, o que transformou o texto histórico em atualidade.

Essa tipologia de composição configura uma conjunção entre os gêneros, criando uma permuta de informações textuais, que viajam pela história do século focalizado, viabilizadas através da imprensa folhetinesca, escritas com a literariedade e a poética expressas pela categoria e pela capacidade de criação do autor.

A estética da recepção se propõe a elaborar a compreensão, é a precondição para se estabelecer o que se poderia chamar de semântica histórica, pois determina o efeito capaz de suscitar nos leitores o seu horizonte de expectativas, ou seja, um processo de atualização, onde há a compreensão de fatos e dados citados pelo autor, no decorrer dos acontecimentos, que muitas vezes foram conhecidos ou identificados pelo leitor num processo de reconhecimento da situação ou do problema.

Sabemos que a produção de Pompéia esteve diretamente ligada às situações que vivenciou, assim como aos ideais expostos e sabiamente introduzidos em seus discursos, numa

---

<sup>124</sup> Leitor ideal: aquele que oferecia a leitura correta de um certo texto.; que sempre é capaz de destruir seu horizonte de expectativas para gozar da literatura mais nova, *in* Luiz Costa Lima, *ob. citada*, pp 14-20.

luta constante contra o poder dominante, os maus administradores e políticos corruptos do nosso país. Ele usou a imprensa como arma de denúncia e a palavra como verbalização das chagas de seu povo.

Temos, entre as suas linhas, um ponto de partida, não de chegada, pois a arte de Raul Pompéia se encontrou na presença da subjetividade das crônicas, e perfez uma trilha de múltiplas interpretações, podendo o leitor optar por caminhos diversos, de acordo o seu ponto de vista.

Constituíram os verdadeiros fatos do cotidiano expostos sob a visão do autor, mas de modo mágico, tocante e profundo, com a capacidade de levar o receptor às profundezas da alma humana, como quando questiona o ato de escrever e a sua validade, expressos ao penetrar no sofrimento do processo de composição poética, apresentados em “*Glória Latente*”; a viagem ao submundo da dor e do desespero explorados pela imprensa sensacionalista, criticada em “*Imprensa e Suicídios*”; ou as peripécias políticas do Império Brasileiro e seus políticos corruptos que compõem a crônica “*Céu e Inferno*”; a beleza impressionista refletida nas cenas de “*O Carnaval do Recife*”.

### **A) A Poética: *Glória Latente*<sup>125</sup>**

A partir do título desta crônica, o leitor se sentiu instigado a decifrá-la. Por que *latente*?

Ao efetuarmos a leitura percebemos que o primeiro parágrafo discutiu exatamente o título – *Glória*<sup>126</sup> *Latente*<sup>127</sup>.

---

<sup>125</sup> Raul Pompéia, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 set. 1888. Repr. Revista Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, V. 41, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, 1983, pp. 121-124.

<sup>126</sup> Glória – 1 fama que uma pessoa obtém por feitos heróicos, grandes obras ou por extraordinárias qualidades. 2 pessoa ou obra famosa; motivo de orgulho, de exaltação 3 grandeza, honra, orgulho 4 grande beleza; esplendor, fausto, magnificência 5 alegria, (motivo de) prazer intenso 6 grande mérito, valor etc. in Antonio Houaiss e Mauro de Salles Villar, *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*,

Porque foi uma *glória* não manifesta, submersa, que poderia afluir Porém esse texto pontua o seu não aparecimento, a renúncia de tal escrita. Vejamos o que tal parágrafo nos disse:

*- Mas escrever fora provar: a consciência perfeita não ensaia. Demais, que pretendia escrevendo? Castigar na tortura da fórmula a idéia livre, encadear as ondas do pensamento, a tormenta infrene da paixão, escravizar à norma a sua força, feliz inteiramente, sobre aquele mundo incriado, como espírito do Gênesis sobre as águas.*

O conhecimento histórico nos revelou que nem sempre o uso da palavra esteve livre dos estilos canônicos, muito pelo contrário, a sociedade burguesa produziu ideologicamente a forma, e esta, em cada momento, dominou os leitores e a crítica; sendo assim, alguns escritores automaticamente deixaram a inspiração para trabalhar o formato correspondente aos seus tempos, pois a retórica se transformou em um objeto elitista, e quem tentasse fugir dela, acabaria se destruindo perante a sociedade literária.

Para Olavo Bilac, poeta contemporâneo de Pompéia, a técnica elaborada era possível para qualquer pessoa, desde que se efetuasse um exercício de estudo e de paciência, de “esculpir” a palavra, mas o diferencial se destacava na verdadeira capacidade de ser diferente, de expressar sentimentos, como mostrou na seguinte crônica:

*Qualquer um de nós pode, com maior ou menor esforço, fixar em versos mais ou menos perfeitos uma idéia mais ou menos nova. Tudo é questão de estudo e paciência: não há dificuldade que a pertinácia não vença; e fazer jogos malabares com as palavras é prodígio que só pode maravilhar os que não se iniciaram no ministério*

---

elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda, Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, pág. 1458.

<sup>127</sup> Latente – 1 não aparente, não manifesto; oculto, encoberto (perigo, conflito) 2 que existe de forma adormecida ou reprimida; encoberto, subentendido, disfarçado 3 que está presente, mas invisível e inativo, suscetível, entretanto, de viabilizar-se e ativar-se; potencial etc. Idem, pág. 1728.

*dessa arte vulgar. Que valem nossos sonetos, nossas baladas, nossas fantasias de vôo curto? O artifício chinês, que consome um ano de trabalho em cavar e arrebicar o pedacinho de marfim para dele poder extrair uma maravilha de escultura microscópica, tem mais valor do que qualquer um de nós... Poetas, como o maior de nós, aparecem às dúzias, por ano, por esse vasto mundo; aparecem, brilham um momento, e apagam-se e desaparecem, como flóculos de espuma, no mar sem raias do tempo. "Poeta" quer dizer "criador" – continuador e rival de Deus, capaz de tirar a luz das trevas e à inércia da morte a palpitação da vida... Nós outros somos os miniaturistas do sentimento, os fabricantes dos pechisbesques literários, que a moda aclama e repele, ao sabor dos caprichos. Um capricho nos eleva, outro capricho nos abate: e, dez anos depois da nossa morte, já os homens acham aborrecido e pretencioso aquilo que tanto esforço nos custa.<sup>128</sup>*

A simplicidade da métrica e dos versos na elaboração das composições poéticas como eram vistas por Bilac, diferiam da concepção de Pompéia. A inspiração moldada, não lhe parecia viável. Pois para Raul Pompéia, o ato da escrita em razão do uso da métrica e do verso era complexo e doloroso, por isso criticou em "*Glória Latente*", a manifestação poética dentro dos moldes parnasianos.

Para compor sua crônica Raul Pompéia criou um personagem, um poeta, e narrou a agonia do momento de criação (talvez alguém existente dentro do próprio autor). Com palavras, muitas vezes retorcidas, o cronista traçou a imagem da dor existente no homem ao tentar a liberdade em uma sociedade repressora, reflexo da incompreensão do leitor, presença marcante entre vários autores na transição do estilo realista para o moderno.

Fez uso do discurso argumentativo e poético, através da metalinguagem, sobre o ato de escrever, envolvendo aspectos como a ética, o tema, a forma, a manipulação da palavra, a vontade e o amor.

---

<sup>128</sup> Olavo Bilac, in Alexei Bueno, *ob. citada*, pp. 17-18.

Revelou um debate entre o seu tempo e a escrita que nos levou à reflexão, quando o autor expôs, em um jogo de palavras, o momento crucial em que nasceu o texto e surgiu a oportunidade de seu criador revelar-se.

Em síntese, o poeta revelou que a obra estava por surgir, se encontrava nele, pronta para se manifestar, porém oculta, interiorizada, subordinada à métrica e à forma rígida de composição do academicismo, superando algo nato para aquele que empunhava a pena: a liberdade de expressão, livre de qualquer regra. Era a luta da sensibilidade, das sensações, do subjetivismo apaixonante, contra a racionalidade e a objetividade parnasiana.

Mesmo assim, o poeta tentou escrever, refletiu, e nesse momento, mais uma vez sua prosa nos remeteu a Olavo Bilac, que em versos também discutiu a problemática e o sofrimento das palavras vãs, em seu soneto “*Inania Verba*”<sup>129</sup>. Traçaremos aqui um paralelo textual dos dois autores contemporâneos, exemplificando essa afirmação, para facilitar o entendimento do leitor:

*Até que, sentindo no pensamento as idéias nítidas,  
recortadas como arabescos em aço e a grande vida da  
paixão como um tumulto de asas de águia num entalho de  
escarpas; delineada a pauta da meditação; a harmonia  
geral do poema como preludiada em sinfonia; o ardor  
nervoso, que precede a composição, mordendo o freio de  
ouro do metro e da disciplina planejada, sôfrego como um  
cavalo de guerra num começo de balada: - plenamente  
possuído da obra, ele resolveu-se a tomar a pena.*

*(Raul Pompéia)*

*Ah! quem há de exprimir, alma imponente e escrava,  
O que a boca não diz, o que a mão não escreve?  
- ardes, sangras, pregada á tua cruz e, em breve,  
Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbrava...[...]*

---

<sup>129</sup>Olavo Bilac, *Inania Verba*, in, Massaud Moisés, *A Literatura Brasileira através dos textos*, Cultrix, São Paulo, 2006, pp. 228-229.

.....  
*Quem o molde achará para a expressão de tudo?  
Ai! quem háde dizer as ânsias infinitas  
Do sonho? e o céu que foge à mão que se levanta? [...]*

*(Olavo Bilac)*

Vemos que ambos tiveram dúvidas de como suprimir a inspiração, a espontaneidade, que teimava em sair, em inundar as páginas em branco, porém se sentiam ameaçados pela dúvida da aceitação social, dos preconceitos, da escravidão das palavras.

O autor imprimiu à crônica a preocupação estética característica da época, a pretensão formal. O personagem buscou a harmonia, a musicalidade, se sentiu à luz da inspiração, coberto pela sombra dos paradigmas.

Pompéia mostrou então, nesse ponto, o estilo, através de puro lirismo, transposto com maestria em prosa poética, marcada pontualmente, como se fossem versos brancos:

*[...] No papel em branco,/ lustroso,/ iriava-se por  
uma zona estreita/ um reflexo do claro dia./ Ele deixou-se  
fascinar/ pelo brilho da folha./ Era como um rio de luz  
infinitamente.[...]*

Dando seguimento, o poeta começou a pensar em como iniciar o poema, não a crônica. O autor o apresentou como um herói, digno de uma epopéia. Mas que epopéia é essa?

Foi sua a luta incansável contra os dissabores das regras e normas preestabelecidas pelo estilo vigente: o parnasianismo. Nesse ponto Pompéia deixou transparecer a sua preocupação crítica com a política, a sociedade, as normas. Utilizou o impressionismo lingüístico da denúncia. Por isso no texto o tempo verbal usado foi o futuro do pretérito – *celebraria, concluiria* etc. Coerente àquilo que ele pensou em fazer, mas

não o que foi feito, ou que fazia, criando assim, um jogo mental. O aspecto perfectivo, o condicional, mostrou a hipótese de realmente fazer.

O poema pensou em narrar 03 cantos.

No primeiro *“celebraria a Vontade e o Amor, inteligência e instinto”*. Houve aqui a antítese, entre a razão e o sentimento, delimitados poeticamente.

Surgiu assim a ação: *“Ao alcance da mão tinha o tinteiro, algumas gotas do sangue negro dos livros.”* Temos nesse ponto a simbologia - o sangue corre nas veias, a tinta preenche as páginas. Pompéia produziu metáforas como: cristal – tinteiro (metonímia), fio líquido – tinta, a *“gota escapar da pena”* (exercício da imaginação). Efetuou uma junção entre a pintura (visual – cores, formas) e a caligrafia, onde a tinta era o “sangue negro”, e o negro se configura como não cor, inexistente.

A ação não se completou, e o poeta se questionou:

*[...] Mas que pretendemos dos outros? Aplauso? A arte que vive do aplauso rebaixa-se, prostitui-se; as chamas ardem para cima. Critério? A arte que não tem apoio na convicção da própria força sucumbe; a hesitação atrofia e anula; a arte forte cresce de si mesmo, organicamente.*

Qual seria a pretensão da escrita? Receber a glória alheia? Para o poeta seria abrir mão de sua inspiração, para agradar ao povo. Prostituir-se profissionalmente, criar a arte comercialmente, não para o próprio prazer. A verdadeira nulidade em troca do poder, da recompensa financeira. Então repugnou a ação.

No segundo canto, retomou os clássicos, aos fatos históricos que deram base à estética vigente. Um período de guerras, intrigas, da Roma Antiga, espetaculosa. Travou uma luta entre o poeta e sua pena, a covardia e a coragem. Pensou: *“Podia escrever, admitiu. E molhou a pena. Uma lágrima mais*

*grosa da tinta voltou ao tinteiro. Podia escrever.*” Que tristeza! O sacrifício de escrever e guardar a própria obra, longe dos bárbaros, ignorantes. Tê-la-ia somente para si, sem a devida validade, inútil, desconhecida aos olhos do leitor. Então se destituiu da vaidade.

No terceiro canto, pensou na possibilidade de usar seu poema para comunicar, informar, combater as perseguições. “*Mas escrever fora provar: a consciência perfeita não ensaia. Demais, que pretendia escrevendo?*” Qual seria sua pretensão? Bradar, comunicar o que era tão claro? Não, seria uma tormenta lutar contra o poder, contra a mesquinharia.

Decidiu-se. Não faria parte de jogo tão cruel e insano. Guardou a inspiração, não se rebaixaria ao comércio literário, nem receberia o dinheiro sujo da corrupção profissional. Manter-se-ia íntegro. Então: *Renunciou.*

Lendo esta paráfrase da crônica, constatamos que existe uma sintaxe costurada de parágrafo a parágrafo, unindo gradativamente as idéias. Temos na ordem a angústia da composição, o ato de escrever e a renúncia.

Assim Pompéia nos remeteu ao século dezenove, à questão da forma e da estrutura tantas vezes repetida por Bilac: “*e lima, e teima*”<sup>130</sup>, e criou uma metáfora da resistência, pois “*Glória Latente*” apresentou a forma livre, a verdadeira poética, o prazer da produção sem estigmas. Mesmo assim, o poeta fictício sucumbiu à sociedade, pois sabia que ninguém aprovaria seu poema, era apenas uma arte pessoal, íntima, sua, mas proibida, como nos líricos fragmentos da composição poética:

[...] - *Mas escrever fora provar: a consciência perfeita não ensaia. Demais, que pretendia escrevendo? Castigar na tortura da fórmula a idéia livre, encadear as*

---

<sup>130</sup> Olavo Bilac, *A um Poeta, in*, Massaud Moisés, *ob. citada*, pp. 232-233.



*ondas do pensamento, a tormenta infrene da paixão, escravizar à norma a sua força, feliz inteiramente, sobre aquele mundo incriado, como espírito do Gênesis sobre as águas.*

*Bastava-lhe sentir e pensar intensamente a alma dos homens, vibrar como um eco o sofrimento, o entusiasmo dos semelhantes. Para que transmitir? Poder é a força em si. Realizar é somente a expansão ocasional, a expansão é o suicídio da força. O vocabulário define a idéia; a encarnação limita o Verbo. Amesquinha-o.*

*Não! Gozaria no íntimo o egoísmo ignorado da pujança. Seria a sua alma para ele próprio espetáculo. Ser uma alma completa: que mais? O seu poema aprofundaria os seus amores, servir-lhe-iam as idéias para a visão lúcida das cousas: seria poeta como um forte na barbaria primeira, antes da linguagem. Que sólido descanso repousar a mediocridade obscura sobre a força que produziria um universo! Tranqüilizar a inércia sobre a glória de poder!*

*O poema voltaria ao cristal como a gota escapada à pena. Não baixaria à fórmula. Ignorá-lo-ia o mundo. Ignora-se também o diamante primitivo na obscuridade compacta das minas negras. Far-se-ia o sepulcro do seu orgulho, satisfeito de conservar inviolada a psique no mistério da renúncia...*

*Renunciou.*

Pompéia, nesse texto, criticou sutilmente e implicitamente, o parnasianismo, o estilo de seu tempo, bem como a formalidade literária. Aquela defendida por Bilac em seus escritos.

Ao mesmo tempo, Raul Pompéia revelou o poeta rebelde que havia dentro de si, lá se sabe quantas vezes escondido e renunciado.

Deste modo escreveu a si mesmo, como disse SARAMAGO<sup>131</sup> (1992), relatou suas angústias, suas contrariedades, o progresso da língua atrelado ao *status* social e à dor de ter sua inspiração trancada, como prisioneira da história da sociedade brasileira.

Entretanto ele o fez, através das crônicas expôs suas idéias, vindo a ser o precursor de seus colegas modernistas, numa luta isolada, entre a pena e a mão do escritor, *latente*, mas enfim, *gloriosa*.

Da mesma forma como disse Bilac, em seu *Inania Verba*, as palavras vazias, sem sentido porque não foram articuladas, nem semantizadas, as de Raul Pompéia também jazeram em sua renúncia ao ato escrever.

### **B) A Crítica: “Imprensa e Suicídios”<sup>132</sup>**

Muitas vezes Raul Pompéia fez das crônicas um veículo de denúncia contra a imprensa, criticando o seu efeito sobre a moral, o comportamento e as conseqüências que certas atitudes poderiam produzir em seus leitores, consciente de que ela seria um quarto poder, atuando sobre a sociedade.

Atitude essa, que o leitor pode ligar com a crônica apresentada anteriormente, a “*Glória Latente*”, a crítica ao ato da escrita, evidentemente não de todas elas, mas daquelas que fogem ao real sentido, buscam novas vertentes mais comerciais.

Mostrou-se preocupado com os escândalos diários das manchetes e a frivolidade de alguns órgãos de comunicação, que fugiram do espírito da informação e passaram a ser

---

<sup>131</sup>“*Quem retrata, a si mesmo se retrata? Mas quem escreve? Também a si escreverá?*”, in José Saramago, *ob. citada*, pág. 90.

<sup>132</sup> Raul Pompéia, *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1885, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, pp. 31-34.

sensacionalistas, com olhos no comércio da notícia, como o hoje se configura a *imprensa marrom*.

Os jornais, refinados ou não, tinham o objetivo de trabalhar as emoções dos leitores, de empolgar, comover e até barbarizar, se preciso, com frivolidade e ambição, dando pouco apreço à vida humana, explorando as tragédias na intenção de adquirir maior popularidade na época.

No final do século, o gênero sofreu transformações, e foi alvo de ataques por parte da crítica pelo seu teor mundano, longe da beleza poética de outrora. Era comum, em meio ao noticiário cotidiano, acrescentar notas sobre assassinatos passionais, duelos, tragédias marítimas, suicídios etc.

Em sua crônica "*Imprensa e Suicídio*", logo no enunciado, o autor sintetizou através do adjetivo *lamentável*, sua opinião acerca da abordagem temática: "*Um lamentável incidente divulgado pelos noticiários da imprensa fluminense, trouxe à discussão a sempre debatida tese do suicídio.*"

A carga semântica desse adjetivo não enfocou apenas um incidente, criticamente exposto por Pompéia, apontou também a frequência de tal publicação nos jornais.

O impacto da notícia foi discutido por ele quase como se fosse algo patológico, algo que tivesse dentro dele, que reagisse em si latentemente. O autor temia que tal fato se alastrasse pelos os meios de comunicação e cada leitor que tivesse contato contraísse esse gosto, essa "doença" sensacionalista. Tal qual aconteceria com ele anos mais tarde...

Observando o trecho: *Lavra entre nós a mania do suicídio! Alarma! Procura-se o micróbio. Onde está o gato? Qual é o veículo propagador da peste?* Tais verbetes interrogativos, micróbios, gatos, pestes, possivelmente sejam uma paródia ao discurso sanitarista que se fazia presente na época.

Ao comparar as constantes publicações da imprensa sobre os suicídios ocorrentes, como se ela fosse uma peste, propunha ser necessário combatê-la.

Dando prosseguimento o autor da crônica apresentou os três fatores que levavam ao suicídio: “*Descobriu-se que os suicídios vêm de três causas especulativas: o revólver, a corda, o instrumento em suma, causa imediata; a notícia, causa mediata.*”

Citou os objetos diretos do ato: o revólver e a corda, mas discutiu a mediação da notícia, como um importante instrumento de difusão, com relação a sua periodicidade e o contato direto com o leitor, provocando uma inter-relação pessoal, e causando a banalidade das ações, assim também o induzindo a elas.

Discutamos e transcrevemos o diz o *Dicionário Houaiss - mediato*<sup>133</sup>: “*que não se acha em relação direta com outra coisa; que precisa de intermediário; indireto*”. Esse adjetivo liga-se à notícia. Quanto ao termo *imediate*<sup>134</sup> lemos: “*que se apresenta sem mediação de espaço, contíguo; que age, se apresenta...*”, é o adjetivo que acompanha revólver e corda.

Pois bem, o que podemos deduzir? Que o revólver e a corda são instrumentos que podem estar às mãos do suicida; mas a notícia chega a ele indiretamente, através dos jornais, sendo, portanto, o terceiro elemento que induz o suicídio. Logo, o jornal é co-partícipe do ato segar a vida.

Posteriormente, seu enfoque partiu para o posicionamento da imprensa, da corrupção exposta por ela, da falta de ética, da exploração do sensacionalismo, onde a ideologia definia o público. Público esse, também corrompido pelo mau gosto, sedento por notícias chulas, sem teor cultural.

Criticou então, uma sociedade medíocre, sedenta por tragédias, consumidora do sensacionalismo. Aconselhou,

---

<sup>133</sup> Antonio Houaiss, ob. citada, pág.1877.

<sup>134</sup> Idem, pág. 1575.

ironicamente, os leitores, a tomarem atitudes, a se posicionarem diante de tais situações, ou até de outras com o mesmo teor baixo:

*[...]quem tiver pudor encalistre-se, diante de uma local obscena; quem tiver honradez, horrorize-se à vontade, diante da narração do furto de um queijo; pode-se, até, gabar-se, consigo mesmo, de estar muito acima dessas misérias; quem for eleitor incorruptível, cuspa em cima do nome do político, honesto a três por dous e virtuoso à vontade do freguês; quem for incapaz de um assassinio estoure, sem-cerimônias de santa indignação, ao ler um bárbaro assassinato.[...]*

O autor expôs um círculo vicioso, onde a notícia provocou o suicídio, e o suicídio se transformou em notícia. Tal processo se fixou nos homens, criou a ideologia, tirou a dignidade da vida.

A mais pura imitação dos atos, a fuga da existência, uma atitude imoral. Relatou, por fim, o que levou a tantas situações coincidentes, sem limites: a sociedade, a política, a escravidão, a exploração, a elite e o poder.

A importância dessa crônica não se encontrou apenas na composição do texto, mas sim ao mostrar o relacionamento conflituoso de Raul Pompéia com a imprensa: os jornais e seus leitores; e a sociedade de seu tempo.

Sua abordagem trazia um enfoque voltado às causas. O que diferenciou do posicionamento da mesma temática desenvolvida por Bilac<sup>135</sup>:

*É um caso comovedor, o do suicídio desse velho alemão, que se enforcou anteontem, em Petrópolis. Tinha setenta e cinco anos e era cego: velhice e treva, cansaço e desespero levaram-no a apressar o termo de uma vida, que, depois de um ardente verão de trabalho e febre, agonizava num escuro inverno de tédio e tristeza.*

---

<sup>135</sup> Olavo Bilac, in Alexei Bueno, *Olavo Bilac: obra reunida*, org., Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996, pp. 517-518.

*Esse homem – cujo nome não escrevo aqui, porque devo respeitar seu desejo de sair obscuramente e sem espalhafato de uma existência que lhe pesava[...]*

.....

*Mas, de repente, a cegueira implacável estancou nos seus olhos esse prazer, e privou-o desse orgulho. Já agora podia a cidade arrear-se de galas e de louçanias, podiam as fábricas rumorejar na agitação fecunda do trabalho, podia a vida elegante da gente rica encher aquelas alamedas de perfume, de riso, de alegria: - o velho colono já não tinha olhos para ver a formosura da princesa da Serra, nascida e crescida à sua vista sob a benção paternal do seu carinho... É quase certo, para mim, que foi esse desgosto que levou ao suicídio o velho colono; para esse desgosto ele não achava consolo nem na riqueza, nem no afeto da família, nem na satisfação de ter bem cumprido o seu dever na terra. Setenta e cinco anos de idade, - e cego! Decididamente, se não há suicídios que se aconselhem ou aprovem, - há suicídios que se compreendem e desculpam...*

O ilustre poeta parnasiano, diferente do cronista, viu nesse caso o suicídio como fim, uma forma brusca, porém às vezes necessária em momentos extremos. Seu texto não atenuou a situação criticada por Pompéia, mas justificou liricamente a única forma de anteceder um momento de profundo descanso.

O enfoque desse texto passou por um processo de atualização, pois a manipulação da imprensa gerou fatos contínuos, e até hoje, a exploração desse tipo de temática invade nossos lares, e conseqüentemente, a política dos veículos de comunicação “satura” o receptor, tornando o fato corriqueiro.

Psicologicamente falando, as abordagens repetitivas, afetam o senso crítico do ser, criam um condicionamento. Isso, perigosamente, revela um espelho social, e reflete outras e outras atitudes semelhantes. Pois o fato ocorrido deixa de provocar o “choque” inicial, e chega ao extremo de servir como parâmetro para futuras atitudes, principalmente daqueles que se

encontram abalados emocionalmente, como afirmou Pompéia: “*Dizem que a notícia escandaliza e promove.*”

Hoje, com a globalização da notícia, é comum observarmos que toda vez que a imprensa se concentra em um fato, a repercussão foge do limite e gera semelhantes situações. Os noticiários esgotam o assunto. Jornais, revistas, internet e televisão, envolvem o receptor, provocam seus instintos, evidenciam, mostram cenas chocantes, lágrimas e conflitos.

Houve desse modo, entre a crônica de Raul Pompéia e a nossa realidade, um cruzamento entre o horizonte de expectativas do século XIX, com o do século XXI, o que infelizmente demonstrou que nada mudou que o leitor continua em busca de sensacionalismo, e a imprensa faz dele seu palco, sua constante produção.

### **C) O Impressionismo: “*O Carnaval do Recife*”<sup>136</sup>**

Esta crônica formalizou aspectos estéticos-sociológicos de Raul Pompéia. Estético porque se utilizou do estilo impressionista; sociológico-folclórico, porque representou uma manifestação popular - o carnaval - onde as raças se misturavam, se completavam, sem distinção de cores ou posições sociais, que nos lembra um princípio de carnavalização de Bakhtin.

Seu texto flutuou entre o simbólico e o poético, criado a partir de um universo sinestésico, onde as cores, os sons, os ritmos, os toques e as danças se reproduziram simultaneamente, resultando na mais diversa mimetização.

As cenas descritas, gradativamente, pelo cronista que operou uma suposta câmera, com focalização detalhada,

---

<sup>136</sup> Raul Pompéia, *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1886, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, pp. 42-44.

receberam pinceladas, formando uma tela, para um cenário cinematográfico, cujas tomadas efetuadas pelo *camera man* (Raul Pompéia) buscaram cada ângulo, com precisão, narrando, o povo em movimento para captar uma típica manifestação folclórica popular:

*Encarapitam-se às guarnições de ferro das pontes, formando verdadeiros cachos humanos, cujo aspecto caprichoso a placidez das águas reproduz em grandes manchas escuras incertas que o refluxo do rio não consegue dissolver. Apinham-se ao longo das calçadas e em toda a linha do cais; enchem as praças.*

*Às janelas, de todos os andares de todos os prédios, as senhoras debruçam-se, olhando, sobre a multidão, massa preta confusa de ombros e chapéus que se agita, produzindo um vasto zumbir de vozes e de passos.*

Essa construção de uma prosa poética de Pompéia se encaixou à definição de FRIEDMAN<sup>137</sup>: “o narrador câmera (caso limite, caracterizado pelo propósito de captar ‘une tranche de vie’, à margem de qualquer processo seletivo)”.

A coesão do texto ganhou em ritmo, em vibração e a criação, entrou em movimento, acelerou. A câmera se moveu, aquele que estava atrás das lentes captou os ramos da vida em *aqui e acolá, e roxo e azul*. Houve o deslocamento do foco narrativo.

*Pouco a pouco, começa a negra multidão a pontear-se de cores claras.*

*Aqui vermelho, acolá verde, roxo àquela esquina, azul mais adiante, branco em muitos lugares. Multiplicam-se os pontos e as cores, surgem, na onda do povo, como estrelas, ao cair da noite, uns após outros, aos grupos, às porções, alinhados, dispersos.*<sup>138</sup>

A manifestação até então formada de negros, começou a receber outras cores (a mestiçagem), tecendo uma variação de

---

<sup>137</sup> Norman Friedman, in Victor Aguiar e Silva, *ob. citada*, pág. 768.

<sup>138</sup> Grifo nosso.



gradações e tonalidades coroando a visibilidade textual. Com a chegada dos *maracatus*<sup>139</sup>, surgiu o entrelaçamento do povo.

Pompéia forneceu ao leitor uma imagem criada pela massa, dos blocos, totalizando a obra através da plasticidade verbal: “*O uniforme desses originalíssimos bandos de foliões é uma combinação do branco com todas as cores possíveis. O branco em dous terços, na proporção.*”<sup>140</sup>

O autor além de jogar com as sensações visuais, completou seu texto com a prosa poética: “*na onda do povo,/ como estrelas,/ ao cair da noite,/ uns após outros,/ aos grupos,/ às porções...*” Outro recurso estilístico do texto se fixou no uso da personificação, formulando um impressionismo antropomórfico aliado ao lirismo e à influência imagística: “*o povo alvoroçado derrama-se pelas ruas*”.

Nessa crônica Pompéia imprimiu uma visão pessoal da cena, na composição de caricaturas, umas singelas, outras frenéticas. Foram pormenores e impressões semelhantes àqueles que saem da paleta para formar suas imagens, onde o conflito de cores opostas, o preto e o branco, ora entremeados, mas nunca juntos, se confundiam no entremeado ou se separavam distintos.

De repente, não houve mais distinção de cores, tudo se misturou. A presença da textura surgiu na composição do branco através do entrudo<sup>141</sup>, do pó – maisena, polvilho.

*Não pode mais resistir a cor preta. O reforço do polvilho vem dar vitória ao branco.*

---

<sup>139</sup> Dança em que um bloco fantasiado, bailando ao som de tambores, chocalhos e gonguê, segue uma mulher, que leva na mão um bastão em cuja extremidade tem uma boneca ricamente enfeitada (*a calunga*) e executa exibições coreográficas. In Antonio Houaiss, *ob. citada*, pág. 1846.

<sup>140</sup> Aqui, o autor comenta, metaforicamente que dois terços da população brasileira era branca, um terço formada por escravos. A mestiçagem é a combinação das cores.

<sup>141</sup> 1 os três dias que precedem a entrada da Quaresma. 2 festa popular que acontecia nesses dias, em que os brincantes trocavam pelas ruas arremessos de baldes de água, limões-de-cheiro, luvas cheias de areia, esbordoavam-se com vassouras e colheres de pau, sujavam-se com farinha, gesso, tinta etc. in Antonio Houaiss, *ob. citada*, pág. 1169.

*O nevoeiro, alvacento engrossa-se. Ombros e chapéus primitivamente negros, alvejam agora como se lhes caísse a neve por cima.*

Exatamente no ponto onde o lúdico aflorou, o negro se anulou, o branco mais uma vez predominou. Aqui encontramos a mais sutil crítica social, pois até nas manifestações populares, tipicamente de origem mestiça, o branco (o homem, o senhor) se impôs.

Esse aspecto também foi discutido posteriormente por Mário de Andrade<sup>142</sup>, em seu poema “*Garoa do meu São Paulo*”, em que os mesmos conceitos pompeianos configuraram na escrita do poeta, assim como aflorou o imagético através do impressionismo, trazendo novamente a temática da transformação do negro em branco, que se deu no carnaval, com o polvilho, símbolo da ilusão; e em São Paulo, pela constante garoa, influenciando nas visões das diferenças sociais:

*Garoa do meu São Paulo  
- Timbre triste de martírios –  
Um negro vem vindo, é branco!  
Só bem perto fica negro,  
Passa e torna a ficar branco.*

*Meu São Paulo da garoa  
- Londres das neblinas finas –  
Um pobre vem vindo, é rico!  
Só bem perto fica pobre,  
Passa e torna a ficar rico.*

*Garoa do meu São Paulo  
- Costureira de malditos –  
Vem um rico, vem um branco,  
São sempre brancos e ricos...*

*Garoa sai dos meus olhos.*

A ilusão criada pelo polvilho (Raul Pompéia), tão efêmera e passageira, como a cortina de fumaça (Mário de Andrade), não

---

<sup>142</sup> Mário de Andrade, *Garoa do meu São Paulo*, in Dantas Motta, *Mário de Andrade – poesia*, Rio de Janeiro, Agir, 1969, pág. 76.

disfarça o real. Pois o negro é sempre negro e o branco é sempre branco.

Ao terminar sua crônica repleta de visualidade, no último parágrafo, Raul Pompéia cedeu lugar à mudança - a visibilidade cedeu lugar à sonoridade: “*Ouve-se apenas lá embaixo o alarido do povo em festa e a música selvagem e rude do maracatu, meio africana meio indígena, barulhos de guizos, roncões de buzinas, trovoadas de tambores.*”

Acreditamos que esse texto se configurou como um belo exemplo da *écriture artiste* do autor, que fez das sensações e das impressões instrumentos de sua narração, captando as cenas, com traços característicos de sua diversidade estilística, e de seu *olhar* poético, ainda que implicitamente crítico.

#### **D) A Política: “Céu e Inferno”<sup>143</sup>**

Na crônica “Céu<sup>144</sup> e Inferno<sup>145</sup>” o autor trabalha com uma síntese do pensamento medieval, correspondente ao momento crítico e à reforma moral da sociedade política carioca, que se encontrava em situação imoral e degradante, uma vez que o Brasil passava por importantes transformações.

Precisamos, como leitores, pesquisar o implícito dessa crônica e o explícito, buscando textos já escritos sobre o inferno, além do contexto contemporâneo ao autor.

---

<sup>143</sup> Raul Pompéia, *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 14 jan. 1886, Repr. *Diário de Santos*, São Paulo, 17 jan. 1886, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, pp. 40-42.

<sup>144</sup> Céu – onde os bons gozarão a eterna felicidade após a morte (Lc: 23, 43; 2 Cor: 12,4; Apc:2,7) in Klíria Loureiro e Ziza Scaramussa, *O Diabo e suas representações simbólicas em Ramon Llull e Dante Alighieri (séculos XIII e XIV)*, in Revista *Mirabilia* 2, pág. 02, site: <http://www.revistamirabilia.com/numeros/num2/lulioedante.html>

<sup>145</sup> Inferno – segundo a doutrina cristão, o termo Inferno é o lugar de castigo sem fim para os anjos maus e para os homens mortos em estado de pecado mortal. No Antigo Testamento, o Inferno era o Sheol, palavra hebraica que significa a residência dos mortos, um lugar inquietante e triste, mas desprovido de castigos, não possuindo assim a forte conotação que passou a ter no Novo Testamento, isto é, um lugar onde pecadores pagam por seus erros. *Idem*, pág. 02.

Encontramos na Revista Mirabilia II<sup>146</sup> um texto sobre “O Diabo e suas Representações Simbólicas em Ramon Llull e Dante Alighieri (séculos XII e XIV)”, ele nos diz sobre os conceitos de diabo e de inferno para os medievos, durante aqueles séculos, que refletiu uma visão de mundo em que:

*[...] “o céu era naturalmente associado a Deus e ao macrocosmo, local onde viviam o Criador e os Anjos. Já o microcosmo, identificado com a natureza, era a moradia dos homens e lugar das tentações.” [...]*

Com base nesse pensamento medieval, Pompéia assim começou o seu texto:

*“Se a nossa política não fosse um inferno de reputação firmada, um inferno completo, com todos os seiscentos mil diabos da praga popular, inferno com chamas e caldeiras, inferno com Lúcifer, com Belzebu, com Leviatã, com Balberite, com Astaró, com Belias, Beenuto, Oilete, Delfegor, Sabatã, Axafá, Cacos, Lucésnio, com todos os demos conhecidos e desconhecidos, desde o bisbórria, eleitor canalha, até o canalha ministro, pouco mais ou menos bisbórria como o eleitor.”<sup>147</sup>[...]*

Afinal, que nos disse esse elenco infernal? Na realidade, focalizou os elementos da política brasileira, criados em um contexto de degradação, perversidade e orgulho – o mal.

Todos eles se referiram ao Diabo, segundo a tradução da Bíblia para o latim por volta do século III, alguns foram retomados para marcar a diversidade do mundo infernal, afim de designar os poderes intermediários entre Lúcifer e os outros demônios.

Outrossim, em algumas linhas do primeiro parágrafo, desta crônica, transcrevemos o seguinte: “*se a política não fosse um*

---

<sup>146</sup> *Idem*, pág. 01.

<sup>147</sup> Raul Pompéia, *in* Afrânio Coutinho, *ob. citada*, pp. 40-42.

*perfeito inferno, com esta errata apenas; - onde houver Pedro Botelho, leia-se Pedro Segundo*". Pensamos; se Pedro II era o nosso Imperador, que pecados lhe seriam atribuídos para o pôr junto com os diabos da praga popular?

Como resposta, Pompéia trouxe de Dante a visão dos piores pecados que o homem poderia cometer, tais como: a incontinência (a luxúria, falta de controle atribuída ao Imperador), a traição (o jogo de interesse político), a fraude e a violência (escravidão). Por isso julgou que D. Pedro II, sendo conivente com os desmandos das autoridades políticas, deveria também ser juntado à lista, pois qualquer governo que tolerasse essas heresias estaria, portanto, servindo a Lúcifer.

A Bíblia, assim, atribuiu aos inimigos os quatro elementos: água, fogo, terra e ar, que castigam simultaneamente o homem. Seguindo essa teoria, Raul Pompéia os transcreveu, conforme encontramos no texto:

*[...] as mesmas nuvens passageiras e fúteis, as mesmas carrancas de fumaça, que o vento transforma ou apaga, as mesmas colorações vãs, que fulgem por instantes e desaparecem, os mesmos raios olímpicos, que um fio de platina desatina e nulifica.<sup>148</sup>[...]*

*[...]”Vamos ter borrasca; não há dúvida. Preparam-se evidentemente os raios. Trovões longínquos avisam; os ciclopes ferem com força as incudes, nas profundas do horizonte. Aí vêm os raios!*

*Um ou outro corisco, caído por descuido, vai já levando a devastação aos mortais. Sauve qui peut!”[...]*

A antítese, céu e terra, continuou sendo o vetor do seguinte parágrafo: “*Se a política não fosse isto, eu diria que a política é tal o céu.*” A partir daí começam as comparações entre o firmamento político, metaforizando com o céu e o inferno; do

---

<sup>148</sup> *Idem.*

qual nem Júpiter, tonante fanfarrão das trovoadas escapa às pinceladas irônicas do nosso autor.

“*Aí vem os raios!*” A ironia de Pompéia passou do céu e ao inferno, lembrando aqueles que o habitam, de Dante Alighieri na Divina Comédia, ainda salta para comparações e metáforas com elementos mais denegridos que formam o corpo humano: tripa, barriga, intestino, etc. e repetiu:

*[...] Não valia a pena gastar pregos com tal soberania: bastavam cordas. Cordas de tripa, por exemplo, como as das rabecas. Sabem que a melhor maneira de amarrar uma consciência é por meio das tripas. Os homens prendem-se bem como os macacos pela barriga. O intestino delgado dá uma boa corda para se conter a impertinência da muito famosa vontade livre do cidadão.<sup>149</sup> [...]*

Além dessa enxurrada de ironia, houve ainda uma outra indagação sobre a corrupção: “*Com o emprego público e o suborno direto, para que soldados?*”, ou seja, o banditismo se encontrava nas mais altas rodas sociais do nosso país, nas figuras dos políticos interesseiros e dos fazendeiros perversos, então para que justiça, se os injustos se encontravam no poder?

A crônica “*Céu e Inferno*” focalizou os aspectos políticos e os jogos de interesses de um período de transição e construção de uma nova realidade para o crescimento e desenvolvimento intelectual do Brasil.

Nosso país passou por momentos difíceis na época de Pompéia, com diversos conflitos espalhados por sua extensão territorial, como os eventos concomitantes no Rio Grande do Sul, na Bahia, em Minas Gerais, em Pernambuco, e na própria Corte (os assassinatos, as ameaças de insurreições, as revoltas etc.). E isso está registrado nessa crônica.

---

<sup>149</sup> *Idem.*

Havia também a crise militar, a resistência da elite política a um terceiro reinado com a princesa Isabel, que era repudiada por seu clericalismo e por seu marido estrangeiro, antipatizado por amplos setores da opinião pública.

Pompéia vaticinou dias difíceis para a coroa nesse cenário turvo, se entrechocavam as ambições na luta pelo ministério, que o imperador queria dirigido por um político de pulso forte, capaz de restaurar a disciplina nos quartéis e debelar a crise que lavrava nos campos e nas cidades.

Assim como ele a temática também foi discutida por Machado de Assis, porém de forma mais amena, ao invés de usar a palavra “inferno”, Machado informou sobre o “calor”; para não dizer “céu”, indicou os paraísos das cidades serranas ao redor da capital carioca. Vejamos o “inferno”:

*[...] Porquanto: - eu não posso gastar cinqüenta resmas de papel a dizer:  
- Que calor!  
- Faz muito calor!  
- O calor esteve horrível  
- Estamos ameaçados de uma horrível seca!  
- Etc.  
- Etc. [...]*

.....

*[...] Ora, a história do mês passado não é outra. Aqui e ali um acontecimento, raro, medroso e pálido (com algumas exceções), mas a grande história, essa pertence ao fogo lento com que este verão assentou de matar-nos. [...]*

.....

*[...] Tu e eu, leitor agarrado à capital, tu e eu sabemos o que foi o demônio do Fevereiro, mês inventado pelo diabo. Logo, excusa contar-te a história do calor, que tu sabes tanto como eu, talvez melhor que eu.<sup>150</sup> [...]*

---

<sup>150</sup> *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, 1878, in Machado de Assis, *Crônicas*, Vol. III, 1946.

E agora vem a sua alusão ao “céu”:

*Felizes os que vão a Petrópolis, Teresópolis, Friburgo, todas essas cidades de nomes gregos ou germânicos, e clima ainda mais germânico do que grego. Esses não sabem o que é pôr a alma pela boca afora, trabalhar suando, como suam as bicas da rua; não sabem o que é ter brotoeja, não dormir, não comer, e (daqui a pouco tempo) não beber...<sup>151</sup>*

Ficou evidente que a temática expressa nas duas crônicas era a mesma, o que diferenciou foi a abordagem dada ao fato por cada um dos autores. A linguagem e os pensamentos de Pompéia eram mais profundos, contundentes. Enquanto que Machado, transpôs suas idéias nas entrelinhas, com sutilidade, inclusive ao exemplificar atos políticos, metaforizou o texto, para, através da subjetividade, amenizar os acontecimentos.

*[...] Disse acima que os sucessores foram pálidos, com algumas exceções. Exemplifico: a eleição na Glória, onde foi um pouco vermelha.*

*Correu sangue! Mas por que correu sangue? Quem o mandou não ficar parado, como os tálburis sem frete, ou como os relógios sem corda? Não sei; mas a verdade é que ele correu e a igreja ficou interditada.[...]*

*[...] Uma eleição sem umas gotinhas de líquido vermelho equivale a um jantar sem as gotinhas de outro líquido vermelho. Não presta; é pálido; é terne; é sem sabor. Dá vontade de interromper e bradar:*

*- Garçon! un pen de sang, s'il vous plait.*

*Quando chega a morrer alguém, minha opinião é que a eleição fica sendo perfeitíssima – opinião que talvez não seja a mesma do defunto.*

*Mas o defunto teve uma grande consolação; morreu no posto da honra, no exercício dos seus direitos de cidadão. Bem sei que a morte é a mesma, mas antes isso que morrer de febre amarela.<sup>152</sup>*

---

<sup>151</sup> *Idem.*

<sup>152</sup> *Idem.*



Prosseguindo com Raul Pompéia, o seu texto se fechou de uma maneira coesiva, retomando a metáfora do texto: “*Seja qual for o resultado, havemos de ter mais uma demonstração do quanto é inferno este céu político.*”

Dando prosseguimento à leitura da crônica de Pompéia, nos apareceu mais uma vez o processo de atualização, como se ela tivesse sido escrita para os nossos dias, tal a presença da temática desenvolvida. *Sauve que peut!*

E o leitor talvez tivesse que fazer o mesmo exercício de pesquisa que nós fizemos em nossa redação. Ou mesmo como o fez, também, Machado de Assis, nessa pequena estrofe:

*“Mais, quoi! J’ai fait une chronique  
Politique?  
Parbleu! Ce fut sans lè savoir.  
Donc, bonsoir.”<sup>153</sup>*

Talvez essa crônica política de Raul Pompéia se escrita nos dias de hoje, teria um lugar de destaque nos melhores jornais impressos do país. E temas como compra de votos, mensalão, bicheiros e corruptos no poder, sofreriam caricaturas feitas com as metáforas do nosso autor.

---

<sup>153</sup> “*Mas que, lá faço eu uma crônica / Política? / Por Deus! Pois eu a fiz sem saber. Então, boa tarde.*”, in Machado de Assis, Crônicas, Vol. III, 1946, pág. 20.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa proposta de trabalho formulada na introdução enfoca o autor Raul Pompéia, como cronista e jornalista, o que nos levou a pesquisar sobre esta tradicional dicotomia para entendermos os mais variados textos questionadores dos gêneros. Tais textos, produzidos no seu jornalismo literário estiveram presentes nos periódicos das décadas finais do século XIX.

Por isso, no primeiro capítulo discutimos a questão das diferenças e confluências entre jornalismo e literatura, revendo a crônica como gênero literário, jornalístico e histórico, fruto de um recorte do cotidiano pompeiano. Para tal pesquisa, esse período foi revisitado, e suas mazelas, desde a escravidão até o momento de aclamação política – a República, foram desveladas. Também compareceram ao nosso estudo crônicas de Pompéia sobre candentes conflitos que se sucederam à proclamação da república, até a morte trágica do autor, em 1895.

A pesquisa mostrou, então, a crônica como produto do gênero dos folhetins, pois narrou os acontecimentos, o que serviu de arma para Pompéia e para outros autores, ao investirem contra os efeitos do colonialismo remanescente e da monarquia.

A retórica da escrita de Pompéia deixou vislumbrar a possibilidade de uma nova estética, paralela ao conservadorismo acadêmico - Na crônica, que em seu tempo ainda trazia resquícios da antiga poética romântica. Perpetuou-se ao mostrar a realidade do oitocentos, com o empréstimo de um discurso diferenciado, na mistura do jogo de expressões lingüísticas, criadoras de uma linguagem referencial contundente mas ainda assim poética para seus receptores.

Outro momento da pesquisa se fixou no encontro com o *corpus*, na possibilidade concreta de analisar o material elaborado por Afrânio Coutinho. Material esse, que inclui quatro volumes, e os vários períodos de atuação do cronista.

Seria impossível analisar todas as crônicas, trabalho esse que pode ser feito por um grupo de pesquisadores. Seleccionamos então, algumas crônicas que indiciam as facetas, a opinião pública e a estética do cronista, como em “*Glória Latente*”, que abordou a estética; uma delas, “*O Carnaval no Recife*” foi selecionada para documentar o estilo impressionista de Raul Pompéia; os conflitos políticos que tanto incomodaram o autor, foram registrados em “*Céu e Inferno*”; e por último, “*Imprensa e Suicídios*”, em que o autor discutiu o ato da escrita.

Acreditamos que as demais crônicas talvez possam ser tipificadas seguindo essa proposta: política, estética, impressionista e ideológica.

Foram cinco anos de leituras, pesquisas, busca em sebos e tal qual Teseu, usamos o fio da sabedoria de Ariadne pelos caminhos percorridos e diretivos, no labirinto das produções de Raul Pompéia.

Esse processo de investigação acrescentou mais dados à pesquisa, acentuando qualidade do material, ao auxiliar na execução das tarefas de catalogação, localização de datas e pessoas citadas pelo autor, organizadas em um índice onomástico. De posse desses dados, com o auxílio do CEDAP<sup>154</sup>, obtivemos cópias das publicações originais, para efetuarmos a análise técnica do projeto gráfico e dos recursos tecnológicos da imprensa periódica do século estudado.

Um terceiro momento nos fez mergulhar em Raul Pompéia, em sua intimidade, no seu histórico pessoal, nas suas mazelas,

---

154

para entendermos e definirmos seu perfil, de homem e de escritor.

Nesse aspecto ficamos surpresos, pois sequer imaginávamos quão eclético ele poderia ser, a magia de sua poética, o poder de sua língua ferina, seu senso crítico, suas brigas e limitações ao se mostrar, também, como cidadão brasileiro.

Mergulhamos no texto pompeiano, através da análise de suas quatro suas crônicas, penetramos em vários estilos. Sentimos sua ira, sofremos com seu lirismo, pesquisamos suas idéias políticas e sociais, visualizamos suas telas impressionistas que narraram o cotidiano do homem e das manifestações folclóricas-culturais brasileiras.

Abordamos ainda seu processo de criação com relação ao mesmo processo efetuado por seus contemporâneos Olavo Bilac e Machado de Assis, além do diálogo intertextual com Mário de Andrade.

Em suma, vimos e revimos Pompéia: homem, político, poeta. Analisamos sua vida, seus feitos e afirmamos as suas contribuições como literato, como jornalista e historiador.

Raul Pompéia fez com que as palavras exercessem o poder da persuasão em seus leitores, os levou à reflexão, mostrou o verdadeiro país, buscou e transmitiu a verdade, lutou contra a comercialização da notícia e a prostituição da escrita.

Suas linhas traçaram a história de um povo, o nosso, povo. A cada momento da pesquisa, em cada foco analisado, no decorrer das páginas, no conhecimento de suas idéias, exerceu um processo de atualização da notícia, mostrou efetivamente que suas palavras não se perderam no tempo, ao contrário, muitos discursos, se forem efetuados, ainda hoje poder surtir efeitos na opinião pública.

Podemos com certeza reafirmar: Raul Pompéia foi a “*boca do inferno*” de seu tempo, porque usou as palavras como se fossem armas empunhadas contra as desigualdades, a má administração pública e os cidadãos corruptos. Pagou com seu sofrimento a incompreensão, a intolerância pela honra e pelo absolutismo dos trâmites políticos / sociais de um país em meio às redes de interesses e poderes da elite, principalmente quando:

informou: “*Vem de cima a corrupção dos povos.*”<sup>155</sup>

bradou: “*Querem votar!*”<sup>156</sup>

ordenou: “*Acabe-se com as notícias de suicídio!*”<sup>157</sup>

indagou: “*Até quando se há de prolongar estes vergonhosos conflitos dos canaviais contra a filantropia, do cafeeiro contra a moralidade humana?*”<sup>158</sup>

ironizou: *Carneirinho, carneirão,  
Olhai pr’o céu, olhai pr’o chão,  
Manda El-rei de Portugal  
Para nos ajoelhar.*<sup>159</sup>

vociferou: *Beneméritos ratos!*<sup>160</sup>

e por último DECLAROU: “*À ‘Notícia’ e ao Brasil declaro que sou um homem de honra.*”<sup>161</sup>

(Raul Pompéia, 25 de dezembro de 1895)

---

<sup>155</sup> Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol.VII, pág. 51.

<sup>156</sup> *Idem*, pág. 297.

<sup>157</sup> *Idem*, pág. 31.

<sup>158</sup> *Idem*, pág. 94.

<sup>159</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1891, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol.IX, pág. 262.

<sup>160</sup> Raul Pompéia, *O Estado de São Paulo*, 21 jan. 1893, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol.VIII, pp. 289-290.

<sup>161</sup> Grifo nosso. Brito Broca, *Raul Pompéia*, São Paulo, Ed. Melhoramentos, s/d, pág. 73.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Obras Citadas

AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel. *Teoria da Literatura*. 4<sup>a</sup> ed. Coimbra: 1975.

ARARIPE JR. *Raul Pompéia e o Romance Psicológico*. Ensaio crítico em 1888-1889, agora em *Obra Crítica*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1960, vol. II.

BENDER, Flora & LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BOSI, Alfredo. *in Gêneros de Fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. org. São Paulo, Xamã, 1997.

BROCA, Brito. *Raul Pompéia*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, s/d.

BUENO, Alexei. *Olavo Bilac: obra reunida*. org. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CÂNDIDO, Antonio *et al.* *A vida ao rés-do-chão, in A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CAPAZ, Camil. *Raul Pompéia – Biografia*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

COLLARO, Antonio Celso. *Projeto gráfico: teoria e prática da diagramação*. São Paulo: Summus, 1996.

COUTINHO, Afrânio. *Obras - Raul Pompéia: organização e notas de Afrânio Coutinho e assistência técnica de Eduardo de Faria Coutinho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Oficina Literária Afrânio Coutinho. FENAME, 1983.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestes*. Paris: Editions du Seuil, 1982.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISER, WOLFGANG. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johanes Kretcmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

IVO, Lêdo. *O Universo Poético de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: Livr. São José, 1963.

JAUSS, Hans Robert. *Pour Une Esthétique de la réception*. Traduit de l'Allemand par Claude Mailiard. Paris: Gallimard, 1994.

JOUVE, Vincent. *A Leitura*. São Paulo: Edunesp, 2002.

LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MELO, José Marques de. *A crônica*. in *Jornalismo e Literatura - Actas do II Encontro Luso-Afro-Brasileiro*. Lisboa: Ed. Vega, 1987.

----- *História Social da Imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOTTA, Dantas. *Mário de Andrade – poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

OCTÁVIO, Rodrigo. *Minhas memórias dos outros*. Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1934.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Gazeta de Notícias: Rio de Janeiro, 1880.

PONTES, Elói. *A Vida Inquieta de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro, Editora Olympio, 1935.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

SARAMAGO, José. *Manual de Pintura e Caligrafia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.



SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

SODRÉ, Nelson W. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIVALDI, Gonzalo Martin. *Gêneros periodísticos*. 2ª ed. Madrid. Paraninfo, 1979.

### **Periódicos**

*O Estado de São Paulo*, 18 de outubro de 1890, ano XVI, nº. 4.696.

*O Estado de São Paulo*, 25 de março de 1891, ano XVII, nº. 4.822.

*O Estado de São Paulo*, 30 de agosto de 1892, ano XVIII, nº. ilegível.

*O Estado de São Paulo*, 31 de janeiro de 1893, ano XIX, nº. 6.841.

## Documentos virtuais

[www.revistamirabilia.com/numeros/num2/lulioedante.html](http://www.revistamirabilia.com/numeros/num2/lulioedante.html)

## Obras Consultadas

ARISTÓTELES. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1981.

BAKTHIN, Mikhail. *Problemas da poética e de estética*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Hucitec / UNESP, 1993.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1971.

BELLANGER, C; GODECHOT, J. e TERROU, F.G.P. *Histoire générale de la presse française*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

BELTRÃO, Luiz e QUIRINO, Newton de Oliveira. *Subsídios para uma teoria da comunicação de massa*. São Paulo: Summus, 1986.

BEUVE, Sainte. *De la Littérature industrielle*. In: *Revue des Deux Mondes*. Paris, 1er septembre, 1839.

BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COUTINHO, Eduardo. *Raul Pompéia: obras*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1984. (Col. Fortuna Crítica).

DUFRENE, Mikel. *O Poético*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

GENETTE, Gerard. *Introdução ao architexto*. Lisboa: Veja, 1986.

JAGUARIBE, Beatriz. *Fins de século – Cidade e cultura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. org. e trad. de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

----- *Littérature médiévale et théorie des genres*. In: *Théorie des Genres*. Paris: Seuil, 1986, p. 37-76.

LINHARES, Temístocles. *Apresentação a Raul Pompéia*. Trechos Escolhidos. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1958.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista, imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP – FAPESP - Imprensa Oficial, 2001.

MARTINS, Sylvia Jorge de A. *A crônica brasileira*. São José do Rio Preto: Stylos, 1988.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de Ficção (1870 a 1920)*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

PICARD, Michel. *La lecture comme un jeu*. Paris: Minut, 1986.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978.

RALLO, Elizabeth Ravoux. *Méthode de Critique Litterarie*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1993.

RAMOS, Maria Luísa. *Psicologia e estética de Raul Pompéia*. Belo Horizonte, tese, 1958.

REBELO, Gilson. *Crônica, gênero em transformação*. O Estado de São Paulo, 30 de set., 1984.

RIBEIRO, José Alcides. *Imprensa e ficção no século XIX: Edgar Allan Poe e a Narrativa de Arthur Gordon Pym*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500-1822*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1946.

TORRES, Artur de Almeida. Cf. o ensaio – *Raul Pompéia (estudo psico-estilístico)*. Niterói, 1968.

ZILBERMAN, R. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

## ANEXOS

As crônicas<sup>162</sup> abaixo se encontram no texto anterior, pois foram selecionadas para fazerem parte do *corpus*, como registro imediato das citações e comentários acerca do trabalho de Pompéia.

Em alguns casos, na pesquisa, são apresentadas parcialmente, aqui estão transcritas na íntegra, conforme publicadas nos volumes da coletânea *Obra – Raul Pompéia*, de Afrânio COUTINHO<sup>163</sup>.

A presença de Olavo Bilac e Machado de Assis, autores contemporâneos a Raul Pompéia, também constam desse anexo. A visualidade trabalhada pelo autor em uma das crônicas analisadas, apontou uma linguagem impressionista e dialogou com um poema de Mário de Andrade, aqui transcrito.

### CRÔNICA 01<sup>164</sup>

O projeto Pinhal, para honra da província de São Paulo, cairá na Assembléia Provincial. É o que consta à imprensa.

Cairá de ventas, arrastando consigo as pretensões dos dous únicos *liberais* que, dizem, terão a audácia de votar por ele, o autor e um célebre João Silveira, Deputado do Parlamento pela *bossorocas* de Casa Branca.

Para que não adiantemos com muito entusiasmo os nossos aplausos oferecidos à Província de São Paulo, chega-nos de Limeira, pelo *Diário Popular*, a notícia de uma grande feira de

---

<sup>162</sup> As transcrições das crônicas respeitaram as publicações originais, com relação à grafia, às pontuações, à concordância e à acentuação.

<sup>163</sup> Afrânio Coutinho, ob. citada., vol. VI, VII, VIII e IX, 1981-1983.

<sup>164</sup> *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 2 abr. 1886, in Afrânio Coutinho, ob. citada, vol. VII, pág. 81.

carne humana naquela cidade. A examinar a mercadoria, havia até republicanos!

Desejaríamos estar presentes à tal feira, para ver que cara tem esta espécie de gente que embrulha na mesma confusão de idéias a opinião republicana e o faro de mercador de escravos.

Enquanto na província das estradas de ferro e da iniciativa particular, não se houver acabado com esta vergonha dos mercados de carne humana, freqüentados, para cúmulo de ironia, por indivíduos que se anunciam republicanos, enquanto o liberalismo do Senhor de Pinhal tiver a coragem de fazer escândalos como o da última tentativa, não há subvenção provincial a companhias líricas que consigam demonstrar em contrário da má recomendação que valem tais misérias à grande província.

## CRÔNICA 02<sup>165</sup>

Dos quatro jornais que prenciei sábado passado, já dois saíram e um – a *Notícia* – morreu.

E *Notícia*, ela viveu.

O que vivem as notícias!

o espaço de um dia, coitada! Ficou porém ao *Combate* que promete viver a vida feliz dos combatentes afeitos à luta.

No *Combate* escreve, além de muitos outros, Artur de Oliveira, uma verdadeira organização literária... ou uma desorganização se querem; mas veemente, sincera, robusta e fortalecida por longa camaradagem com a boa literatura. Natureza ardente, imaginação árdega, é uma onomatopéia ascendendo as espirais do entusiasmo para ir viver “*dans ces mondes de l’ideial e ages heroiques o”u s’aimaint dieux et*

---

<sup>165</sup> Afrânio Coutinho, *ob.citada*, vol. VII, pág. 16.

*deesses, desirant ou premier regard, jouissant au premier desir*<sup>166</sup>, mas entusiasma-se pelo que é bom e já nos deu um bom folhetim

Felizmente! os bons folhetins vão sendo raros...

### CRÔNICA 03<sup>167</sup>

O governo vai absorvendo os poetas.

O Sr. Pedro Luiz está Ministro, o Sr. Machado de Assis Oficial de Gabinete... justamente quando encetou na *Revista Brasileira* a publicação do seu romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, muito interessante para que todos desejem a sua continuação.

É ligeiro, alegre, espirituoso, é mesmo mais alguma coisa: leiam com atenção, com clama; há muita crítica fina e frases tão bem subscritas que mesmo pelo nosso correio, hão de chegar ao seu destinatário.

É portanto um romance mais nosso, uma resposta talvez, e de mestre uma e outra coisa; e será um desastre se o Oficial de Gabinete absorver o literato.

Esperemos que não.

*Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1880, n.º. 202.

---

<sup>166</sup> Grifo nosso.

<sup>167</sup> Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol. VII, pp. 21-22.

## CRÔNICA 04<sup>168</sup>

Apareceu o romance de Júlio Ribeiro, *A carne*. O talento pujante do conhecido escritor é a primeira recomendação do livro.

Quando tiver lido, o que não me foi possível ainda, inscreverei a nota das minhas impressões.

## CRÔNICA 05<sup>169</sup>

E basta de crônica por hoje; que não é pouco o tempo que estas linhas de assunto importuno roubaram às alegrias do domingo gordo.

## CRÔNICA 06<sup>170</sup>

Para que o leitor paulista compreenda quem são os amáveis credores da municipalidade fluminense, que tanta simpatia merecem dos nossos amigos do povo, aí vai, em fecho de ouro, um quadrozinho de cálculo emprestado às colunas do *Jornal do Brasil*:

Custando o quilo da carne verde em São Diogo 800 réis, quanto custará a rés?

Pesando a carne de uma rés 200 quilos, na média, a importância seria..... 200.800 = 160\$000

Couro e miúdos..... 30\$000

---

<sup>168</sup> Raul Pompéia, *Diário de Minas*, Juiz de Fora, MG, 9 set. 1888, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1982, vol.VI, pág. 68.

<sup>169</sup> Raul Pompéia, *Diário de Minas*, Juiz de Fora, MG, 4 mar. 1889, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1982, vol.VI, pág. 179.

<sup>170</sup> Raul Pompéia, *O Estado de São Paulo*, 21 jan. 1893, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol.VIII, pp. 289-290.



Valor da rés daquele peso .....	190\$000
Em Mato Grosso custa a rés .....	30\$000
Diferença .....	160\$000

Fazendo o cálculo para o gado do Rio Grande do Sul, temos:

Valor da rés do Estado de Minas (200 kg de carne).	190\$000
Valor da rés argentina ou riograndense	32\$000
Diferença .....	158\$000

Em um fornecimento diário à Capital federal esta última diferença, para 400 reses abatidas, produz o seguinte resultado contra a população:

158\$000 = 63:200\$000 diários, ou  
23.068:000\$000 anuais

Beneméritos ratos!

### CRÔNICA 07<sup>171</sup>

El-Rei de Portugal acaba de mandar dizer ao Generalíssimo Deodoro que suspenda o imposto em ouro das alfândegas, porque essas cobranças são prejudiciais aos negócios do reino.

El Rei mandou, é coisa feita.

<sup>171</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1891, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol.IX, pág. 262.

Haverá descuidados a quem pareça uma extravagância tal ordem expedida de além-mar. A nós não surpreende que ela tenha vindo, nem que seja obedecida.

Há muito que ouvimos no *folk-lore* cor-de-rosa das crianças:

Carneirinho, carneirão,  
Olhai pr'ó céu, olhai pr'ó chão,  
Manda El-rei de Portugal  
Para nos ajoelhar.

### CRÔNICA 08<sup>172</sup>

O Brasil está de luto.

A esta hora, até onde chega o alcance das comunicações telegráficas, sem distinção de opiniões políticas ou simpatias pessoais, não há um brasileiro que não lamente a morte daquele que foi para o Brasil, não um monarca, mas o Monarca D. Pedro II.

O movimento histórico da emancipação nacional levou-nos à necessidade de nos separar do paternal soberano. Aqueles mesmos, porém, que personificaram a obra do destino, nessa terrível contingência, impondo-a pessoalmente ao príncipe deposto tinham o coração trespassado de mágoa.

Agora aumenta-se irremediavelmente essa separação.

Atenue o nosso pesar a certeza que podemos ter que o ex-Imperador morreu, sabendo que era ainda prezado daqueles que foram o seu povo, e cheio da consciência de que nos legava, como preciosa herança, um exemplo e um precedente de honestidade feita poder supremo, que, fazendo o seu renome,

---

<sup>172</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1891, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, 1983, vol.IX, pp. 444-445.

seria para os seus continuadores, no governo do Brasil uma imponentíssima lição.

### CRÔNICA 09 (a)<sup>173</sup>

A nota política da atualidade é uma nota de melancolia.

Dela se depreende, como do encanto de certas tristonhas composições musicais, a visão pitoresca correspondente do quadro de uma partida.

Partir! E já se vê a distância verde do oceano estender-se entre duas saudades, a saudade que foge para além e a que desconsolada fica bracejando as lamúrias da separação.

Partir! Em pouco, a delicado aviso do comissário, de um oficial de bordo, do agente da companhia a que pertence o pacote, que vem falar ao comandante e que é o último a retirar-se, retiramos-nos para o escaler que balouça a distância e que vem logo adejando os remos, receber-nos no portaló, para a lancha, que se ouve chiar o vapor, nas juntas das válvulas, lá fora e lá embaixo, sob a amurada negra do transatlântico. Em pouco, a escadinha é içada: fervilha a espuma revolta pela hélice a fé e, ao rodar dessas grandes asas brutais de ferro, num giro vertiginoso, fatídico como o do fuso da Parca, vemos seguir aquele que amamos o destino eternamente incerto dos que partem.

Partir!

Mas a nota melancólica da política do dia não encerra somente a melancolia da partida: encerra mais a tristeza de quem parte ferido no coração pela injustiça amarga dos ingratos.

*Ingrata pátria, non possidebis ossa mea...* por dous anos!

---

<sup>173</sup> Raul Pompéia, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, SP, 12 de out. 1890, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VIII, pp. 39-44.

Com efeito, por dous anos pretende o Dr. Silva Jardim ausentar-se para estranhas terras. Esta ausência, afirmada em público pelo manifesto que aos seus concidadãos, nas colunas da *Gazeta de Notícias*, dirige hoje o ilustre propagandista republicano, é a nota do dia, da palestra fluminense de assuntos políticos. E Silva Jardim, desferindo-a por entre o encanto de toda a poesia de um longo adeus, deixa ver que o forçam a conservar-se tempo mais ou menos longo fora do seu país (dous anos como há quem diga) os desencontros da situação política, mais ou menos uma volta ao poder, dos antigos liberais, com sacrifício dos republicanos de boa têmpera, os verdadeiros históricos, como ele próprio Silva Jardim.

---

#### CRÔNICA 09 (b)<sup>174</sup>

Dando conta, porém, ao público da sua posição perante os compromissos do seu nome, e expondo o seu modo de pensar e de sentir de propagandista triunfante e candidato derrotado, em relação à época, e dos seus honestos ressentimentos, nem tudo são golpes da ingratição no que Silva Jardim expõe pelo seu manifesto. Numerosas simpatias de amigos e ardentes partidários vão aí discriminados para consolo do jovem emigrante do desânimo.

Quem dirá que este consolo fosse tão completo que dispensasse inteiramente os laivos de amargura que tanto azedam o manifesto-despedidas do ilustre campeão da República.

Assim como o manifesto se publicou, o moço político que se retira da pátria porque se julga mal compreendido no seu valor, significa contraproducentemente nesse documento, que

---

<sup>174</sup> *Idem*, pp. 40-43.

lhe falta em política a noção mais preciosa, a noção indispensável sobretudo para aqueles que se querem impor pelo caminho direito à compreensão e aceitação dos seus compatriotas. O manifesto do Dr. Silva Jardim demonstra que ao ardente demolidor das velhas instituições falta a noção primeira do tempo.

O tempo é tudo em política; é a própria política. Os políticos franceses variaram o nome, e chamaram oportunismo ao tempo, consagrando esta verdade.

Ter a noção clara do tempo, da oportunidade, é simultaneamente conhecer os homens e as cousas; é ter habilitação plena, na ciência de tratar com a sociedade em suas relações de disciplina nacional.

Conhecendo a importância do tempo, o homem público sabe o que são as alternativas. O tempo não daria idéia moral de si, se fosse uma continuação perene de igualdade e monotonia, sem as diferenciações que o parcelam por seções, de acidentes mais ou menos simpáticos às nossas conveniências. Sem as suas desigualdades de boa ou má fortuna não percebe o giro de um disco grande, perfeitamente liso e da mesma cor.

Conhecendo o tempo, o homem público novo, que se pretende fazer por si, não estranha que não lhe acuda um sucesso precoce. Em política aquele que não progride porque o guindam e colocam, tem de lutar e lutar longamente, até que o favoreça o beneplácito do tempo, coeficiente indispensável do mérito, porque são dos dias que dão a conhecer o mérito.

Conhecendo o tempo, aquele que se volta às batalhas sociais da vida política, sabe que só com ele e não por uma simples alteração revolucionária da ordem das cousas, os homens mudam; por que vêm homens novos nascidos substituir os antigos, mortos. E isto sabendo, e mais que só com o tempo

os homens se habilitam para as funções sociais, não se arrepiam porque, depois de uma revolução nem tudo se faz segundo os princípios que constituíram a divisa teórica dessa revolução, e porque a supremacia do governo, em vez de se conservar com os revolucionários, por natureza mais peritos em revolucionar do que em organizar, se vai pouco e pouco passando para os velhos práticos de administração que antes do choque transformador, dispunham na mesma supremacia.

Se conhecesse o tempo, Silva Jardim não estranharia o que lhe parece o fenômeno de retrocesso do poder para as mãos dos liberais do tempo da monarquia, fenômeno, aliás, cuja necessidade Silva Jardim reconheceu, quando, por instinto de vitória se aproximou dos velhos partidários não já liberais, mas ferrenhos conservadores da era monárquica, no Estado por onde se apresentou candidato; não estranharia certas práticas menos republicanas que percebe no movimento político da situação; não estranharia que, após três brevíssimos anos de passado político, embora passado de ativos e honroso trabalhos, mas cuja importância era artificialmente exagerada pela efervescência dos ânimos na ocasião e na zona política onde esses trabalhos se desenvolveram, não tivesse conseguido influência bastante para vencer eleições, a todo o transe, contra monarquistas e contra muitos republicanos e contra o próprio governo dos autores da revolução, como Silva Jardim pretendeu, não estranharia, enfim, de modo a sentir-se em meio desalento, o fato de perder uma primeira batalha quando um dia vem atrás do outro e do dia seguinte é freqüentemente a errata do dia anterior e a derrota uma vez pode ser a véspera da vitória na vez seguinte.

Se o jovem político republicano tivesse completamente a noção do tempo, do tempo como elemento social e político, não tanto carregava de ressentimento e pesadumes o seu manifesto

de despedidas aos seus amigos; talvez, mesmo não se lembrasse de partir e deixar o campo das suas lutas. Ausentando-se para um longínquo retiro, onde, na convivência dos livros, tenciona enriquecer de prendas o seu espírito, lucrará sem dúvida extraordinariamente; mas individualmente e particularmente, como homem de estudo; socialmente, como chefe político, há de perder, porque o primeiro elemento da influência é a atividade constante e assídua dos conselhos, dos serviços pessoais mais ou menos diretos, do simples ato de presença contínua à frente dos grupos partidários, de uma sucessão de esforços mínimos, dia a dia, por – longo tempo – o que talvez seja incômodo, para um indivíduo sem ambições, porém que muito mais vale, para aquele que quer vir a ser alguma coisa em governo, do que ensinar ausentando-se como se passa muito bem sem nós.

---

### CRÔNICA 09 (c)<sup>175</sup>

O povo literário da Rua do Ouvidor anda intrigado com a questão meio pândega dos novos e velhos.

Simplex como à vista se julga, esta questão tem contudo dado que fazer aos cogitadores de notícia miúda que aqui abundam. Nada mais simples em princípio, *Novo* é quem está com a nova forma de arte, com a mais virginal e a mais recente descoberta da crítica, e quem festeja as ousadias novas do talento e as caprichosas audácias do merecimento literário. *Velho* é quem está ainda na teoria de que a arte de agora tem de vazar nos moldes da arte de algum tempo, a qual para servir de

---

<sup>175</sup> *Idem*, pp. 43-44.

molde, é especialmente denominada clássica; *velho* é quem não lê mais, e cristalizou-se numa erudição bolorenta de há dezenas de anos e pretende impor, de modo birrento e impertinente, esta ciência, ou antes esta ignorância do seu tempo; *velho* é quem detesta, por esse mesmo atoupeirado instinto clássico, todas as formas imprevistas que o talento, infinito Proteu, com o seu ilimitado direito de variedade, capricha em assumir.

A idade do indivíduo não tem nada a ver com isso. Para que o homem de letras seja incluído numa das duas categorias de classificação da cronologia intelectual, basta que tenha maior ou menor lucidez de espírito, para sentir a verdade, mais séria ou menos ilustração, para estar informado do que se vai descobrindo, nos domínios do pensamento artístico.

Pois, os nossos atuais criadores de polêmica viva introduziram no caso o esquisito elemento – idade, como fato único de competência e primazia, e toca a brigar porque há ou não há no Brasil meninos prodígios, que encham a casa dos novos, quer dizer, dos novos, ou por que a tabela da novidade, em arte, deve-se começar para os literatos a contar dos vinte e cinco anos para baixo, e não dos vinte e seis, que seria um grave transtorno.

Mas a culpa não é deles, que, apesar de *novos* em anos na maior parte, e gênios, portanto, *ex-offício*, não são os inventores dessa complicação.

Quem primeiro desnaturou o sentido verdadeiro da expressão *novos* e *velhos* em literatura, foi o Sr. Machado de Assis, um *velho*, dos tais que, há alguns anos, pelas páginas da Revista Brasileira, inventou a chamada *Nova geração*, em relação à qual a moderníssima geração dos *novos* não é mais do que nova consequência dos mesmos princípios. Havia escritores no Brasil de certa idade, e, depois destes, começaram a aparecer alguns jovens que manejavam a pena. Em meio



literário mais digno desse nome, o agrupamento dos escritores velhos ou jovens para a classificação seria feito por escolas, segundo o gênero ou a filiação espiritual de cada um. Como os escritores que tínhamos e os que iam aparecendo não davam para isso, ou porque não eram numerosos, ou porque não caracterizavam expressamente, nas suas tendências, o Sr. Machado de Assis, querendo classifica-los, classificou-os pela idade: *velha geração* e *nova geração*. A coisa era fácil e ficou feita. Mas, como era também confusa, daí nasceu uma balbúrdia, que por uma porção de anos fez da pequena e da grande literatura do nosso país um verdadeiro sarilho.

Os novos e os velhos foram classificados por Pardal Malet, segundo o mesmo sistema. Os escritores e a *ex-Nova geração* e os que vieram aparecendo depois dos desse grupo, não dão para que a crítica os agrupe por escolas, ou gêneros: toca certidão de idade para a frente. Assim, a ordem do dia continua a ser a desordem.

Isto é mau, não há dúvida. Estes rapazes não querem compreender que a única maneira de ser novo é ter talento, muito talento e... *envelhecer* em cima dos livros... Bem pensando, porém, chega-se a desculpar que eles o não compreendem, ou finjam que o não compreendem; porque discordam entre si, e, discordando, lutam, e na luta exercitam-se todos para a facilidade da escrita ao menos, além de que dão o espetáculo do movimento, que, nas letras brasileiras, desde que se não caracteriza pela produção, bem pode caracterizar-se pela polêmica.

*O Estado de São Paulo*. São Paulo, SP, 12 out. 1890.

## CRÔNICA 10 (a)<sup>176</sup>

Rio, 19 de março de 1891.

Às vezes, depois do céu fechar-se carrancudo, soldar-se de chapas de chumbo, de horizonte a horizonte, como uma espécie de cenário de juízo final, nem uma aragem fresca, sopra por alguns minutos, e, quando das ameaças do céu, se esperava um cataclisma meteorológico, eis que tudo se resolve em algumas bátegas rápidas de chuva.

Foi assim que todas as ameaças do tenebroso céu político, que ainda há pouco víamos recurvar-se sobre nossas cabeças, resolveram-se pelo manifesto político, dos mais acerbos descontentes da atualidade.

A situação era realmente de dar que pensar. Reuniram-se para resolver a respeito das pessoas de maior confiança daqueles que encaravam cheios de apreensões o momento, menos apreensivas, é preciso dizer, pelo que se notava de mau, do que por aquilo que se não podia compreender na embrulhada dos fatos. E, quando todos contavam que esses representantes da confiança da oposição, reunidos, redigiriam um manifesto que fosse ao mesmo tempo uma análise da política do dia e a fulminação merecida daquilo que mais escandaloso se descobrisse, e, quando nada se descobrisse justificando positivamente a crítica das maldições, fosse então o exame circunspecto das tendências denunciadas pelos fatos, e a ameaça solene da resistência, tanto mais veemente quanto mais perniciosamente essas tendências se acusassem, ou se concretizassem; acontece que nos dão um manifesto frouxo, sem energia no tom, nem na articulação dos fatos, um papel sem entusiasmo, em que se percebem as palavras, sem

---

<sup>176</sup> Raul Pompéia, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, SP, 25 de mar. 1891, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, pp. 63-64.

correspondência com a exata realidade, acumulando-se umas sobre outras para pesarem mais, em que faz de grande argumento de beira do abismo o fato do Sr. Lucena teimar e, assinar-se *Barão* e o fato, aliás desmoralizado pela pilhéria da *Gazeta de Notícias*, de não haverem sido ainda nomeados os Ministros do Presidente da República.

Se o caso não fosse tão sério, tinha bastante propósito declarar-se ao Sr. Felipe, como nos *Dominós cor-de-rosa*, que francamente se esperava outra coisa...

O céu tenebroso da política resolveu-se numa breve decepção de temporal, dissemos nós. Infelizmente só quanto ao que diz respeito à polêmica é que assim foi. Todos os cargos da oposição jornalística cristalizaram-se nesse artigo único e coletivo, muito menos eficaz, entretanto, do que a campanha de artigos preparatórios que o precederam; mas a realidade obscura e aflitiva dos fatos aí ficou, em seu caos, etc., de gênese republicana, que, queiram os fatos, será seguida pacificamente da ordem natural da política, mas que não representa por ora mais que um esboço de governo, debuxado por mão trêmula e inábil, rabiscado de emendas e de traços falsos, que está muito longe de ser o quadro brilhante, nítido da tranqüilidade social.

---

### CRÔNICA 10 (b)<sup>177</sup>

Voltou à discussão o nunca assas decantado convênio comercial com os Estados Unidos do Norte.

---

<sup>177</sup>*Idem.*, pp.64-65.

Despertou de novo as atenções para ele um telegrama a respeito, transmitido de Nova York para aqui.

Extraordinário povo é o povo brasileiro! Ora, imaginem que o execrado tratado da nossa escravização industrial, essa segunda miséria nacional, depois da escravidão, está sendo debatida no Brasil. No Rio de Janeiro, o governo assiste às demonstrações da opinião, pelas quais se deve guiar, para aceitar ou rejeitar o tratado. Do Rio de Janeiro, portanto, do Brasil, é que devia seguir para Nova York a palavra competente, declarando se o tratado vinga ou não vinga.

Pois bem, as cousas são tais, quando versam sobre os nossos interesses, que esse referido telegrama, daí linhas acima, esse despacho telegráfico, dos Estados Unidos do Norte para nós, veio atrevidamente, secamente, e brutalmente, de lá para cá, quando de cá para lá é que devia ter ido natural caminho de qualquer resolução, veio dizer-nos, provavelmente por parte da ousadia poderosa da grande nação do Norte, embora o subscrevesse o representante dos interesses do Brasil nessa nação, veio dizer-nos – que o tratado ou convênio americano é irrevogável!

Esta interessantíssima anomalia de nos imporem do estrangeiro o que nos deve ser conveniente encontra *pendant* em outro fato igualmente curioso e que por si só é todo elogio do convênio americano – o grande, o utilíssimo convênio, que nos vai render rios de dinheiro e que nem por isso representa grandes interesses para os Estados Unidos do norte, só tem, em toda a imprensa do Brasil, em nome aliás dos interesses brasileiros, convém notar, só tem um defensor e um advogado: é o *Rio- News*, exatamente o único periódico americano de todo o Brasil!

Há de ser por isso, sem dúvida, que o mesmo extravagantíssimo telegrama de que demos notícia declara que

se sabe perfeitamente, na América do Norte, que toda a oposição ao convênio tem sido movida por uma casa inglesa de negócios de farinha no Rio de Janeiro.

---

### CRÔNICA 10 (c)<sup>178</sup>

Entre os fatos da vida comum, nesta cidade, que foram durante a semana, de rara variedade, tendo-se assistido a tudo que possível imaginar como *ocorrência diversa*, desde um tumulto fantástico, no Teatro Apolo, em que tomaram parte artistas e figurantes da empresa, armados com todos os espadagões e lanças recurvas que ensarilham os troféus grotescos da opereta, até algumas originalíssimas taponas, nas salas da polícia, entre amantes divorciados e diante de todos os delegados e mais representantes da autoridade pública, - o fato que mais prendeu a atenção foi o horroroso crime da Rua do Hospício.

Já os jornais têm levado a São Paulo a narrativa tão por miúdo do caso, que nós mesmos, que visitamos o lugar do crime, quando ainda lá estavam as vítimas e o criminoso, nada temos que reviver em descrição na crônica.

Entra-se agora pelos comentários, e já os fazedores de imprensa da terra vão tão adiantados que, dentro em pouco, por mais que se diga ilimitado o domínio da filosofia, nada mais haverá, nem mesmo a filosofar sobre o assunto.

É lastimável que, entre os comentadores do crime do espanhol, que crivou de vinte e cinco facadas o pobre corpo de uma mulher, que ele dizia sua esposa, e feriu mortalmente um

---

<sup>178</sup> Idem, pp.65-66.

sexagenário, tudo isso por umas duvidosíssimas hipóteses de honra, ainda se encontrem defensores do funesto preconceito romântico que legitima o homicídio como vingança conjugal.

E esses comentadores, apologistas dessa horrível aberração, são moços em geral, generosos de coração e lúcidos de espírito, e todos eles clamam contra os preconceitos e clamam contra o sentimentalismo.

É sentimentalismo, dizem, ter-se compaixão da mísera criatura fragílima do sexo fraco, que, porque teve a audácia de dispor do seu coração e do seu corpo, um bandido, a pretexto de ser honrado esposo, apunhala e mata, aproveitando-se da inferioridade de forças dessa infeliz e de uma boa ocasião de socorro impossível.

Não é sentimentalismo vir com umas histórias medievais de honra cavalheiresca de marido, uma antigalha ainda mais digna dos museus da velha ferocidade humana do que o duelo, e entender, apesar de naturalistas e sensatos, como se propalam, que a coisa mais sagrada que existe perante a natureza, que é a vida, pode estar à mercê de um palavrão de pundonor, que pode ser pronunciado com tanto maior energia quanto mais facilidade tenha um indivíduo para manejar a faca.

São maridos infelizes, não é? E não têm a coragem de impor-se a separação em absoluto da esposa infiel, que é o mesmo que dizer, da esposa aborrecida; não têm igualmente a energia de criar, na sociedade a lei salvadora do divórcio... pois carreguem à frente os chifres que Deus lhe deu, que já o fazem resignadamente os bois, e nem por isso desaba o mundo.

-----

## CRÔNICA 10 (d)<sup>179</sup>

Na vida artística, contou-se o grande sucesso do lançamento dos alicerces do monumento João Caetano, por iniciativa do outro nosso grande ator, o Vasques.

Em poucos dias, sobre esses alicerces, foi construído o pedestal da futura estátua, em frente ao portão central da Escola de Belas-Artes. É um simples cubo de granito, guarnecido de frisos e cimalkas exigidos pela elegância arquitetônica, tendo o conjunto a altura de cerca de três metros.

Não tardará muito que aí se erija o vulto do grande trágico, no gesto grandioso em que esculpiu Chaves Pinheiro, e em que mandou fundir a estátua Rodolfo Bernardeli, discípulo de Chaves Pinheiro. Bernardeli, convidado a fazer a estátua de João Caetano, recusara-se declarando reconhecer a que seu mestre fizera como a melhor que poderiam desejar.

Com o monumento João Caetano, teremos a primeira das numerosas estátuas, devidas aos esforços artísticos, ou ao talento de Rodolfo Bernardeli, que brevemente opulentarão a perspectiva de nossas ruas e praças, toda uma população de bronze a aparecer, com que, no Rio de Janeiro, vamos ombrear, se é assim que se pode dizer que nós, rasteiros mortais anônimos para com esses homens metálicos, em toda a sua altura de glória e de pedestais.

*O Estado de São Paulo*, São Paulo, SP, 25 de mar. 1891.

---

<sup>179</sup> *Idem*, pp. 66-67.

## CRÔNICA 11<sup>180</sup>

Rio, 24 de agosto de 1892.

Foi hoje dado ao túmulo o corpo do Marechal Deodoro.

Sem nos havermos jamais deixado arrastar na torrente de animosidade que por vezes, com as vicissitudes políticas, se insurgiram contra o glorioso soldado, só temos que repetir, na hora em que começa para ele o julgamento da história imparcial, o que sempre afirmamos.

Foi um íntegro. Teve as grandes virtudes e os defeitos inevitáveis dessa integridade de temperamento, de caráter.

Veio dessa mesma integridade a sua maior glória, e vieram igualmente daí os desvios de culpa que uma ou outra vez, mais ou menos gravemente, compromissos sua excepcionalíssima missão social.

Sem o ardor irrequieto, a sede instintiva de agir pela energia vizinha mesmo da violência, que a profissão de chefe militar tão perfeitamente lhe nutriu grande parte da vida, ele não teria figurado no audacioso comando do movimento de 15 de Novembro; assombro de resolução varonil que ainda agora espanta a consciência dos velhos políticos do império, que se não compreende bem, na ordem dos precedentes de moleza que eram quase toda a nossa história política, de exata representação simbólica até a República no retrato físico e moral do linfático Imperador Pedro II.

Infelizmente, os aparelhos mecânicos de demolição têm o seu destino, e os belos edifícios não se levantam a golpes de picareta. O homem marcado pelo destino para empurrar para o abismo o trono destroçado dos Braganças na América, não devia provar à maravilha, desde que a obra da revolução carecesse de

---

<sup>180</sup> Raul Pompéia, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, SP, 30 ago. 1892, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, pp. 237-240.



mão forte, não mais para levá-la avante, mas, a bem da sociedade, para determinar até onde tinham de lhe chegar os efeitos de desorganização.

Foi o que se viu.

Quando se tornou necessário fazer contramarchar o tumulto insurgido com os gritos de guerra de novembro, o primeiro Presidente da república extraviou-se para o caminho dos desacertos. Começou desde logo, abstração feita de toda a política excepcional do provisório, por errar, não desdenhando altivamente a vanglória da chefia suprema da República no mesmo dia de sua eleição constitucional, quando conheceu que não tinha por si, como era indispensável para a consagração oficial do guia audacioso da revolução republicana, a unanimidade dos altos eleitores, Deputados da Nação pela primeira vez sob a nova forma de governo.

Deodoro imagina-se ante o Congresso, na posição simplesmente de um Marechal de campo, com o seu conselho de oficiais, apenas passivamente consultivo.

O insucesso do escrutínio presidencial, afigurou-se-lhe, então, como uma impertinência desordeira, como uma irritante revolta de indisciplinados. E, sal alma de chefe militar, incapaz da clama perseverante que aconselha os diretores da administração civil sentiu-se magoado, ressentiu-se como de um desafio ao seu prestígio, e longe de pensar na renúncia, que era o único procedimento à altura daquele julgamento de desconfiança que a seu respeito preferia uma fração considerável da assembléia dos representantes do povo (tanto mais legítimos para Deodoro quanto a eleição deles fora presidida pelo próprio Deodoro) olvidou mesmo que podia parecer reduzido para a conquista útil de uma vistosa honraria, e caiu com todo o seu peso sobre a cadeira mal firme de

presidente ficando a meditar, no íntimo do orgulho ofendido, a rude lição aos rebeldes.

A lição viria, por mal do violento mestre com a temeridade do golpe de Estado.

E entre o capricho mal concebido de manter a presidência , e esse infeliz desenlace, a série dos seus atos de chefe constitucional, mais ou menos manteve-se o caráter e coerente com isso, avultando no meio de tudo, para a ruína da nação, a pertinácia demonstrada em manter o impopularíssimo Barão de Lucena.

Mas, a história não julga apenas os homens pelo que foi sua influência social. Julga também atentamente, quando o caso requer, as personalidades perante um critério de psicologia pessoal.

E Deodoro da Fonseca, subentende-se no elogio de sua inteireza de caráter – julgado pessoalmente – impõe-se de modo brilhante à consideração dos pósteros.

Na própria intervenção social que lhe competiu ao serviço da pátria, manda a imparcialidade reconhecer que em geral apenas errou com o erro dos outros, quando diretamente teve de aparecer, nas ocasiões de mais flagrante gravidade, não lhe faltou a mais alta nobreza de ânimo para desempenhar-se do seu dever.

Só a sua história militar valera bem uma imortalidade.

Até ao 15 de novembro o esforço de sua influência revolucionária seria igualmente bastante para perpetuar seu nome na memória da República.

O ato de Novembro, de que ele foi o arrojado porta-estandarte, há de ser sempre referido como um dos mais admiráveis cometimentos de reforma social.

Durante os dias mais terríveis da comoção social produzida por esse acontecimento, ele soube infundir um respeito

verdadeiramente mágico, prevenindo pela força material, os instintos de desordem naturalmente despertados pela transformação política.

Quando sofrendo a reação terrível dos elementos que ele soubera comprimir e mais seriamente o contrachoque terrível dos seus erros administrativos, achou-se assaltado pela tempestade do dia 23, ainda uma vez manifestou-se na linha inquebrantável de sua grandeza d'alma, evitando os horrores a que nos podia levar essa melindrosa colisão.

Outra circunstância que lhe será lembrada para o reconhecimento nacional, são as condições lamentáveis de saúde em que se achou Deodoro da Fonseca, enquanto labutava com toda a dedicação de sua alma nos últimos patrióticos serviços que prestou ao seu país.

Já quase em véspera do 15 de Novembro, ele era a bem dizer um moribundo. A revolução foi tirá-lo do leito de dor onde ele jazia quase com as horas contadas. Seus agitadíssimos trabalhos de governo eram interrompidos pelos falecimentos de vez em quando do esforço supremo de vontade pelo qual ele se mantinha como ileso e não à frente dos negócios. A morte chegando agora a resolver-lhe em definitivo a agonia, vindo a salva-lo para o descanso dos mais atrozes padecimentos, quase o surpreendeu no seu posto de abnegação.

Esse admirável valor cívico de um agonizante retardatário lembra o destino igual de Benjamim Constant, esse outro grande homem infeliz, que tinha de repartir as horas entre a fervorosa dedicação patriótica e os desalentos de morrer pouco a pouco.

Por honra de Deodoro da Fonseca, como do seu grande companheiro, a melhor recomendação com que, ante a justiça do futuro, como evolução de puro patriotismo sem mescla de ambições inconfessáveis, há de ser contemplada a nossa

Revolução, consiste nessa singularidade impressionante de que a conduziram dous moribundos.

É o que mais próximo se nos tem oferecido do ideal sublime dos positivistas: - a direção dos vivos pelos mortos...

- Imortais.

*O Estado de São Paulo*. São Paulo, SP, 30 ago. 1892.

### **CRÔNICA 12 (a)<sup>181</sup>**

Rio, 24 de janeiro de 1893.

O mal do Brasil é este mesmo, que escritores do mais legítimo prestígio, pelo talento e pela seriedade, vacilam ante a dificuldade de considerar os obstáculos com que se embaraça o desenvolvimento e o progresso de sua pátria, e cedem pelo lado mais fraco da benigna cegueira do eterno programa do caráter brasileiro.

É a conjectura que nos despertavam há dias algumas linhas de crônica ligeira e brilhante de Urbano Duarte para o *Diário Popular*, dessa cidade.

O escritor lançava a sua nota a propósito da carestia, que é o grande assunto do dia, e liquidava a questão explicando esta imensa angústia criada contra o povo, pelo fato simplicíssimo da desmoralização do nosso dinheiro em virtude das emissões do papel moeda.

Para contestar essa afirmação, que já foi moda corrente mas hoje até se constitui pretexto aposentado, basta verificar que tínhamos o câmbio a 9 e tudo estava tão caro em razão da

---

<sup>181</sup> Raul Pompéia, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, SP, 31 jan. 1893, in Afrânio Coutinho, vol. VIII, pp. 291-293.

moeda depreciada, e vai para uma porção de meses que temos câmbio entre 13 e 14 e tudo se torna cada vez mais caro!

Para explicar a carestia atual com que o é vitimado o povo brasileiro, não é necessário deitar abaixo as belas razões de finanças.

Desde que haja disposição de afrontar o odioso de verdade firmemente reconhecida, o que se reconhece é só e unicamente que somos os brasileiros vítimas de um espantoso crime coletivo de espoliação.

Quem quer que tenha tratado com a tirania e inexorável classe dos que vendem, quer dizer o primeiro transeunte que encontramos seja argüido a respeito.

Ouvir-lhe-emos a tirada de um libelo. O embrulho que pobre diabo pai de família carrega ao braço é como que uma trouxa de indignações, de protestos que vão até o insulto e que não podem ficar aquém da verdade tão sinceros são eles. O homem nos revela o seu pacote. Cada mercadoria, cada espécie que ali carrega é como um tremendo corpo de delito contra o balcão donde ele acaba de afastar-se, extenuado do último vintém, sangrando do último real.

Ele dir-nos-á a infinita e curiosa variedade dos preços (todos caros é verdade) que hoje é a norma do nosso comércio. Olha-se o aspecto do comprador e pela probabilidade psicológica do pagamento pede-se a importância... Ele dir-nos-á despreendimento soberbo das contingências elementares de pesos e medidas, que hoje em dia caracterizam a nobre classe dos que querem ganhar. Dir-nos-á a audaciosa, a afrontosa má fé do jogo da qualidade com que se contrabalança o cálculo da quantidade. Dir-nos-á o cinismo com que se argumenta com direitos de alfândega cobrados e recobrados no preço da venda. Dir-nos-á a estupenda generalização do preço do ouro para tudo, para tudo, para espécies que não têm que ver senão por

metafísica de ganância com a importação; como se cada vendedor, não contando com as naturais alternativas do comércio internacional de câmbio, só tratasse de arranjar metal sonante ao câmbio do dia para voltar para a terra. Dir-nos-á, acentuando o escárnio doloroso desta comédia de preços altos, que apesar da carestia, como eles definem quer dizer da crise comercial, o vendedor não se incomoda que lhe comprem ou deixem de comprar, nunca foi mais brutal e desatencioso; fala grosso ao freguês, trata-o de cima como um senhor, quase o desfeiteia; quando, se de fato houvesse falta de mercadorias justificando o preço elevado, era natural que a dificuldade de fazer negócio levasse o negociante à docilidade convidativa de quem precisa...

Mas, esse transeunte interpelado ficaria surpreso de que o quisessem ouvir... o povo brasileiro é atualmente vitimado pela mais brutal extorsão que em país algum se tem visto. Dir-se-ia que ao correr das calçadas, depois de uma terrível guerra da conquista, se tinham alinhado em nossas cidades as coletoras ferozes de um inimigo invasor, para nos arrancar pouco a pouco a cobrança de um imposto bárbaro de guerra.

Mas o povo não se queixa. Não tuge nem muge. Está proibido de gemer! É pagar! Não se queixa. Não pode se queixar. Há conspirando contra ele, além do próprio abatimento que lhe deixa na alma as proporções da hostilidade com o que o oprimem, uma cruel convenção de silêncio e imobilidade, da parte mesmo daqueles que fazem profissão de falar pelo povo.

Parece haver sido decretado entre nós um régimen novo de Terror. Contra o preço, esse personagem negro que nos ameaça de bacamarte em punho, e chapéu pontudo de ladrão de zarzuela, ninguém ousa manifestar-se.

-----

### CRÔNICA 13 (b)<sup>182</sup>

Por nossa parte registramos tudo isso como preliminares do tremendo conflito social, do bravo socialismo brasileiro, luta de classe contra classe, mas entre nacionalidade e nacionalidade, não como na Europa, entre salário e capital, porque a nossa economia política profundamente eivada de intrigas internacionais, luta terrível que brevemente, se não somos um povo votado ao desaparecimento, há de entre nós fazer explosão. Vai começando à socapa, no disfarce da treva, mas intensamente.

A Fundação da República exacerbou os elementos, a febre eruptiva lavra já intensamente: a hora de irromperem os tubérculos parece estar iminente.

Para nosso alívio, abafados atualmente como estamos na sufocação que nos oprime, era bom que isso viesse mesmo e quanto antes.

Urbano Duarte conjectura que não é possível o acordo de inúmeros indivíduos para a *grève* dos altos preços.

Possível é. Provável é que não parece. Mas, numa organização normal das classes de um povo constituído. Contra um povo nascente, que permite ineptamente o horror de se organizar quase exclusivamente de estrangeiros a classe comercial, a cousa é mais que possível: tem de ser o fato. Desde que o comércio tudo é exclusivamente estrangeiro, a *grève* está feita por si, *grève* tácita, espontânea como existe o próprio sentimento de nacionalidade preparado sempre para disciplina da fileira cerrada, do combate unido.

O fato por si só de não aparecer (caso virgem no comércio de todo o mundo) um único negociante nas localidades mais exploradas que queira tentar o lucro pela baixa seria bastante

---

<sup>182</sup> *Idem*, pp. 293-294.

significativo como afirmação econômica de que, combinada ou tacitamente espontânea, a *grève* da carestia existe.

Se como fenômeno de comércio em geral, essa estranha combinação é difícil de admitir, atendendo a que as relações do comércio internacional em todo o mundo são hoje em dia ferozes, e a que por desgraça nossa, todo ou quase todo o nosso comércio é internacional, mesmo nas simples relações do freguês de balcão e do vendedor a varejo, os leitores hão de concordar que a cousa é muito explicável.

Há *grève*: este é o fato. Não diremos que seja a *grève* de acordo expresso, apesar de que ninguém ignora como usam as tavernas e os açougues por exemplo, num dado momento, fazer correr a senha de arrocho de mais cem ou duzentos réis na estrangulação do freguês, de maneira que, sem se saber porque, v~e-se de repente num arrabalde esta ou aquela espécie de consumo torna-se ainda mais cara... Mas há *greve*. Há conspiração, há disciplinada hostilidade, campanha internacional de comércio, contra os que compram urgidos pela necessidade por parte dos que vendem, com o fito apenas de exportar dinheiro. É esta a causa primordial da carestia. E contra semelhante mal só seria recurso mandar postar o Tesouro do Brasil um guarda aduaneiro junto de cada balcão para proteger a algibeira do comprador nacional contra demasias do vendedor estrangeiro; a menos que se antecipasse desde já a campanha do brio nacional, o esforço da dignidade cívica, que, não por amor de logomaquias políticas, mas por imposição do instinto de vida econômica dos povos, tem de ser brevemente a luta patriótica dos brasileiros – valente cruzada pela nacionalização do nosso comércio.

*O Estado de São Paulo*. São Paulo, SP, 31 jan. 1893.



## CRÔNICA 14<sup>183</sup>

A Associação Comercial está parecendo em risco de ver tingidas a piche os responsáveis portais do seu edifício.

Como se sabe, é a brocha negra o gesto pitoresco de hostilidade, usual de conflito partidário entre as duas grandes classes da hierarquia comercial – patrões e caixeiros.

A Associação Comercial do Rio de Janeiro é uma sociedade notoriamente de patrões.

Abaixo dela, ou contra ela, como quiserem, há a sociedade dos caixeiros, com o nome de Associação dos Empregados do Comércio.

Ora, sucede que a Associação Comercial, muito satisfeita com os serviços financeiros do Sr. Visconde de Ouro-Preto, reuniu-se em solene assembléia, para resolver, entre mil propostas, cada qual mais fervorosa de eloquência admirativa, o meio de significar ao Chefe do Gabinete o altíssimo conceito em que o tem.

No mesmo dia em que os jornais descreviam as circunstâncias desta famosa sessão, e o seu lisonjeiro resultado, apareceu um edital da Associação dos Empregados do Comércio, convocando os seus membros a representarem ao governo, no intuito de obter a isenção do serviço da Guarda Nacional para os referidos empregados.

Se o governo aceder ao pedido, correspondendo assim, com o favor feito a uma parte do comércio, à gentileza das demonstrações com que o honrou na pessoa do seu chefe, outra parte do comércio, está tudo muito bem: o comércio unido, sem distinção de hierarquia, e, entre o comércio e o governo, uma risonha permuta de amabilidades.

---

<sup>183</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, RJ, 10 nov. 1893, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, pp. 201-202.

Dê-se em contrário o caso de uma recusa.

A Associação não se há de dar, por solidariedade, à indigesta empresa de recolher o prolongamento de sua alma, lábios a fora, com as apóstrofes entusiásticas da sua assembléia.

Vão, entrando, de roldão as gratas conquistas do *fechamento*. As manobras aos domingos, as paradas de gala vêm sofismar sem remédio as datas marcadas já para a folga, no calendário da esperança... Como evitar as conseqüências?

Eis que entra a Associação Comercial e a Associação dos Empregados, cava-se novamente aquele abismo caçamba, que se supunha fechado para sempre, ao fundo do qual ameaçadoramente negrejava outrora o piche!

### CRONICA 15<sup>184</sup>

O finado é o ano de 85.

Em que pese aos amigos do falecido – o ano de 85 não prestou cousa nenhuma.

Nasceu numa bela madrugada, formoso e forte como uma criança que promete. Em roda do recém-nascido verdejavam as esperanças. 85 cresceu, animado e ardente.

Quando menos se esperava, virou uma cambalhota e apareceu transformando. Subiram os conservadores e o ano, levou-o o diabo.

Murcharam as esperanças; secaram; o vento levou-lhes a folhagem, 85 acabou mirrado e mau, como um célebre Diretor da Academia de São Paulo, magro como um dedo de Shyllock, ruinzinho e insignificante como um micróbio.

---

<sup>184</sup> Raul Pompéia, *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1886, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, pp. 34-36.

É muito provável que 86 não seja melhor: tal pai, tal filho; pior é que não será.

O ilustre finado deixou ao herdeiro uma colossal herança de quinquilharias e bugigangas.

86 que não sabe o que há de fazer de tanta coisa à-toa, resolveu passar a cobres a herança.

## **BREVEMENTE**

### **O LEILOEIRO SATURNO**

*devidamente autorizado  
fará leilão*

*de interessantes e curiosíssimas banalidades pertencentes ao espólio do falecido 85*

### **AVISO AOS INTERESSADOS**

*O dia do leilão será marcado em tempo anunciado.*

### **CRÔNICA 16<sup>185</sup>**

Esta a ponto de expirar o velho 89. Não há muito chamou pelas horas.

- Vinde, filhas!

Elas vieram. Doze... Uma, duas, três, quatro, cinco. Não; era, doze: faltava uma. Contavam-se todas, na câmara sombria a que o ancião se recolhera para morrer, com a seriedade dos

---

<sup>185</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 29 dez. 1889, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, pp. 233-234.

patriarcas, saturados da compreensão das coisas e da noção da vida que morrem como adormecem.

Por uma janela aberta sobre a tarde, via-se grande placa avermelhada de crepúsculo, cor de fogo, na beira do horizonte, espessando-se para o alto em denso colorido de cobre, fendida a certa altura por uma facha negríssima de *stratus*, como se encontra, nos crepúsculos dramáticos de Doré.

O campo embaixo, vinha do horizonte raso como um mar. Ao longe, era a planície negra, com uma insensível ondulação de colinas, na extrema. A menor distância, esfumava-se em tons mais claros, apanhando um pouco de luz refletida do céu.

Nada, entretanto, se via de interessante, na vastíssima planície, nem mesmo muito perto. Não havia vegetação notável; não havia edifícios; não havia sequer acidentes variados do solo. O olhar, afundando-se por aquela sucessão de sombras rasteiras, cada vez mais densas, esperava ver passar pesadamente a esfinge, o animal de pedra do deserto.

Nada se via, nada se ouvia, senão o mais compacto silêncio. Era tal o silêncio, que se poderia sentir dentro do ouvido a palpitação do sangue, como nos sucede, às vezes, contra os travesseiros.

Não era, porém, tranqüilo aquele silêncio. Atentando-se para a distância, como que se percebia no ar a transparência vibrante que paira sobre as chaminés das caldeiras. Ilusão provavelmente. O certo é que nascia da imensidade silenciosa essa penetrante melancolia dos cemitérios, ao cair da noite, que vem da terra, que é como uma transpiração de prece dos túmulos para os céus, que é talvez uma comunicação dos mortos para nós.

## CRÔNICA 17<sup>186</sup>

Com extraordinária afluência de praças de polida montada, que revelaram este ano desconhecido fervor de devoção pela Virgem do Outeiro, realizou-se a festa da Glória.

Esta solenidade, apesar da tradição aristocrática do baile do palacete baía, é tão legitimamente popular como a romaria da Penha. Tem a mesma rosca de açúcar, a mesma rosca enorme da massa de pão, o mesmo registro bento, o mesmo rodaque branco, a mesma banha cheirosa, a mesma vela de promessa, a mesma promessa de subir de joelhos, o mesmo apetite religioso de *pic-nic*. Falta-lhe o pitoresco estrepitoso das andorinhas cobertas de ramos verdes; sobra-lhe, porém, a vantagem do fogo de artifício às 11 horas, que a arte pirotécnica do arraial da Penha não pôde ainda desmerecer.

Mas não é simplesmente a circunstância de ser popular que a torna simpática.

A romaria do Outeiro da Glória tem sido tradicionalmente um pretexto para um encontro anual de familiaridade do Imperador com o ínfimo povo. Povo e soberano recebiam-se amavelmente no vestíbulo sagrado da ermida, entravam ombro a ombro a orar em boa companhia e confirmavam assim de parte a parte, à sombra da mesma benção de um sacerdote, os compromissos de mútua fidelidade.

A consciência desta festa, acompanhada da sua tradição de homenagem de um soberano á pura democracia, com a efervescência política do momento, em que somos testemunhas da demanda sôfrega do poder por quantos sentem no fundo da consciência a avidez do patriotismo subsidiado, deve fazer pensar os amigos sinceros da evolução liberal.

---

<sup>186</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 18 ago. de 1889, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, Vol. VII, pp. 129-130.

Que são todos eles, os declamadores dos grandes princípios? Inimigos da conservação de hoje, para fazer a conservação de amanhã. Conservadores do dia seguinte.

Os homens que estão de parte, excluídos pelo sorteio feliz do acaso da obrigação de diretamente carregar o peso da organização social ou da suave necessidade de contribuir imediatamente para fazê-lo maior, estes podem assistir com indiferença o debate da nova ordem. Mas aqueles, menos felizes, cujas espáduas estão em demanda, os eternos mariolas do carro das instituições, devem olhar um pouco para cima e verificar bem se vale a pena trocar o frete.

Dada a hipótese da existência de um ministro de energia e honra, que significa um trono? O esplendor maior do aparato do poder. Os imperantes de origem popular têm forçosamente de montar o esplendor do poder público, como têm de organizar a conservação da ordem. A realeza tem mais ouro; a aristocracia dominante mais ferro. O imperante eleito tem de se fazer seguir por um esquadrão; o imperante hereditário bastaria que se fizesse seguir por uma guarda de tradições dinásticas... E, esplendor por esplendor, seria de mais efeito uma guarda de fantasmas...

Vai esse trecho de opiniões retrógradas em comentário da festa tradicional da fraternidade do soberano com o povo, que por sinal falhou completamente desta vez, faltando ambos, monarca, povo e ao encontro na ermida, por se achar a passeio o primeiro, e porque o segundo entendeu razoavelmente que era de pouco respeito galgar até a ermida, debaixo do aguaceiro que correu no dia 15, para ir mostrar a Nossa Senhora uma pobre devoçãozinha entanguida.

## CRÔNICA 18<sup>187</sup>

“Hoje para os crentes renasce a luz. Aleluia!

Eles passaram de joelhos a semana; agora erguem a fronte para o oriente da ressurreição. Bendita luz e abençoados fiéis, que vão gozar o benefício dessa aurora no embaraçoso prosseguimento da viagem na vida.”

## CRÔNICA 19<sup>188</sup>

Vieram felizmente os Chilenos.

Não trouxeram só a visita de uma Nação Amiga, nem o aparato de ferro de um magnífico encouraçado sobre as águas da Guanabara, nem o desembarque de uma brilhante maruja de bravos homens de guerra e irresistíveis cavalheiros, trouxeram principalmente – um fato notável, para a semana passada.

Antes deles, que foi a semana?

Uma série de casos dramáticos muito corriqueiros, esplêndidos para os locais rocambolescos de gazetilha.

Suicídios... a peste fluminense, que parece destinada a suplantar a reputadíssima febre amarela, a ativa e escaveirada diplomata, a ilustre e eficacíssima representante dos créditos da nossa nacionalidade no mundo Europeu.

Ninguém ainda pensou em uma vantagem dos suicídios, para contrabalançar a opinião retrógrada dos que implicam com esta solução liberal das aventuras de cada um na sua vida.

Clima de devastação é o nosso, sol homicida, terra mortífera. Cada um dos dardos da fulguração do céu é uma

---

<sup>187</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 06 abr.. de 1890, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, Vol. VII, pág. 310.

<sup>188</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 13 out. 1889, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, Vol. VII, pp. 174-175

agulhada da Parca ferozmente dirigida a espetar uma existência; de cada poro do chão brota uma foicezinha afiada da morte alastrando uma seara de aço, a que vai de encontro funestamente e fatalmente o fio condenado dos nossos dias.

Entretanto, tão pouco se morre, apesar dessa conta inavaliável de destinos perdidos, que ainda fica espaço, na horrenda reputação de insalubridade, para um homem de *próprio motu* dar cabo do canastro.

Vivam os suicidas! Vivam ou morram, como for mais expressivo de exclamar triunfalmente. Eles que se matam copiosamente, entre nós, é que entendem que não se morre de mais por aqui, que é uma calúnia a nomeada de terra maldita que nos injuria no estrangeiro. Entendem-no e afirmam energicamente, com a violência restrita de um nó de corda ao laringe, com a eloquência larga de um gesto rasgado de tripas ao ar e sangue ao sol. Em contestação da má fama do nosso ambiente cada coágulo do seu sangue é a página de uma proclamação, e cada corpo de língua roxa em vômito a pender de um caibro é o estandarte de um protesto.

## CRÔNICA 20<sup>189</sup>

As qualidades do monarca expatriado tiveram só o defeito de encobrir muito, interrompendo-se entre a atenção do velho mundo e a vida nacional, as qualidades do povo brasileiro.

A Europa conhecia o Sr. D. Pedro II, admirava-o e supunha-se dispensada de verificar que espécie de agrupamento de homens ondeava, degraus abaixo do solo imperial. A conseqüência disto era a ignorância desatenta em que se acharam sempre a respeito do Brasil os povos mais adiantados,

---

<sup>189</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 08 dez.. de 1889, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, pág. 218.



e foi extravagante a impressão da nossa revolução no ânimo dos jornalistas da maior parte das folhas até agora recebidas no Rio de Janeiro.

A Europa conhecia da América do Sul, um rei muito bom, muito sábio, de grandes barbas brancas e membro correspondente de quase todas as sociedades científicas do mundo. Sabia que esse rei governava com sabedoria e bondade um povo numeroso sobre uma nação vastíssima, meio simplório com escravos, e portador convicto de grossos anéis e volumosos brilhantes nos dedos respectivos.

Um dia, constou que se fizera um grande movimento nos estados desse soberano e que fora abolida a escravidão. Não se tratou de verificar se uma campanha humanitária de iniciativa popular precedeu esta reforma, nem que massa de sacrifícios se acumularam no preparo da evolução, através de tardos e longuíssimos anos... Estava acabada a escravidão, nessa terra distante? Foi sem dúvida nenhuma o rei bom e generoso que libertou os escravos, convenceram-se logo. E toca a saudar o grande rei, que soubera impor, magnânimo, ao seu duro povo a violência de uma medida de civilização e caridade.

Passados tempos, a Europa, absorvida no terror do seu equilíbrio político, toda cuidados para que não estourem antes do tempo os quilos de pólvora acumulada para meter medo a si mesma, preocupada com os cálculos dos orçamentos que a extenuam, das despesas militares para garantir a importância de caprichos, em que o bem da humanidade é uma ridícula ponderação inatendível; a Europa, toda política européia, que não tem olhos nem para ver que a anexação do Rio Grande do Sul é uma coisa mais de dar que pensar do que quantas Carolinas e Tonkins e Massouahs tenham feito suar os seus ambiciosos de conquista – sabe vagamente que novo movimento

abalou a existência do tal povo longuínquo, do país vastíssimo e do sábio e bom soberano de barbas brancas...

Deve ter sido ainda coisa magnífica devida à ditadura do soberano... Não! hesitam, porém; trata-se exatamente da deposição do rei, que é um ato de ditadura que ele próprio... Quem sabe? Mas não! foi o povo! Como é isso?! Havia então outra vontade? Não! é um tumulto... fazemos votos pela vitória de Sua Majestade, que é a vitória do liberalismo e da civilização, contra os selvagens!... Mas o rei aí vem exilado?! ... Ah! já sabemos, povo digno de execração! Já sabemos! O rei fizera a libertação dos escravos; eles vingam-se... Já sabemos! O primeiro ato da revolução depois de condenar o sr. D. Pedro II ao exílio à mendicância dos proscritos, vai ser a restauração da escravidão e do tráfico. Alarma civilização! Aos bárbaros brasileiros!

E tudo isso porque assim se escreve a história e porque tivemos a ventura de possuir um soberano, tão digno de veneração pessoalmente, que a pátria teve de separar-se dele, por força a fatalidade do progresso, guardando-lhe em memória um tradição de saudade.

### **CRÔNICA 21<sup>190</sup>**

Uma questão literária... ou de colégio, parece-me.

No empenho de chamar a atenção dos literatos para o estudo dos clássicos e a propósito de um verso de Virgílio:

*Hectores, Andromache, Pyrrhin'connubia servas?*

---

<sup>190</sup> Raul Pompéia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 18 ago. de 1889, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, pp. 12.

apareceu na revista Brasileira o escritor\*\*\* - ou o Sr. Cândido Mendes, com vênias da indiscrição – ocupando 23 páginas para dar a verdadeira interpretação desse verso. Vinte e três páginas para um pobre verso!... Enfim, a verdade vale bem um sacrifício; mas deu-nos a ele a verdade?... O escritor começa rejeitando, como impróprias, todas as versões mais autorizadas: de Castilho (José), Caboret, Santos Rego, Barreto Feio, Novais e outros, para concluir com a sua, a *nec plus ultra*: Ó Andrômaca, a quem guardas, aqui, a fé conjugal, a Heitor ou Pirro? Que eu peço licença para rejeitar também, se não por extensa, ou demasiada, ao menos por muito malcriada...

Um homem de espírito não insulta uma senhora, perguntando-lhe se é fiel – se guarda a fé conjugal a este ou aquele marido, e o que Enéas perguntou foi:

Andrômaca, és tu de Heitor ou és de Pirro? Exatamente e justamente, como aprendi no colégio, com o Cônego V...

... Diferença capital entre ele e o Cônego Ferreira!

## CRÔNICA 22<sup>191</sup>

### ***Glória Latente***

Até que, sentindo no pensamento as idéias nítidas, recortadas como arabescos em aço e a grande vida da paixão como um tumulto de asas de águia num entalho de escarpas; delineada a pauta da meditação; a harmonia geral do poema como preludiada em sinfonia; o ardor nervoso, que precede a composição, mordendo o freio de ouro do metro e da disciplina planejada, sôfrego como um cavalo de guerra num começo de

---

<sup>191</sup> Raul Pompéia, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 set. 1888. Repr. Revista Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, V. 41, in Afrânio Coutinho, *ob.citada*, vol. VII, pp. 121-124.

balada: - plenamente possuído da obra, ele resolveu-se a tomar a pena.

No papel em branco, lustroso, iriava-se por uma zona estreita um reflexo do claro dia. Ele deixou-se fascinar pelo brilho da folha. Era como um rio de luz infinitamente.

O primeiro canto celebraria a Vontade e o Amor, inteligência e instinto, as feições primordiais da existência poeticamente delimitadas e o encontro destas energias, distintas, confundindo-se como sexos, ou divergindo violentamente para mover os dramas da natureza e da humanidade. A Vontade agita o caos; o Amor encaminha a agitação; a Vontade cria o mundo, o Amor perpetua.

Concluiria por um quadro do terror dos homens pré-históricos, nas vésperas de um grande cataclisma...

Ao alcance da mão tinha o tinteiro, algumas gotas do sangue negro dos livros.

Era aquilo a forma. Bastava colher habilmente no cristal o fio líquido e desfiar na página. Ali dormia o estilo na síntese fluida do bocal, a cor, o desenho sábio da palavra.

Palavra?... Sim, o veículo da vaidade de que o escritor depende, palavra, o mesmo vil instrumento das permutas do interesse e do apetite.

Uma dúvida de repugnância paralisou-lhe a pena.

- escrever: formular, comunicar. Mas que pretendemos dos outros? Aplauso? A arte que vive do aplauso rebaixa-se, prostitui-se; as chamas ardem para cima. Critério? A arte que não tem apoio na convicção da própria força sucumbe; a hesitação atrofia e anula; a arte forte cresce de si mesmo, organicamente. De que lhe podia valer a eleição do vulgo? Formulem os músicos ambulantes da expressão, os mercadores de espírito, que vão de feira em feira, pelas cidades da tolice ou

um macaco esperto, os mercadores de plástica, que descem em público a imaginação, pobre escrava palpitante, e oferecem a pura carne à fome grosseira de quem a compre, a flor da epiderme cultivada ao dente brutal das feras do prazer. Formulem os pregoeiros de opinião, pagos a preço de renome, em moeda corrente de lisonja, e os outros, os que vencem, os grandes homens do ventre, mordomos do consumo dos povos, chamados políticos, supostos governos, preciosamente agaloados por maior brilho de ucharia, às ordens do Vulgo poderoso...

O canto segundo resumiria a construção histórica da Vontade: sociedade, impérios, as corrupções, as guerras acabando pelo espetáculo de Roma espavorida, estalando as calçadas de mármore das praças sob o galope da cavalaria dos bárbaros.

- Podia escrever, admitiu. E molhou a pena. Uma lágrima mais grossa da tinta voltou ao tinteiro. Podia escrever. Findo o trabalho, perfeito de grandiosa inutilidade, entregá-lo-ia ao fogo. Ninguém saberia daquela existência artística ali começada, ali destruída: ele só, depois da alegria da criação, sem apreço, sem desdém, assistindo, de alto, ao merecimento da obra, como a divindade indiferente que visse esgotar-se a vida emprestada a um meteoro.

Que sublime poder, esta imolação da vaidade ao orgulho! O livro em retorno ao não-ser original, independente de estranho juízo, glória bravia de estrela, vivida, consumida num recanto insondado do espaço, longe da admiração, longe do olhar, virgem da crítica, alheia aos homens como a fatalidade!...

O canto terceiro seria a notícia épica dos fatos do Amor, religiões, com o argumento das filosofias, perseguições, martírios, num quadro da Idade-Média. Serviria de remate à

agonia do último Cruzado em São João d’Acre, velho, esquecido desde muito da sua dama, negando Deus, prevendo e lamentando um futuro a chegar em que a Vontade predominaria inteiramente, vestida na frase de todos os disfarces, saudando enfim a Morte, a terrível amiga e conselheira, que havia de sugerir um dia a verdade da vida como sugeriu as crenças vácuas e as meditações inanes...

- Mas escrever fora provar: a consciência perfeita não ensaia. Demais, que pretendia escrevendo? Castigar na tortura da fórmula a idéia livre, encadear as ondas do pensamento, a tormenta infrene da paixão, escravizar à norma a sua força, feliz inteiramente, sobre aquele mundo incriado, como espírito do Gênesis sobre as águas.

Bastava-lhe sentir e pensar intensamente a alma dos homens, vibrar como um eco o sofrimento, o entusiasmo dos semelhantes. Para que transmitir? Poder é a força em si. Realizar é somente a expansão ocasional, a expansão é o suicídio da força. O vocabulário define a idéia; a encarnação limita o Verbo. Amesquinha-o.

Não! Gozaria no íntimo o egoísmo ignorado da pujança. Seria a sua alma para ele próprio espetáculo. Ser uma alma completa: que mais? O seu poema aprofundaria os seus amores, servir-lhe-iam as idéias para a visão lúcida das cousas: seria poeta como um forte na barbaria primeira, antes da linguagem. Que sólido descanso repousar a mediocridade obscura sobre a força que produziria um universo! Tranqüilizar a inércia sobre a glória de poder!

O poema voltaria ao cristal como a gota escapada à pena. Não baixaria à fórmula. Ignorá-lo-ia o mundo. Ignora-se também o diamante primitivo na obscuridade compacta das minas negras. Far-se-ia o sepulcro do seu orgulho, satisfeito de conservar inviolada a psique no mistério da renúncia...

Renunciou.

## CRÔNICA 23<sup>192</sup>

### ***Imprensa e Suicídios***

Um lamentável incidente divulgado pelos noticiários da imprensa fluminense, trouxe à discussão a sempre debatida tese do suicídio.

Lavra entre nós a mania do suicídio! Alarma!

Procura-se o micróbio. Onde está o gato? Qual é o veículo propagador da peste?

Descobriu-se que os suicídios vêm de três causas especulativas: o revólver, a corda, o instrumento em suma, causa imediata; a notícia, causa mediata; a corrupção social, causa mediata remota.

A descoberta da primeira causa não tem grande merecimento como invenção; reina completo acordo entre as opiniões a respeito. A segunda presta-se a discussões. A terceira dá no vinte.

Acabe-se com as notícias de suicídio!

Dizem que a notícia escandaliza e promove. Como escândalo, habitua o público a esse gênero de rumor. O conhecimento da repetição e da freqüência tira prestígio à tragédia. Familiariza-se a gente como suicidou-se ontem... como já nos familiarizamos com os desastres de bonds, que mil vezes ensangüentam a crônica diária da cidade; como se relacionam em camaradagem as crianças como papão, depois de um certo número de aparições pavorosas. Dizem que, de tanto ler notícias de suicídios, ficam todos com vontade de provar; as terríveis

---

<sup>192</sup> Raul Pompéia, *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1885, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, vol. VII, pp. 31-34.

linhas do noticiário abrem o apetite; gera-se a sedução sombria e, daí a pouco, estão todos a dar prejuízo às sociedades de seguro de vida.

Pode ser. Mas, então, é preciso haver coerência. A notícia freqüente de suicídios promove suicídios; a notícia freqüente de furtos deve igualmente excitar pruridos de gatunos... A notícia das fraudes, os escândalos da embriagues, da prostituição, as aventuras amorosas dos vadios de casaca, as locais de bebedeira, toda a amassa de assuntos que o povinho ávido cheira e devora nas gazetilhas; todo esse movimento das ruas; esses encontrões com a vergonha e com a miséria; essas colisões da curiosidade inocente das meninas, com as reticências medonhas do noticiário impressionista; essas barrigadas involuntárias do leitor sisudo com o noticiário impressionista, naturalista, ditado pelo Zola invisível das ocorrências diversas; tudo isso dever-se-ia retirar da imprensa, a bem das conveniências morais do próximo. Tudo isso corrompe, habituando o público ao espetáculo da sociedade tal qual ela é, não aos olhos de todos os que vivem no recato da família ou da profissão absorvente, que consome as atenções do indivíduo, mas tal qual se apresenta à vista de lince do repórter, do esgaravata-boatos, fonte subsidiária das crônicas.

Conheço uma gentil criança, leitora recente da imprensa diária, que confessa adoravelmente, com toda a candura de uma carinha angélica, que as notícias que mais lhe agradam, são as de desastres; e desgosta-se, quando a vítima sai simplesmente contusa. Para ela o noticiário deve ser uma cousa assim, como a tragédia infantil do Barba-Azul.

O público tem este gosto. O noticiário tem uma poesia para ele, poesia tanto mais querida e saboreada, quanto mais encarnada e cruenta. Quem tiver horror ao sangue feche os olhos. A folha vive para a maioria.



Exatamente o mesmo, relativamente às outras notícias: quem tiver pudor encalistre-se, diante de uma local obscena; quem tiver honradez, horrorize-se à vontade, diante da narração do furto de um queijo; pode-se, até, gabar-se, consigo mesmo, de estar muito acima dessas misérias; quem for eleitor incorruptível, cuspa em cima do nome do político, honesto a três por dous e virtuoso à vontade do freguês; quem for incapaz de um assassinio estoure, sem-cerimônias de santa indignação, ao ler um bárbaro assassinato.

A publicação destas cousas tem mesmo a vantagem de fazer o leitor capacitar-se, cada vez mais, de que é uma alma pura, um coração de ouro e um caráter de aço!

A notícia dos suicídios tem, por sua vez, a vantagem de convencer aos assinantes de que, embora seja grande o número de tolos, eles assinantes ainda estão fora.

Então, não é magnífico?!

E, depois, é duvidoso ainda, se efetivamente a eliminação da notícia e do escândalo acarreta a diminuição do número dos atentados da criatura humana contra si mesmo.

*Post hoc, ergo, propter hoc?*

Por que o suicídio vem depois da notícia, a notícia provocou o suicídio?

Não senhores! é preciso estudar profundamente o estímulo ocasional dos fatos. A notícia do suicídio influirá poderosamente sobre o maníaco que possuir já a predisposição para receber essa influência.

Em geral, a imitação nasce da semelhança do caráter do modelo com o caráter do imitador, que verdadeiramente – repete, não imita. Uma série de fatos nascidos do mesmo gérmen patológico de uma sociedade não são imitações, mas reproduções congêneres.

Guerrear pelo silêncio a mania suicida não é remédio eficaz.

Procure-se outro.

Dadas as circunstâncias, um homem, arrebatado, põe termo à existência. Que circunstâncias são estas?

Aqui, os moralistas enfiam por uma série de cousas que eu poupo ao leitor e chegam à conclusão de que o suicídio, em porção, é um dos variados aspectos da moléstia social da humanidade corrompida.

Esta madeira podre dá muitos cogumelos. Enumeremos alguns:

Cogumelo nº 1 – Suicídios, já o sabemos;

Cogumelo nº 2 – Baixa do câmbio da vergonha, no mercado político;

Cogumelo nº 3 – Desmoralização da família;

Cogumelo nº 4 – Prostituição em grosso.

O estado, meditador profundo e capaz, oportunista *bon gré, malgré*, entendeu que o melhor meio de tratar a questão da prostituição, é pregar-lhe às costas um regulamento. E vai regulamentar a prostituição.

Eu proponho que se resolvam da mesma forma as outras questões.

Faça-se um regulamento minucioso para os galãs pelintras e para as rodas que eles exploram;

Faça-se uma tarifa razoável e clara para as transações políticas;

Faça-se um regulamento para os suicidas, proporcionando-lhes o Estado meios de arriar comodamente a carga da vida, sem grave desgosto para os que ficam;

Estou bem certo, vai esta teoria dos regulamentos mudar em céu aberto esta famosa sociedade, onde a escravidão é o elemento primordial das prosperidades; onde o Sr. Moreira de

Barros é liberal; onde a popeline é uma instituição; onde o Sr. Coelho Bastos é chefe de polícia.

## CRÔNICA 24<sup>193</sup>

### ***O Carnaval no Recife***

*(Impressão de viagem)*

Às quatro da tarde, começa.

O povo alvoroçado derrama-se pelas ruas.

Encarapitam-se às guarnições de ferro das pontes, formando verdadeiros cachos humanos, cujo aspecto caprichoso a placidez das águas reproduz em grandes manchas escuras incertas que o refluxo do rio não consegue dissolver. Apinham-se ao longo das calçadas e em toda a linha do cais; enchem as praças.

Às janelas, de todos os andares de todos os prédios, as senhoras debruçam-se, olhando, sobre a multidão, massa preta confusa de ombros e chapéus que se agita, produzindo um vasto zumbir de vozes e de passos.

Pouco a pouco, começa a negra multidão a pontear-se de cores claras.

Aqui vermelho, acolá verde, roxo àquela esquina, azul mais adiante, branco em muitos lugares. Multiplicam-se os pontos e as cores, surgem, na onda do povo, como estrelas, ao cair da noite, uns após outros, aos grupos, às porções, alinhados, dispersos.

Em meio do povo abrem-se sulcos e por aí desfilam intermináveis bandos de homens e mulheres fantasiados. Vão chegando os *maracatus*.

---

<sup>193</sup> Raul Pompéia, *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1886, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, pp. 42-44.

Antes das seis, o carnaval tem conquistado a cidade.

A massa viva dos transeuntes perde o primitivo aspecto geral de negrume, à invasão das cores claras que surgem de repente, como nascidas da calçada. Modifica-se de todo a fisionomia das ruas e das praças.

Dominava a cor preta, o caleidoscópio transformou-se; vai dominando agora o branco.

Por toda parte o *maracatu*.

O uniforme desses originalíssimos bandos de foliões é uma combinação do branco com todas as cores possíveis. O branco em dous terços, na proporção.<sup>194</sup>

De cima, das altas janelas, vê-se como inundação aquele tumulto de refolhadas vestes brancas, gorros brancos que dançam, braços brancos que se elevam, alçando pandeiros, amplos calções nitentes que saracoteiam, pantufos de neve que saltitam e uma tempestade de fitas multicores, doudejantes sobre os grupos, como irados coriscos.

Presencia-se, então, o conflito das duas cores opostas. O preto e o branco, confundem-se, como no entremeado das tábuas de xadrez, ou separam-se distintos em zonas sem mescla, como na bandeira prussiana.

Giram em turbilhão, comprimem-se, repelem-se, tentam de parte a parte rechaçar a cor adversa e conquistar o domínio exclusivo das ruas.<sup>195</sup>

Não dura muito o combate.

Notavam-se já em diversos pontos repentinas explosões de alva poeira.

As explosões tornam-se mais freqüentes. Rebentam de todos os cantos. Alvacento nevoeiro espalha-se em transparente camada sobre o povo. Começa o entrudo do polvilho.

---

<sup>194</sup> Aqui, o autor comenta, metaforicamente que dois terços da população brasileira era branca, um terço formada por escravos. A mestiçagem é a combinação das cores.

<sup>195</sup> Este parágrafo e o anterior expressam a mistura e a união das raças nas manifestações populares.

As insolências da água nos nossos entrudos fluminenses, mal dão idéia do arrojo audaz da irreverência, do polvilho e da maisena do entrudo pernambucano.

Não pode mais resistir a cor preta. O reforço do polvilho vem dar vitória ao branco.

O nevoeiro, alvacento engrossa-se. Ombros e chapéus primitivamente negros, alvejam agora como se lhes caísse a neve por cima.

Não se distingue mais o *maracatu* no meio do povo.

Não há mais chapéu, não há mais ombros. Não se distinguem braços nem pandeiros.

À medida que se vai cerrando o crepúsculo, um daqueles límpidos crepúsculos do Norte, cerra-se igualmente a tempestuosa nuvem de polvilho.

Uniforme brancura opaca e imóvel substitui a perspectiva acidentada da multidão em tropel.

Dos elevados pontos de vista nada mais se percebe através da nuvem.

Ouve-se apenas lá embaixo o alarido do povo em festa e a música selvagem e rude do maracatu, meio africana meio indígena, barulhos de guizos, roncões de buzinas, trovoadas de tambores.

## CRÔNICA 25<sup>196</sup>

### ***Céu e Inferno***

Se a nossa política não fosse um inferno de reputação firmada, um inferno completo, com todos os seiscentos mil diabos da praga popular, inferno com chamas e caldeiras, inferno com Lúcifer, com Belzebu, com Leviatã, com Balberite,

---

<sup>196</sup> Raul Pompéia, *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 14 jan. 1886, Repr. *Diário de Santos*, São Paulo, 17 jan. 1886, in Afrânio Coutinho, *ob. citada*, pp. 40-42.

com Astaró, com Belias, Beenuto, Oilete, Delfegor, Sabatã, Axafá, Cacos, Lucésnio, com todos os demos conhecidos e desconhecidos, desde o bisbórrria, eleitor canalha, até o canalha ministro, pouco mais ou menos bisbórrria como o eleitor; se a política não fosse um perfeito inferno, com esta errata apenas; - onde houver Pedro Botelho, leia-se Pedro Segundo;<sup>197</sup>

Se a política não fosse isto, eu diria que a política é tal o céu.

As mesmas nuvens passageiras e fúteis, as mesmas carrancas de fumaça, que o vento transforma ou apaga, as mesmas colorações vãs, que fulgem por instantes e desaparecem, os mesmos raios olímpicos, que um fio de platina desatina e nulifica. O firmamento político tem tudo; até aquele fundo que se avista pelas aberturas do véu insignificante e pretencioso dos nimbos, o verdadeiro céu, distante, silencioso; sem o Júpiter tonante e fanfarrão das trovoadas, mas onde as estrelas brilham em paz, contentes de ser estrelas; - que o são os espíritos calmos dos patriotas, apartados, observando, de cima, o movimento espetaculoso das banalidades triunfantes do momento.

Com a proximidade do dia das urnas, o céu político contrai a fisionomia, num ríctus tremendo de deus zangado.

Vamos ter borrasca; não há dúvida. Preparam-se evidentemente os raios. Trovões longínquos avisam; os ciclopes ferem com força as incudes, nas profundas do horizonte. Aí vêm os raios!

Um ou outro corisco, caído por descuido, vai já levando a devastação aos mortais. *Sauve qui peut!*

A nuvem mais temerosa é o déficit, nimbo da cor da tinta das repartições, suspenso sobre todos como um penedo ameaçador prestes a vir abaixo.

---

<sup>197</sup> A pontuação foi assim utilizada pelo autor.

Como é de formação antiga, e muito conhecida, todos habituaram com ele; ninguém mais faz caso dessa nuvem. A tempestade que se teme agora é de cantadas mais baixas da atmosfera. O vento cresce, daquela nuvem negra que aparece.

Tropas para o Norte, tropas para o Sul, tropas para Minas, tropas para o Atlântico, Patronas e baionetas nos quatro pontos cardeais. A esta cruz da rosa dos ventos, vão pregar a soberania nacional.

Bastante apreensivos são estes senhores do poder! Não valia a pena gastar pregos com tal soberania: bastavam cordas. Cordas de tripa, por exemplo, como as das rabecas. Sabem que a melhor maneira de amarrar uma consciência é por meio das tripas. Os homens prendem-se bem como os macacos pela barriga. O intestino delgado dá uma boa corda para se conter a impertinência da muito famosa vontade livre do cidadão. Com o emprego público e o suborno direto, para que soldados?

Se o Sr. Conde d'Eu deseja exercitar as suas tropas, mande-as ao Realengo.

Que significam as sonhadas insurreições de São Paulo? Que significam os boatos ameaçadores que se pretende assassinar José Mariano, no Recife?

Que sentido têm as notícias desanimadoras dos Ilhéus, de Minas e do Rio Grande do Sul?

Estas interrogações vão ter respostas amanhã.

Vamos ter a explicação deste aspecto tenebroso, do céu político. Vamos ver a cara da soberania nacional crucificada. Nada mais interessante!

Seja qual for o resultado, há de ser cousa digna desta grande situação conservadora – negreiros triunfantes, capitães do mato no poder.

Seja qual for o resultado, havemos de ter mais uma demonstração do quanto é inferno este céu político, onde faz de

anjo o Sr. Conselheiro Henriques e onde fazem de nuvem  
cambiante as tricas do interesse e as conveniências da pança.



## TEXTOS DE OLAVO BILAC

### POESIA 01<sup>198</sup>

#### ***Inania Verba***

Ah! quem há de exprimir, alma imponente e escrava,  
O que a boca não diz, o que a mão não escreve?  
- ardes, sangras, pregada á tua cruz e, em breve,  
Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbrava...

O pensamento ferve, e é um turbilhão de lava:  
A Forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve...  
E a Palavra pesada abafa a Idéia leve,  
Que, perfume e clarão, refulgia e voava.

Quem o molde achará para a expressão de tudo?  
Ai! quem há de dizer as ânsias infinitas  
Do sonho? e o céu que foge à mão que se levanta?

E a ira muda? e o asco mudo? e o desespero mudo?  
E as palavras de fé que nunca foram ditas?  
E as confissões de amor que morrem na garganta?!

### POESIA 02<sup>199</sup>

#### **A um Poeta**

Longe do estéril turbilhão da rua,

---

<sup>198</sup> Olavo Bilac, in Massaud Moisés, *ob. citada*, pp. 228-229.

<sup>199</sup> *Idem*, pp. 232-233.

Beneditino, escreve! No aconchego  
Do claustro, na paciência e no sossego,  
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego  
Do esforço; e a trama viva se construa  
De tal modo, que a imagem fique nua,  
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício  
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,  
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,  
Arte pura, inimiga do artifício,  
É a força e a graça na simplicidade.

### CRÔNICA 01<sup>200</sup>

Qualquer um de nós pode, com maior ou menor esforço, fixar em versos mais ou menos perfeitos uma idéia mais ou menos nova. Tudo é questão de estudo e paciência: não há dificuldade que a pertinácia não vença; e fazer jogos malabares com as palavras é prodígio que só pode maravilhar os que não se iniciaram no ministério dessa arte vulgar. Que valem nossos sonetos, nossas baladas, nossas fantasias de vôo curto? O artifício chinês, que consome um ano de trabalho em cavar e arrebicar o pedacinho de marfim para dele poder extrair uma maravilha de escultura microscópica, tem mais valor do que qualquer um de nós... Poetas, como o maior de nós, aparecem

---

<sup>200</sup> Olavo Bilac, in Alexei Bueno, *ob. citada*, pp. 17-18.

às dúzias, por ano, por esse vasto mundo; aparecem, brilham um momento, e apagam-se e desaparecem, como flóculos de espuma, no mar sem raias do tempo. “Poeta” quer dizer “criador” – continuador e rival de Deus, capaz de tirar a luz das trevas e à inércia da morte a palpitação da vida... Nós outros somos os miniaturistas do sentimento, os fabricantes dos pechisbesques literários, que a moda aclama e repele, ao sabor dos caprichos. Um capricho nos eleva, outro capricho nos abate: e, dez anos depois da nossa morte, já os homens acham aborrecido e pretencioso aquilo que tanto esforço nos custa.

### CRÔNICA 02<sup>201</sup>

É um caso comovedor, o do suicídio desse velho alemão, que se enforcou anteontem, em Petrópolis. Tinha setenta e cinco anos e era cego: velhice e treva, cansaço e desespero levaram-no a apressar o termo de uma vida, que, depois de um ardente verão de trabalho e febre, agonizava num escuro inverno de tédio e tristeza.

Esse homem – cujo nome não escrevo aqui, porque devo respeitar seu desejo de sair obscuramente e sem espalhafato de uma existência que lhe pesava – foi um dos fundadores da bela Petrópolis tem menos de setenta anos de idade – pois surgiu, como por encanto, das terras que em 1845 dois mil colonos alemães começaram a cultivar naquela radiante cumeada da serra da Estrela. Creio que o suicida de anteontem foi dos primeiros colonos que desbravaram aquele solo virgem: se não foi dos primeiros, não foi dos últimos. Os seus olhos ainda viram, coberto de matos ásperos, o lugar em que hoje esplende a nossa linda cidade de verão; onde há hoje palácios, avenidas

---

<sup>201</sup> Olavo Bilac, in Alexei Bueno, *ob. citada*, pp. 517-518.

largas, suntuosos passeio, havia então uma brenha brava, uma vegetação possante e feraz, ligada pelo emaranhamento dos cipós, sacudindo no alto as folhagens penadas do jacarandá e as comas das sapucaias esmaltadas de grandes flores brancas.

Nesse tempo, o colono, que ontem saiu voluntariamente da vida, devia ter vinte anos... lentamente, de progresso em progresso, viu ele, durante mais de meio século, a cidade esplêndida sair da bruteza da terra, - como uma borboleta de asas douradas sai de dentro de uma feia lagarta. E, durante esse meio século, com que prazer, com que legítimo e sagrado orgulho os seus olhos satisfeitos deviam contemplar aquela civilização, para cujo desenvolvimento maravilhoso tinham cooperado os seus braços, a sua robustez física, a sua energia moral, a sua atividade de homem válido!

Mas, de repente, a cegueira implacável estancou nos seus olhos esse prazer, e privou-o desse orgulho. Já agora podia a cidade arrear-se de galas e de louçanias, podiam as fábricas rumorejar na agitação fecunda do trabalho, podia a vida elegante da gente rica encher aquelas alamedas de perfume, de riso, de alegria: - o velho colono já não tinha olhos para ver a formosura da princesa da Serra, nascida e crescida à sua vista sob a benção paternal do seu carinho... É quase certo, para mim, que foi esse desgosto que levou ao suicídio o velho colono; para esse desgosto ele não achava consolo nem na riqueza, nem no afeto da família, nem na satisfação de ter bem cumprido o seu dever na terra. Setenta e cinco anos de idade, - e cego! Decididamente, se não há suicídios que se aconselhem ou aprovem, - há suicídios que se compreendem e desculpam...

## TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS

### CRÔNICA 01<sup>202</sup>

Março de 1878<sup>203</sup>

#### I

O prazo é longo, mas desta vez a história é curta.

Porquanto: - eu não posso gastar cinquenta resmas de papel a dizer:

- Que calor!
- Faz muito calor!
- O calor esteve horrível
- Estamos ameaçados de uma horrível seca!
- Etc.
- Etc.

Posso? Não posso. Seria matar-me a mim e ao leitor, - dois casos graves, e não sei qual deles mais grave, não sei. Talvez... não, não digo: sejamos modestos e não magoemos o leitor.

Ora, a história do mês passado não é outra. Aqui e ali um acontecimento, raro, medroso e pálido (com algumas exceções), mas a grande história, essa pertence ao fogo lento com que este verão assentou de matar-nos.

Felizes os que vão a Petrópolis, Teresópolis, Friburgo, todas essas cidades de nomes gregos ou germânicos, e clima ainda mais germânico do que grego. Esses não sabem o que é pôr a alma pela boca afora, trabalhar suando, como suam as bicas da rua; não sabem o que é ter brotoeja, não dormir, não comer, e (daqui a pouco tempo) não beber...

---

<sup>202</sup> *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, 1878, in Machado de Assis, *Crônicas*, Vol. III, 1946.

<sup>203</sup> Houve um processo de atualização ortográfica deste texto, realizado pela pesquisadora.

Tu e eu, leitor agarrado à capital, tu e eu sabemos o que foi o demônio do Fevereiro, mês inventado pelo diabo. Logo, excusa contar-te a história do calor, que tu sabes tanto como eu, talvez melhor que eu.

## II

Disse acima que os sucessores foram pálidos, com algumas exceções. Exemplifico: a eleição na Glória, onde foi um pouco vermelha.

Correu sangue! Mas por que correu sangue? Quem o mandou não ficar parado, como os tálburis sem frete, ou como os relógios sem corda? Não sei; mas a verdade é que ele correu e a igreja ficou interditada.

Pessoa que assistiu ao rolo diz-me que só altares foram invadidos por grande porção de gente que ali se refugiou para escapar a algum golpe sem destino. De onde concluo que a religião não é tão inútil como a pintam alguns filósofos imberbes. Ao menos, se não faz respeitar o sagrado recinto, serve de refúgio aos cautelosos.

Valha-nos isso!

Uma eleição sem umas gotinhas de líquido vermelho equivale a um jantar sem as gotinhas de outro líquido vermelho. Não presta; é pálido; é terne; é sem sabor. Dá vontade de interromper e bradar:

- *Garçon! un pen de sang, s'il vous plait.*

Quando chega a morrer alguém, minha opinião é que a eleição fica sendo perfeitíssima – opinião que talvez não seja a mesma do defunto.

Mas o defunto teve uma grande consolação; morreu no posto da honra, no exercício dos seus direitos de cidadão. Bem

sei que a morte é a mesma, mas antes isso que morrer de febre amarela.

## POESIA

Fragmento<sup>204</sup>

*“Mais, quoi! J’ai fait une chronique  
Politique?  
Parbleu! Ce fut sans lê savoir.  
Donc, bonsoir.”*<sup>205</sup>

---

<sup>204</sup> Este é apenas um fragmento de um poema de Machado de Assis, sem título, publicado in Machado de Assis, Crônicas, Vol. III, 1946, pág. 20

<sup>205</sup> “Mas que, lá faço eu uma crônica / Política? / Por Deus! Pois eu a fiz sem saber. Então, boa tarde.”, *idem*.

## TEXTO DE MÁRIO DE ANDRADE

### **Garoa do meu São Paulo**<sup>206</sup>

Garoa do meu São Paulo  
- Timbre triste de martírios –  
Um negro vem vindo, é branco!  
Só bem perto fica negro,  
Passa e torna a ficar branco.

Meu São Paulo da garoa  
- Londres das neblinas finas –  
Um pobre vem vindo, é rico!  
Só bem perto fica pobre,  
Passa e torna a ficar rico.

Garoa do meu São Paulo  
- Costureira de malditos –  
Vem um rico, vem um branco,  
São sempre brancos e ricos...

Garoa sai dos meus olhos.

---

<sup>206</sup> Mário de Andrade, *Garoa do meu São Paulo*, in Dantas Motta, *Mário de Andrade – poesia*, Rio de Janeiro, Agir, 1969, pág. 76.



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)